

DANIEL MORAES BOTELHO

**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO PERSPECTIVA PARA
UMA OUTRA VIAGEM TURÍSTICA: REVISITANDO OS
PASSOS DO GUIA – EDUCADOR COM VIAJANTES NA COSTA
DOCE/RS.**

**RIO GRANDE
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL
2007**

DANIEL MORAES BOTELHO

**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO PERSPECTIVA PARA
UMA OUTRA VIAGEM TURÍSTICA: REVISITANDO OS
PASSOS DO GUIA – EDUCADOR COM VIAJANTES NA COSTA
DOCE/RS.**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, da Fundação Universidade Federal do Rio Grande.

Área de concentração: educação ambiental não-formal.

Orientador: Dr. Victor Hugo Guimarães Rodrigues.

Co-orientador: Dr. Paulo Roberto Rodrigues Soares.

**RIO GRANDE
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL
2007**

DANIEL MORAES BOTELHO

**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO PERSPECTIVA PARA UMA
OUTRA VIAGEM TURÍSTICA: REVISITANDO OS PASSOS DO
GUIA – EDUCADOR COM VIAJANTES NA COSTA DOCE/RS.**

Dissertação aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, da Fundação Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Comissão de avaliação formada pelos examinadores

Dr. Victor Hugo Guimarães Rodrigues
(FURG)

Dr. Paulo Roberto Rodrigues Soares
(UFRGS)

Dr. Humberto Calloni
(FURG)

Dr^a. Ivana Maria Nicola Lopes
(FURG)

Dr. Gomercindo Ghiggi
(UFPEL)

B748e Botelho, Daniel Moraes
A Educação ambiental como perspectiva para uma outra
viagem turística : revisitando os passos do guia-educador com
viajantes na Costa Doce/RS / Daniel Moraes Botelho._
Rio Grande : FURG, 2006.
145p.

Dissertação (mestrado) – Fundação Universidade Federal
do Rio Grande. Programa de Pós-Graduação em Educação
Ambiental, Rio Grande, BR-RS, 2006. Orientador :
Rodrigues, Victor Hugo Guimarães.

1. Educação ambiental - turismo. 2. Viagens turísticas-
imaginação.I. Rodrigues, Victor Hugo Guimarães, org.II.
Título.

CDD577.07

Dedico à memória do meu pai, que me ensinou a viajar com a alma. Em especial à minha irmã, Fernanda, companheira de invenções e reinvenções do cotidiano que possibilitam a criação de novos sabores, perfumes e cores, das aventuras de cada momento das nossas vidas. Com todo meu carinho é para vocês...

AGRADECIMENTOS

Pai, Mãe, Ricardo, Fernanda, Juliane, Marcela, Pedro, Manuela, obrigado por entenderem tanta ausência, tanta estranheza, tanto mau humor e tantas descobertas. Valeu pelos abraços calorosos e beijos que só vocês sabem dar, obrigado por me abrigarem no pensamento e no coração, amo vocês. Mauro, pela cumplicidade de todas as horas, ouvindo minhas descobertas e meus devaneios. Márcia, pelos momentos de inquisição que me ajudaram a compreender um pouco mais do meu ser. Marta, pelos momentos de devaneio na adolescência. Jussara, a quem ensinei e hoje me ensina a buscar os resultados finalísticos. Franciane, por tanto falar e me fazer calar, possibilitou ótimos *insight*. Elizete, com quem aprendi, metaforicamente, a comer pilhas. Maria Lúcia, uma outra mãe que descobri, ajudou a construir o professor. Michele, Cristiane e Ângela, parceiras para um outro turismo. Meus alunos, valeu a confiança e as homenagens, hoje também sou o resultado do nosso convívio. André e Camila, companheiros de viagem, obrigado. Viajantes da Costa Doce esse caminho construí com vocês, fica a vontade de uma nova viagem. Encantadora Ivana, nossas conversas, tuas observações, hoje minha realidade, valeu! Paulinho, pelas poesias geográficas que nas rugosidades do espaço te (re)encontro. Victor, chegamos aqui e entendi que tudo vale, tudo vale, quando encontramos algo no “vale” (do dever escolhido e cumprido), valeu! Aos companheiros de Cassino Lú, Marcus, Fabi, Tony, Tati, Índio, Negão, Flavio, Gugu, Melissa, Denis, Fão, Carla, Héliida e Baixinho, valeu! Mea (mestrado em educação ambiental), por me ensinar que não há maior perigo que a terra firme. UCPel e Senac, pela oportunidade para a realização de outras viagens turísticas. Fica aqui meu muito obrigado a todos!

SUMÁRIO

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Lista de Ilustrações..... | 07 |
| Resumo..... | 08 |
| Abstract..... | 09 |
| Introdução | 10 |
| Capítulo I - Os caminhos do guia-educador: o passado (re) inventa o presente..... | 17 |
| Capítulo II - A viagem turística no contexto da pesquisa: do problema da pesquisa ao método de análise das experiências com os viajantes na Costa Doce..... | 36 |
| Capítulo III – Eu lente, concha, incenso, banquete antropofágico: por uma viagem interior..... | 46 |
| Capítulo IV - A educação ambiental na idéia de humanização das viagens turísticas..... | 60 |
| 4.1 Sustentabilidade(s) para a habitabilidade do Planeta..... | 61 |
| 4.2 Educação Ambiental: um princípio às viagens turísticas..... | 64 |
| 4.3 A humanização das viagens: a idéia de Jost Krippendorf na perspectiva de uma educação ambiental na viagem turística | 72 |
| Capítulo V – Viajando com os viajantes na Costa Doce: um exercício para a interpretação das viagens..... | 80 |
| 5.1 Itinerário I na Costa Doce: Viagem a São José do Norte..... | 82 |
| 5.2 Itinerário II na Costa Doce: Viagem à Pelotas Colonial | 87 |
| 5.3 Itinerário III na Costa Doce: Viagem a São Lourenço do Sul | 93 |
| 5.4 Unidades e categorias da análise dos diários de bordo dos viajantes na Costa Doce | 98 |
| 5.5 Descrição das imagens e textos produzidos pelos viajantes | 100 |
| 5.6 Categorias para a interpretação dos contextos em análise..... | 109 |

| | |
|---------------------------------------------------------------|-----|
| 5.7 Interpretando as viagens dos viajantes na Costa Doce..... | 112 |
| Considerações finais do guia-educador-ambiental | 122 |
| Bibliografia citada | 127 |
| Bibliografia complementar | 130 |
| Registro fotográfico itinerário I | 132 |
| Registro fotográfico itinerário I | 133 |

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Ilustração 01: Costa Doce..... | 39 |
| Ilustração 02: Representação da análise de conteúdo..... | 43 |
| Ilustração 03: Etapas da análise de conteúdo..... | 44 |
| Ilustração 04: Quadro interpretativo da abordagem à Educação Ambiental..... | 68 |
| Ilustração 05: Quadro da inferência dos aspectos psicológicos/sociológicos/educativos despertado pelas viagens | 76 |
| Ilustração 06: Quadro dos temas e contextos para análise | 99 |
| Ilustração 07: Quadro do código e categorias de análise..... | 99 |
| Ilustração 08: Imagem da representação do lugar/ V1a | 100 |
| Ilustração 09: Imagem da representação do lugar/V1b | 101 |
| Ilustração 10: Imagem da representação do lugar/V1c..... | 102 |
| Ilustração 11: Imagem da representação do lugar/V1d | 103 |
| Ilustração 12: Quadro categorias e contexto 01 | 109 |
| Ilustração 13: Quadro categorias e contexto 02 | 110 |
| Ilustração 14: Quadro categorias e contexto 03 | 111 |

RESUMO

Este trabalho pretende compreender a educação ambiental como perspectiva para uma outra viagem turística, revisitando os passos do guia-educador com viajantes na Costa Doce. Tal proposta justifica-se como um direcionamento através de um estudo da prática do guia de turismo e professor que busca, com o turismo, o despertar para uma relação mais harmônica do ser humano com o espaço visitado, propondo, na experiência turística, outras relações entre o eu-lugar-outro. A metodologia empregada apóia-se nos pressupostos básicos da educação ambiental, na imaginação criadora de Gaston Bachelard e nos sonhos para reinventar e humanizar as viagens turísticas. As repercussões deste trabalho buscam despertar imagens, nos viajantes da Costa Doce, para possibilitar que os mesmos possam produzir diferentes interpretações de três questões de pesquisa: o encontrar-se a si próprio, o viver e o agir de forma diferente e as estratégias de educação para as viagens. Com a interpretação dessas questões é que se busca a inferência da educação ambiental nas viagens turísticas.

Palavras-chave: Educação ambiental, imaginação, turismo, sonhos e viagens turísticas.

ABSTRACT

This paper intends to understand the environmental education as a perspective to another tourism trip, revisiting the steps of the guide-educator with the Costa Doce travelers. Such proposal is justified as a direction, through the study of the practice of the tourism guide and teacher, that seeks with tourism the arouse to a more harmonic relation of the human being with the visited space, proposing in the tourism experience other relations between myself – landscape – the other. The methodology used is supported by the basic ideas of environmental education, the creator imagination of Gaston Bachelard and the dreams, to reinvent and humanize the tourism trips. The repercussions of this paper seek the arouse of images, in the Costa Doce travelers, to produce different interpretations of three research questions: the idea of finding yourself, the idea of living and acting in a different way and the strategies of education for the trips. With the interpretation of the these questions is quested the interference of environmental education in the tourism trips.

Key-words: environmental education, imagination, tourism, dreams and tourism trips.

INTRODUÇÃO

O século XXI é marcado por mudanças sociais, ambientais, políticas e econômicas, reveladas nas diferentes esferas do saber, do fazer e do ser. Na perspectiva desta dissertação, as mudanças permeiam a educação e o turismo. A educação que apresento refere-se ao processo de construção do conhecimento e desvelamento do mundo que, diante de outras abordagens, vem estimulando os educadores a (re)pensar o pensamento, uma contribuição para o acordar do homem quanto ao seu entorno, por meio da construção de novos valores e atitudes em prol de uma vida mais harmônica. Assim, evidencio a educação ambiental como essa outra abordagem para o mundo contemporâneo.

A compreensão de uma educação ambiental no turismo é o resultado do meu despertar no Mestrado em Educação Ambiental (MEA). As diferentes abordagens apresentadas pelo programa se revelaram como possibilidades para repensar e aguçar indagações sobre a minha área de atuação, da educação formal no turismo para os ambientes da não-formalidade.

Para este repensar do turismo, encontrei caminhos e não respostas prontas no MEA. As idéias do Dr. Sírío Lopez Velasco, na disciplina de Fundamentos da Educação Ambiental, proporcionaram-me entender a educação ambiental como uma fonte qualificada para problematizar o cotidiano e promover a libertação do homem, com capacidade de inseri-lo no contexto social–econômico–ambiental. Uma possibilidade para deixar de lado aquela visão antropocêntrica e cristã de ver o mundo, partindo para uma visão biocêntrica. Um elo de lig(ação) entre a teoria da conduta ecológica e a conduta efetiva, que logo deverá ser socializada para realizar-se em uma conduta ecológica socialmente generalizada. Uma proposta para ser investida nas viagens turísticas. Enfim, uma possibilidade de efetivar, no turismo, um compromisso entre a teoria e a prática para essa conduta ecológica.

A abordagem da Ecologia do Desenvolvimento Humano, apresentada pela Dra. Mariângela Yunes, permitiu estabelecer o desenvolvimento humano como (re)ação ativa, considerando que a pessoa é uma entidade em crescimento, capaz de penetrar no meio em que reside e reestruturá-lo. E, igualmente, entender que o meio exerce sua influência, a qual exige a interação mútua entre a pessoa e o meio ambiente e é caracterizada por reciprocidade. Abre-se como uma perspectiva para,

nas viagens, os lugares visitados contribuirão na construção de outros valores em relação ao chamado meio ambiente.

Na Sociologia e Meio Ambiente do Dr. Aloísio Ruscheinsky, abriu-se um caminho para identificar, na Educação Ambiental, uma educação crítica da realidade vivenciada, formadora da cidadania e capaz de transformar valores e atitudes através da construção de novos hábitos e conhecimentos. Conseqüentemente, criadora de uma ética sensibilizadora e conscientizadora para as relações integradas do homem–sociedade–natureza, uma referência para encontrar um elo entre as idéias de humanização das viagens turísticas.

Já as idéias da complexidade, apresentadas pelo Dr. Humberto Calloni, permitiram-me abrir, ainda mais, este caminho da educação ambiental no turismo. Com ele, percebi que o conhecimento é biodegradável e a sua degradação tem despertado a possibilidade de um novo conhecimento: no contexto desta pesquisa, um outro caminho para as viagens turísticas.

Assim, as diferentes abordagens apresentadas revelaram-se um desafio para buscar, na minha prática profissional, uma prática de educação ambiental. As idéias da Dra. Susana Molon, da subjetividade e constituição do sujeito em Vigotsky, possibilitaram-me perceber que, neste processo de educação ambiental e turismo, uma interface fundamental está na constituição do sujeito, que se constrói *na e pela* interação com os outros, bem como um resultado de relação – isto não significa dizer que o sujeito está pontualmente formado – em um processo, pois ele é permanentemente constituído. É uma contribuição para sinalizar que as viagens turísticas não são apenas fruição consumista mas, se repensadas, poderão contribuir para constituir um (outro) sujeito.

Nesse caminho para a perspectiva da educação ambiental no turismo, as idéias do Prof. Dr. Victor Hugo Guimarães Rodrigues, com a sua Ecologia Onírica, proporcionaram-me estimular a idéia do ser que sonha acordado, do ser que se reinventa e reinventa o mundo, o ser que se encontra e se percebe. Nesse processo de percepção o ser se constitui, estimulando uma capacidade para, então, perceber os outros e, desse encontro, despertar para o seu entorno, possibilitando uma mudança de atitudes frente ao que encontra.

Novos rumos se abrem para o turismo. Este estudo é o esforço de discutir a educação ambiental no turismo como forma de estabelecer outros laços no panorama atual do fenômeno turístico; a contribuição do mestrado sinaliza que a expectativa de

uma educação ambiental nesse contexto é uma idéia muito além da face meramente física e biológica, que muito se associou ao ecoturismo. Minha proposta é trabalhar com a educação ambiental no turismo como um todo, buscando o ser integral (o reconhecer-se e descobrir-se) para, então, se poder tatear e perceber os lugares visitados, como forma de transpor as facetas comerciais do turismo clássico. Esse outro caminho para as viagens são um estímulo para (re)pensar as viagens tradicionais, buscando nos antecedentes da história do turismo a idéia de *viagem* como perspectiva de aprendizado e de trocas igualitárias e harmoniosas entre os envolvidos na arte de viajar.

É na viagem turística que encontro a interação entre a educação ambiental formal e não-formal, cujos instrumentos, por vezes associados aos espaços formais de educação, podem migrar para os espaços da informalidade, assim como minhas propostas que se destinam a turistas e a estudantes, configurando o que denomino de uma outra viagem turística. Não pretendo aqui propor um estilo para tais viagens, afinal cada viagem é única e nunca se repete. Mas é nessa viagem turística que me entrego para discutir a educação ambiental no turismo como possibilidade para realizar uma outra viagem turística, mais humana, mais rica em experiência e comprometida com a construção do ser humano.

Romper com o modelo de turismo existente é uma tarefa difícil, pois de um lado encontro os agentes turísticos, organizadores de viagens e produtos turísticos, oriundos de um método *clássico de turismo*¹ e, de outro lado, os turistas, motivados e manipulados para consumirem os clássicos produtos ofertados. Essa idéia de manipulação está associada à origem do turismo organizado, o qual se solidificou com o advento da revolução industrial como uma forma de manter ocupado o tempo livre dos operários.

Não é pretensão ir contra o sistema instaurado na sociedade consumista da atualidade. O que quero com, essa proposta, é ir ao encontro de outras possibilidades as quais, dentro dessa lógica, nas rugosidades desse sistema, possam reinventar a viagem turística. Essa reinvenção significa facilitar, relacionar, inquietar, envolver, compartilhar, apaixonar e entusiasmar o viajante para a descoberta de si e daí perceber os outros e as outras formas de viver, uma idéia que encontro em Francisco Gutiérrez (2000), na sua obra *Ecopedagogia e Cidadania Planetária*.

¹ Esse método significa a transformação dos lugares em cenários postais, uma maquiagem para apenas atrair a atenção consumista do visitante.

O turismo é um fenômeno que me inquieta e me apaixona. Trilhar o turismo por essa vertente da Educação Ambiental faz-me acreditar que isso esteja associado à minha própria constituição acadêmica e profissional. Ao transitar pela Engenharia Civil e a Geografia, cheguei a outras perspectivas, desencadeando uma maratona pela geografia do turismo, com a qual identifiquei as diferentes nuances que envolvem o turismo, percebendo o sentido de uma viagem comprometida com os turistas, com os lugares e com as populações “nativas”. Na minha formação de guia de turismo há muitos encontros e confrontos, aos quais se somaram as discussões da Geografia, resultando em trabalhos e projetos que consideram os princípios de uma viagem como possibilidade para a descoberta interior. Como eu dizia, *a viagem é uma porta aberta para que possamos conhecer o “eu” desconhecido*.

Os colegas de profissão, guias de turismo e educadores, reconhecem esse outro olhar, mas talvez o processo de formação desses profissionais ainda reproduza as viagens “estandardizadas”. O que vejo são formas clássicas de viajar, além das viagens para os destinos turísticos consolidados, onde os lugares mais se parecem com cenários de uma novela global, tanto que, quando esse destino é veiculado por essa mídia, a demanda de turistas se duplica/triplica. Assim, os viajantes, por alguns dias, garantem o glamour de um astro global, nas peripécias da fruição consumista de passagem.

Reinventar a viagem turística, nesta pesquisa, refere-se às viagens realizadas com o propósito de envolver sentimental e fisicamente os viajantes, passando de uma *viagem passiva*² para uma viagem ativa, com o envolvimento físico, com o despertar das sensações e sentidos de primeira mão (tato, olfato, paladar e visão). Acredito que isso é um estímulo à tomada de consciência de cada ser em si.

As viagens que aqui apresento foram realizadas para lugares próximos ao ambiente dos viajantes (turistas e estudantes), como uma idéia *de ir para fora aqui dentro*³. A realização dessas viagens, por vezes, foi sugestão dos viajantes, por outras, foi força do destino, como no caso de meus alunos.

² Considero a viagem passiva um empobrecimento da percepção e do ato de registrar uma paisagem. Como se a realidade fosse uma representação estática e imutável do lugar, passível de ser contemplada. Como se aquele que olha não sofresse qualquer alteração significativa através do seu gesto e do suposto objeto escolhido para sua observação instantânea.

³ Uma idéia de Carminda Cavaco (1997), que traduzo como a possibilidade de proporcionar ao viajante a descoberta da sua região, estimular um outro olhar sobre o seu lugar, bem como ir para dentro de si na busca de um outro eu.

Nesse sentido é que venho procurar, nessa outra viagem turística, o encontro consigo, o encontro com o outro e a mudança de atitude e valores, considerados por mim como referências para uma educação ambiental e como possibilidade de humanização das viagens turísticas. Esta dissertação é o espelho no qual procuro investigar minha prática, meus passos como guia-educador. Para essa investida, apóio-me nas idéias de Gaston Bachelard, sobre um ser onírico, um ser feliz, um ser que sonha, um ser que poetiza a vida, o qual acredito revelar-se a cada viagem aqui apresentada. Esse é um exercício para o ser despertar em si a capacidade imaginativa, agregando à experiência turística o sentido de um outro olhar. Segundo Bachelard, a imaginação é o lugar do encantamento, da admiração, do maravilhamento, da invenção, da criação e da descoberta de novidades, forçando-nos a recriar o mundo a cada instante da nova vida imaginada.

No turismo, esse redescobrir, recriar e reinventar um outro olhar é defendido por Jost Krippendorf, ao apresentar suas teses para a humanização das viagens. Nesse processo de humanização, reitero os princípios da educação ambiental, a qual estimula uma mudança de atitudes e valores. A educação ambiental na viagem turística é o que venho vasculhar para me encontrar e me constituir em um guia-educador ambiental.

Os caminhos para esta pesquisa são percorridos pela minha memória, em um esforço de buscar o ser que se busca. Assim, a história de vida assume um papel importante, na qual surge meu mundo de indagações para a constituição dos referenciais que sustentam esse esforço.

Neste aprendizado, o primeiro capítulo é dedicado à minha história de vida nos caminhos que constituem o guia-educador, pois é de mim que nasce essa prática que se pretende entender. É dessa história que surge o mundo de indagações feitas para problematizar o tema, a educação ambiental e o turismo.

O segundo capítulo procura esclarecer o problema de pesquisa no contexto do turismo, bem como o caminho proposto para a investigação. Para sustentar essa investigação, adoto uma abordagem qualitativa ao tratar de um tema imbricado com as questões de humanização; tanto a educação ambiental quanto turismo têm como protagonistas o homem, suas relações e seu entorno.

Ao observar este protagonista que viaja, o terceiro capítulo transita pelo mundo do onirismo para entender a idéia de uma viagem interior, como forma de garantir a tomada de consciência do ser sobre si. Por tratar-se de um tema que traz a

viagem turística para o debate da educação ambiental, é importante considerar a viagem interior nas viagens turísticas, o que poderá garantir a percepção do ser humano com relação ao universo em que está inserido. Também nesse capítulo as idéias de Gaston Bachelard se revelam para esse *encontrar-se consigo*.

Diante de uma tomada de consciência dessa viagem interior é que apresento os caminhos para a educação ambiental, à qual dedico o quarto capítulo, para provocar a interlocução entre as idéias de sustentabilidade do planeta apresentadas por Genebaldo Dias e as abordagens da educação ambiental mencionadas por esse mesmo autor e por Michele Sato, Maria Tozzoni-Reis, Francisco Gutiérrez, além dos princípios estabelecidos pela Política Nacional de Educação Ambiental e o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, das quais procuro uma abordagem de educação ambiental para o tema em destaque.

Estes referenciais permitem estabelecer um vínculo entre a educação ambiental e a idéia de humanização das viagens de Jost Krippendorf, para assim obter as questões de pesquisa. O descobrir-se a si próprio, as mudanças de atitudes e o (re) aprender a viajar são quesitos para verificar se as práticas desenvolvidas pelo guia-educador contribuem para uma educação ambiental nas viagens turísticas, para a minha constituição em guia-educador ambiental.

Para responder às questões de pesquisa e identificar, nessa outra viagem turística, as práticas e instrumentos para uma educação ambiental (no universo formal para os espaços da informalidade), utilizo como instrumento o meu diário de bordo e os apontamentos dos viajantes na Costa Doce. A esse processo descritivo denomino de *diário de bordo onírico das experiências com viajantes na Costa Doce*, o qual é apresentado no quinto capítulo, para então, por meio da interpretação deles, encontrar respostas que procurei e aqui apresento.

Esse diário de bordo onírico é o resultado material das sensações, experiências e emoções do guia-educador e seus viajantes. É nele que repousam as sensações e as emoções do ser feliz, o ser que sonha e está apto a tomar consciência de si e de sua infinita possibilidade de ser capaz de sorrir, de ser poeta e frente às próximas viagens turísticas, de encontrar outras possibilidades para a sua reinvenção.

Considero essa investigação o início para outras abordagens no turismo. Ela não significa um fim em si, pelo contrário, é nela que encontro a possibilidade para sustentar outros debates sobre o fenômeno turístico. Estou convicto de que algo mudou e, após esses mergulhos, volto à superfície para me enriquecer com aquilo

que provoço, para saber os caminhos a não seguir, pois o caminho certo, este é uma constante busca, um constante experimento a que me dedico a cada dia.

As considerações finais externam essas possibilidades, não as considero uma conclusão, pois pensar a educação ambiental no turismo requer entender que o resgate de informações é determinante para as decisões tomadas, as quais geram minha ação e, nesse momento, uma nova informação se (re)produz e então o caminho segue em uma espiral sem fim.

A consciência desse processo nasceu das leituras estimuladas pelo mestrado. Os autores que se apresentam no corpo do texto desta dissertação servem como uma referência para seguir o meu caminho, bem como as idéias das diferentes abordagens da educação ambiental nesse mestrado. Vertem hora no texto, hora no subtítulo desta pesquisa. Não significa aqui uma obra acabada, pois ela é o início de um caminho que, perante o passado, reinventa o presente e conduz a um futuro, que já foi presente e passou.

Reitero a idéia de que trabalhar com educação ambiental e turismo significa um processo contínuo de aprendizagem, para aprender a despertar. Se fosse possível ter um sinônimo para esta abordagem da educação, diria ser um despertar para si, para o outro e para o todo, porém esse despertar de atitudes e valores inevitavelmente nos levará, a cada dia, a um novo despertar, como o despertar de cada nova viagem, dados os novos sabores, as novas cores, as novas melodias, os novos perfumes e as novas manifestações possíveis de encontrar. Fica aqui um convite para essa viagem turística, como um exercício de educar pelo e com o ambiente que se revela, a cada viagem, ao nosso redor.

CAPÍTULO I OS CAMINHOS DO GUIA-EDUCADOR: O PASSADO (RE)INVENTA O PRESENTE

Quando ingressei no Mestrado em Educação Ambiental, a primeira proposta era a de compreender a minha prática enquanto educador e guia de turismo. Evidente que ainda não sei ao certo separar essas duas profissões, pois elas se fundem e se confundem no meu cotidiano.

Estou em frente ao espelho para mergulhar em mim e perceber a minha geografia tátil, contornar meu mundo de indagações para encontrar os sinais de uma viagem interior. Sei que tenho muitos caminhos para percorrer, para poder estabelecer no outro o meu espelho, me ver no outro, me experimentar no outro que se experimenta.

Essa proposta de investigar minha prática requer um (re)encontro comigo, extraíndo da minha história de vida os elementos dessa pesquisa. É por essa proposta receosa que procurei enveredar. Isso explica um pouco a minha relação confrontadora com meu orientador, o qual me estimula a (re)visitar a minha prática.

No começo desse exercício, questionava-me quantas imagens cabem em mim? A lição inicial é de caberem em mim todas as imagens pensadas e aquelas que (re)penso e imagino criativamente hoje. Vasculhando o guri, o estudante, o universitário e o profissional, faço aqui o que denominei de exercício da autotradução.

Ano de 1967, súbito vim ao mundo em uma típica cidade do interior do Rio Grande do Sul, Pedro Osório. Uma cidade originária de uma vila de operários ferroviários, antes chamada de Vila Olimpo, às margens do rio Piratini. Um bucólico cenário para uma criança capaz de curtir a mágica das massas da padaria, as viagens cinematográficas e os mundos imaginários⁴ do circo.

Apresento alguns coadjuvantes, embora sem saber exatamente quando os papéis de coadjuvante e protagonista se sobrepujam. Afinal, esta tarefa é um mergulho no eu conhecido e no eu por conhecer. Durante muitos anos, minha maior companheira foi a Marlene (um pouco mãe, irmã, amiga), empregada doméstica da minha avó. Quem me dava banho em um chuveiro inventado pelo meu avô, fazia

⁴ Esse capítulo aborda a teoria da imaginação por meio de notas explicativas. Não significa trazer um conceito pronto, definido e acabado da imaginação, pois conforme Bachelard, a imaginação não é um caminho pré-determinado sobre o qual deve seguir o filósofo em direção às imagens.

creme de laranja e contava algumas histórias. Minha avó era o sinônimo de severos olhos de vigilância. Meu avô, um ser humano especial, por vezes um herói, por outras um anônimo, tão comum que se tornava um ídolo, um guru, pois os seus passos me conduziam a um mundo fantástico: o circo.

Para compor estas imagens da minha história apresento meu pai, um homem leve e suave cujos princípios eram a paz e a harmonia com a família, amigos e conhecidos. Ele, o meu pai, compunha-se de um violão, saudosas melodias e um prazer intenso de fazer pão, além de um assobio melódico, que ainda ouço. É emocionante falar do pai, o som do violão embalava meu sono. Nas noites quentes de verão lá estava ele, olhando as estrelas, assobiando, ou ressonando em uma cadeira, sempre sereno, sempre com uma palavra amiga a afagar um coração apertado.

Minha mãe me faz lembrar de um episódio marcante, o momento em que não queria perdê-la. A sensação de perda tem origem na história que ela contava, dizendo que eu não era filho e tinha sido encontrado em uma lata de lixo, fato que deixava meu pai inquieto. Eu ficava desconfiado, por vezes acreditava, por outras o melhor era acreditar que não passava de uma brincadeira. Mas a história ficou marcada. Quando fui para a escola pela primeira vez, lutei muito para não me afastar da minha mãe, tinha medo que ela me esquecesse, pois não estaria mais na volta. Mas, para eu encarar a escola, levei umas boas palmadas, até hoje minha família julga que esse fato (das palmadas) me fez enfrentar a escola. De fato, foram as lágrimas da minha mãe, ao me bater, que me levaram a correr o risco e ir para a escola.

Meus irmãos, Ricardo, o mais velho, na memória da minha infância, só fez algumas pontas, mas foi a quem sempre procurei observar e considerar seus silenciosos conselhos. Fernanda (três anos mais velha que eu) foi a grande parceira das viagens dessa infância. Inventávamos, brincávamos e brigávamos (quando a brincadeira era de eu ser a ovelha negra da família, o que ganhava maior ênfase com a música da Rita Lee), mas no fundo sempre companheiros. Ah! Quantas brincadeiras! Juliane (11 anos mais nova que eu) foi um belo presente na adolescência, com ela passava de protagonista para diretor do filme que quisera ter feito.

No começo da infância, lembro de uma criança vigiada pelos olhos repreensivos da avó e os de transgressão do avô. Naquele tempo de infância, importava era a chegada do final de semana para ir ao cinema, à padaria e ao circo, quando esse aparecia por lá. Ir ao cinema era uma ótima experiência, pois o porteiro

era meu pai, então assistia, quantas vezes quisesse, a todos os filmes. Ia bem cedinho, então escolhia a melhor poltrona ou recebia os bilhetes com ele, só para ficar analisando as pessoas e ouvindo as histórias do meu pai sobre futebol e música. Quando o filme começava, era hora de embarcar em uma nova aventura, ou ir para a sala de projeção, permanecer acompanhando a vida na frente das telas e levar para casa recordações daquele mundo cinematográfico, pois sempre tinha uma película sobrando por ali.

Após o cinema, aos domingos, ia com o pai até a padaria, ele também era o padeiro da única padaria da cidade. Enquanto ele acendia o fogo, eu ficava brincando em uma antiga máquina de fazer espaguete; naquele momento já ia incorporando as aventuras vividas no filme de minutos atrás. Outras vezes, quando ia lá, ficava brincando com um pedaço de massa de pão sovado (aquela mais durinha), como se fosse massa de modelar e ensaiava alguns modelos de pão, os quais delicadamente meu pai assava e levava para casa para eu comer. Isso era fascinante, pois tudo que imaginava era possível. Acredito hoje que, pelo simples fato de comer tais pães, eu estava me constituindo em minha imaginação. Então eu era o meu-eu da minha imaginação⁵.

Neste mundo da imaginação, o tempero essencial era o cinema e o circo, este último representava uns “cem” números de possibilidades para as semanas vindouras. O companheiro dessas viagens circenses era meu avô. Elas eram motivo de peripécias durante a semana, mas o que realmente me chamava a atenção na brincadeira de circo era a possibilidade de ir a lugares imaginários e/ou inimaginados; talvez a segunda opção, pois estes se configuravam pela mescla do cinema, das histórias e das possibilidades colocadas, dada a minha observação nas pessoas e suas histórias. Dentre as possibilidades circenses de criações que (re)constituíam as incríveis experiências, a Fernanda era a grande parceira, na criação de histórias com os pequenos fragmentos das películas cinematográficas.

Foi uma infância de muita criação e imaginação (como agora ao lembrar dessas experiências), um tempo em que os dias eram ditados por brincadeiras e não por horas. Brincar, raspar o tacho de doce, ouvir histórias eram momentos que

⁵ A imaginação pode ser considerada nesse contexto como um processo de trabalho que se aproxima do processo de trabalho do artista. Ambos adotam um tipo de comportamento denominado exploratório, isto é, dedicar-se a explorar as possibilidades, o que poderia ser. Imaginar é a capacidade de ver além do imediato, do que é, de criar possibilidades novas. É um processo flexível para sair do seguro, do conhecido, do imediato, e assumir os riscos ao propor o novo, o possível. (Arranha e Martins, 1986 p.376).

permeavam meu dia na espera da minha irmã chegar do colégio, e então nossos mundos se fundiam em uma terceira dimensão para delicadamente compor as personagens e vivenciar outras possibilidades.

Nas tardes amenas da primavera, acompanhava meu avô nas pescarias. Não curtia muito tirar os peixes da água mas, contraditoriamente, gostava de comê-los. Todavia, o que me chamava a atenção era a paisagem⁶ do lugar, as árvores, os bosques, a areia e as águas. Ficava horas ao lado do meu avô imaginando tantas coisas, pensando em cada elemento daquele cenário, até tomar coragem e vasculhá-lo e criar ali meu mundo e minhas brincadeiras e, por vezes, jogar algum peixe novamente na água, o que deixava meu avô um tanto irritado. Talvez, por isso, às vezes ele fugia de mim quando ia pescar.

Os últimos dias de primavera anunciavam o verão, e isso significava época de casa cheia: primos, tios e banhos nas águas do rio Piratini. Os coloridos dias de verão estimulavam as brincadeiras e os teatros que fazíamos nas casas imaginárias, como se fossem fragmentos de um filme, hoje, de Pedro Almodóvar⁷. Nessa época, não gostava muito de a Fernanda implicar demais comigo, principalmente nas brincadeiras em que definiam os papéis e eu era o empregado pois ela dizia que eu era filho de empregada e filho de empregada tinha de ser empregado (voltando às histórias da minha mãe e do tempo em que vivi sob os cuidados especiais da Marlene, quando todos brincavam que eu era seu filho, afinal, sou o único filho de pele mais branca e, na época, cabelos loiros).

A presença dos primos também se fazia nos feriados, na páscoa, nas festas de final de ano. Lembro que acreditava no coelho da páscoa e no Papai Noel, acreditei por muito tempo. Afinal, acreditar em algo que não era real, que não podia ver, era mágico, e eu fazia uma bela imagem. Um dia, dizem, cresci e precisei acreditar que era tudo mentira, exatamente assim, não foi fácil, porque essas imagens eram a coisa que mais gostava de criar.

⁶ Considerada como o espaço mediador para a vida e as coisas acontecerem – não o de receptáculo, mas o de permanente transformação, a de referências múltiplas: geográficas, psicológicas (lúdicas e afetivas), informativas; a de fonte de contemplação que, como a arte, pode significar um contraponto ao consumo; a de fonte de inspiração e, sobretudo, a de alimento à memória social, através de todas as suas marcas. (Yázigi 1997 p.133)

⁷ Essa relação com os filmes de Almodóvar refere-se à invenção das cores, dos cenários e dos perfis das personagens que criávamos, os quais reencontro, hoje, nos filmes desse diretor. Por outro lado, a visão cinematográfica faz parte do meu ser. Diria que as imagens dos filmes de Almodóvar são como um caminho que me leva até a infância.

Sete anos de idade e tudo mudou na minha vida. A Marlene, com quem dividia meu dia, casou-se e foi embora, e agora, o que fazer? Não tinha mais a Marlene e não ia ficar com a minha mãe, daí a história que já contei. Ir para escola traduziu-se no primeiro exercício que a minha mãe fez para me empurrar do ninho e começar a voar. Foi legal, logo superei, fiz (poucos) colegas, pois achei um lugar para a imaginação⁸ na sala de aula, e com ela eu me dava muito bem.

Para os professores, fui um excelente aluno, compenetrado, pois a imaginação estava lá e não tinha muito tempo para brincadeiras em sala de aula mas, quando chegava o recreio, aí brincava muito. Um dia aconteceu algo muito engraçado, estava com vontade de ir ao banheiro, a professora tinha-se ausentado por uns minutos, então eu e a imaginação resolvemos pular a janela da sala de aula para ir ao banheiro, uma transgressão prazerosa, pois sempre pensava sobre esta possibilidade. O resultado foi um sermão da professora e castigo.

O primeiro ano de escola foi no sistema público e, como era distante da minha casa ia de carona com o pai de um colega (um fusca laranja) e voltava com a professora (uma camionete vermelha). Ah! Coisa boa passear de carro todos os dias. Por outro lado, costumava me atrasar e perder a carona, travessura de criança, pois meu pai tinha de pegar a sua bicicleta e me levar até a escola. Isso era muito bom, isso era melhor que ir de carona (no fusca laranja). Eu ia sentado no quadro da bicicleta e meu pai assobiando, fazia a trilha sonora daquela pequena aventura.

Na segunda série, fui transferido para uma escola particular. Lembro que o primeiro dia de aula deu uma dorzinha na barriga, mas enfrentei. Esse foi um período meio tumultuado, me perdi por um tempo da imaginação, custou-me encontrá-la, pois a escola era religiosa e tudo me parecia pecado, então tinha de ir à missa etc. e tal. Mas logo me reencontrei com a imaginação, e com ela fui para o coral da escola. Enquanto cantava, imaginava as músicas, os lugares, as coisas, um momento de concentração na música. Foi aí que descobri as melodias de uma concha do mar. Depois vieram os presépios vivos, as festas juninas e os teatros na escola, a imaginação estava lá soberana entre outros (poucos) colegas.

⁸ A via imaginária, segundo Bachelard, visa encantar o mundo como forma de responder ao vazio existencial concreto, provocado pelas explicações científicas sobre o mundo. Para um criança que começava seu vôo, a imaginação representa nesse contexto da minha história, uma necessidade humana de desejar e de sonhar num processo de cultivo íntimo, de criar possibilidades a partir das impossibilidades, do encontro do homem consigo mesmo e com seu mundo.

Sempre poucos colegas, porque, quando saía da escola, queria era aproveitar ao máximo o tempo com a minha irmã, que também conhecia a imaginação; quantos mundos, quantas descobertas fazíamos juntos, até ela ir para outro turno da escola e se achar com as gurias, era hora de voar sozinho, novamente. Mas tudo bem, eu tinha ainda a imaginação e sempre criava algo, como os teatros com caixa de sapato; os meus carros e minhas estradas feitas com uma enxada; as bonecas da minha irmã – outras possibilidades, mas um guri só, com poucas amizades.

Nessa idade (10 anos), quando os primos chegavam, era só festa e grandes expedições, fugíamos para o rio, para brincar e atravessar as corredeiras (originárias de uma antiga ponte). Nesses momentos tinha a companhia deles, mas um mundo em paralelo, pois eu remontava às histórias contadas pelo meu avô sobre a ferrovia, sobre a construção da ponte, sobre a enchente que derrubou a ponte, além das aventuras cinematográficas, captadas pela minha retina.

Quando estava na quarta-série do ensino fundamental, conheci a Marta. Uma parceria que deu certo até hoje. Nessa época, tínhamos codinomes: a Caturrita e o Lagarto (batizados pelo meu avô: a Marta falava muito e eu gostava de ovo quente). Parece até dupla sertaneja, mas éramos uma dupla e tanto, se nas brincadeiras precisava de chuva, sem problemas, colocávamos uma mangueira no alto de uma árvore e pronto, tínhamos a chuva. Agora sim, tinha uma outra cúmplice, para as arrojadas criações teatrais, novelas, esconde-esconde. Foi bem na época em que nasceu minha irmã, a Juliane, por isso um belo presente. Eu e a Marta brincávamos com ela, então podia cuidá-la e brincar, enquanto minha mãe trabalhava.

No ano de 1979, meus pais abriram um negócio (Padaria Bom Gosto: a segunda na cidade). Com o tempo, as coisas mudaram, eu mudei, tudo mudou e novamente me perdi da imaginação. Estava no final do ensino de primeiro grau e tinha uma trajetória a percorrer, a antiga Escola Técnica Federal de Pelotas. Isso era bom, significava ir para Pelotas (o lugar aonde ia com meu pai, era festa o dia de ir para Pelotas, diante de tantas imagens novas para compor meus “devaneios”). Ingressei na ETFPel (hoje CEFET), fiquei por lá durante um ano, mas sem possibilidades de levar a imaginação, não sabia como lidar com ela por lá, talvez pela rigidez e controle dessa Escola. Então, resolvi retornar para uma escola pública de 2º Grau, na minha cidade, Escola Padre Anchieta.

No primeiro dia de aula na escola Padre Anchieta, fiquei espantado e surpreso com a imagem dela: uma escola pública afastada do centro da cidade, as salas de aula

não eram concentradas em um único bloco, todas davam acesso ao pátio, uma estrutura precária, porém com um ar de liberdade. Foi para lá que consegui levar a imaginação⁹, a qual se adaptou muito bem, pois a escola não tinha o ritmo militar da ETEP e tampouco a religiosidade imperativa da escola de ensino fundamental.

Passar dois anos na escola de ensino médio Padre Anchieta, foi um tempo de irreverência. Nesta época, muitos amigos: Marcus, hoje um professor de inglês; Rogelson, representante comercial; Mircia, dona de casa; Adriana, Aira e Aline, médicas. Essa turma sempre aprontava algo inusitado na escola (lembro um dia em que tínhamos uma avaliação de física e não tínhamos estudado. Esperamos abrir uma ferragem próxima à escola, compramos tinta e pincéis e resolvemos pintar a sala de aula. Resultado: a transferência da avaliação para um outro dia). No terceiro ano, cursinho pré-vestibular e dedicação, minha companheira era a Aira, com quem me punha a estudar, foi um ano de muito estudo e novos amigos. Estudamos muito, mas tive dificuldades nesse vestibular, estava concorrendo a uma vaga para o curso de arquitetura e não consegui a aprovação.

Não querendo ficar em Pedro Osório e tentar um novo cursinho e já chegando ao tal dos 18 anos, fui procurar emprego. Ingressei no Banco Itaú, uma boa experiência. Mudei de vez para Pelotas e dividi apartamento com mais dois companheiros, o Jayme e o Celso (Bidu). Além desses dois que comecei a conhecer, meu primo Everton (Índio) era um frequentador assíduo do apto. 403, no número 01, da rua Senador Mendonça (ponto ideal para pegar a *saideira*¹⁰ do Gonzaga). Foram três anos de descobertas, festas, noitadas, cervejadas. Mas sempre considerado por todos como um cara diferente, pois curtia ler. Frequentador assíduo de uma academia de ginástica, gostava de viajar e me dedicava ao trabalho.

Nas noites de tempestade, ficava só na sala olhando os relâmpagos e a chuva e ouvindo os trovões, momentos fantásticos para o encontro com a imaginação. Ficar em casa nos finais de semana era muito prazeroso, principalmente quando todos resolviam sair e eu na última hora desistia, para desfrutar de alguns momentos a sós, inventar e (re)inventar as músicas que ouvia. Esse tempo também me possibilitou ser

⁹ Esse reencontro com a imaginação criadora significa a possibilidade de reencontro com o sonhador, conforme Rodrigues (1999 p. 230) na imaginação vivida pelo sonhador, a viagem é feita por uma pluralidade de caminhos, lidando com a imprevisibilidade, a surpresa e o espanto, que permitem trabalhar com as imagens em seu grau máximo de estado nascente.

¹⁰ Termo utilizado na época, para ficar olhando a saída dos estudantes do Colégio Gonzaga.

mais sociável, conviver melhor com as pessoas, aprender a lidar com meus limites e com o dos outros, saber ponderar, saber (re)ver, enfim, tempo de aprender a viver.

Tempos de universitário

... do casulo para o mar,
o mar um casulo,
um casulo que se desfaz,
com a próxima onda do mar.....

(Botelho, 2005)

Após a minha experiência como bancário, ingressei na Fundação Universidade Federal do Rio Grande, foi um desses acasos da vida que dá certo. Fiz minha inscrição para o vestibular da UFPEL e FURG, a idéia ainda era o curso de Arquitetura, mas foi no de Engenharia Civil, FURG, que passei. Diria que foi um curso extremamente importante na minha vida, por descobrir que não era ele o desejado, mesmo sendo um dos melhores alunos da turma, devido a minha facilidade na área de exatas. Ainda lembro a cara de surpresa de alguns professores quando resolvi migrar para o curso de Geografia.

Ainda no período do curso de Engenharia Civil, um ano exatamente, conheci alguns professores que talvez me tenham ajudado a alcançar outros vãos, mas foi a Héliida da Matemática que me percebeu, pois nunca vou esquecer a história do ovo, que um dia faz “PLOFT” e a companhia silenciosa da Prof^a.Dr^a. Suzana Albornoz da Filosofia que, em uma única frase, abriu outra perspectiva: “O importante é saber o que não queremos, o que queremos é uma boa procura constante”. Foi aí que resolvi procurar outros caminhos, e o curso de Geografia despertou para mim, não sei bem ao certo o porquê, mas solicitei mudança de curso, fiz minha matrícula e ansiosamente esperava o próximo semestre.

Geografar é preciso. Essa expressão representa o sentimento do curso, curso que não foi fácil, com discussões em que me perdia e me achava. Nas ciências exatas sem problemas (Topografia, Cartografia e Astronomia) bem como na área da Geografia Física (Geologia, Petrografia, Pedologia, Geomorfologia, Biogeografia, Hidrografia, Climatologia e Meteorologia), assuntos que despertavam o meu interesse. A dificuldade foi nas ciências humanas (Introdução ao Pensamento Geográfico, Geopolítica e Geografia Econômica). Quase desisti do estudo, lembro que chorava arrependido de ter trocado de curso. Mas eu ainda não tinha a certeza de

não gostar daquelas discussões e, lembrando a frase da Prof^a.Dr^a. Suzana Albornoz, não desisti, é claro, e outros atores entram nesse cenário da FURG. Em 1992, na disciplina de Introdução à Filosofia, o Prof. Victor Hugo Guimarães Rodrigues me estimulou a buscar alguns elementos da infância e com ele fiz um trabalho sobre os teatros de Rio Grande. A pesquisa foi intensa; o resultado (material) ficou perdido em alguma sala de aula do prédio 06, mas a proposta de pesquisa acendeu a chama da imaginação¹¹ latente em mim.

Nesse período do curso de Geografia, fiz muito teatro na Universidade, em grupos independentes, bem conceituados na época. Um dirigido pelo Fernando Mendonça – O Grupo de Risco, proporcionou uma ótima experiência na Usina do Gasômetro, em Porto Alegre. Brinquei de cinema com o Flávio Guimarães¹², fazíamos cinema em Super 8¹³. Foi interessante, mas com as filmadoras domésticas viajamos ainda mais.

O Cassino se transformou, ao longo dos anos, no meu casulo, e o mar sempre ali, mostrando que a vida não tem limites, me sentia livre para viver o que quisesse todos os dias. Conheci tantas pessoas e quase sempre aquelas diferentes, fora dos padrões e convenções me interessavam, vivia em mundos curiosos que permitiam minhas viagens.

Hoje acredito que essas pessoas com quem convivi nos tempos de Cassino também buscavam reinventar o mundo ao seu redor, como meu avô, o grande parceiro das aventuras circenses, e meu pai que, com sua melodia, e as experiências proporcionadas no cinema, me sintonizavam com um ser capaz de imaginar criativamente. A morte material desses homens foi triste como toda morte é, dado o nosso egoísmo mas, por outro lado, me fez entender que posso encontrá-los nos meus momentos de (re)invenção e devaneio, quem sabe, pelos mundos da terra do nunca.

A vida de universitário possibilitou a (re)invenção do Daniel, foram tantas crises, tantas coisas criadas e imaginadas colhidas nas ondas e nas melodias da

¹¹ Essa investida sobre os teatros, nesse período da minha vida foi o que denomino de uma experiência imaginária. Tal experiência possibilitou a invenção de uma outra cidade do Rio Grande em mim. Comecei a imaginar criativamente diversas imagens urbanas e perceber muitas cidades dentro da que inicialmente eu achava ser uma cidade só. Conforme Bachelard, para que seja possível uma experiência imaginária, a imaginação precisa ser desperta.

¹² Advogado, morador do Cassino que, nas horas vagas, era músico, compositor e cineasta. A família Guimarães por algum tempo foi o meu segundo lar.

¹³ Um tipo de câmera filmadora desenvolvida pela Kodak nas décadas de 60 e 70 (Séc. XX).

concha do mar. O Cassino por vezes era Avalon¹⁴, as densas Brumas noturnas me faziam olhar de forma diferente aquele lugar, outras nuances, outros gostos, outras experiências. Inspirado em Morgana, tudo era possível, bastava querer e pronto, lá estava eu, o protagonista de uma história recém-criada.

Por lá provei todos os sabores, experimentei todas as bebidas e realizei grandes viagens que traduziam o sentimento das diferentes leituras que fizera. Utilizo os versos do poeta Eça de Queiroz para traduzir este período que hoje (re)encontro e orienta os meus dias, porque foi *um caminho superiormente interessante, onde cada hora tinha seu encanto diferente e cada passo me conduzia a um êxtase*.

Este sentimento era acrescido a cada passo da Geografia. Com o Paulinho (Prof. Dr. Paulo Roberto Soares Rodrigues), na sua organização do espaço, uma viagem fabulosa, que transformava as idas e as vindas do Cassino em momentos de aprendizado. Eu literalmente realizava uma viagem prazerosa pelas paisagens que se descortinavam pela janela do ônibus, buscava mergulhar naqueles lugares, indo ao fundo de minhas sensações. Assim foi constituído o Daniel Geógrafo.

Da ciência geográfica fui estruturando a minha geografia. No final do curso, estava à procura de desenvolver um trabalho que permitisse meu ingresso no mundo profissional. Não sabia ao certo, mas estava na hora de voltar a manter minha vida, pois as economias chegavam ao fim. Tantas idas e vindas resultaram no atraso de um ano no curso, por pura indecisão, ou por ser alguém que se encanta demais com as possibilidades do mundo. Independente disso, eu achei um caminho que me agradou: a perspectiva do turismo na geografia, a qual resumia várias discussões travadas no curso, além de ser um caminho novo.

Gostei tanto que fui fazer um curso de Guia de Turismo Especializado em Atrativos Naturais. Perdi mais um semestre mas consegui fazer um estágio em Santos/SP, no Instituto de Pesca, o qual me levou à Harpya, uma empresa de turismo ambiental. Foi tudo rápido e muito bom de fazer, estudei muito, procurei conexões, desenvolvi pesquisa e, no final (ou início) uma monografia que versava sobre Turismo, uma reflexão, uma alternativa artesanal - São José do Norte/RS.

A monografia pronta, precisava compor uma Banca de avaliação para este trabalho. Por sugestão do Paulinho (meu orientador na época), convidei a Prof^a. Dr^a.

¹⁴ Avalon para mim sempre foi um protótipo de um mundo inventado, um mundo em outra dimensão, que nos faz poder ver o que os outros, ao nosso redor, parecem não perceber, condenados às suas próprias cegueiras.

Ivana Maria Nicola Lopes e a Prof^a. Msc. Joice Maria Feijó Bianchini. Cheguei à Prof^a. Dr^a. Ivana com o trabalho, solicitei a sua participação e com um olhar de espanto aceitou. Fui para a Banca de avaliação (já havia assistido a apenas uma) com muitos mapas e fotografias dos lugares pesquisados, era uma referência. Na realidade eu queria levar um pouco do lugar, não apenas imagens fotográficas do meu olhar, eu queria levar São José do Norte para a sala de aula, pois não era possível defender o trabalho no cais do porto de lá.

Assim fiquei pensando, caminhando à beira do mar, até que “PLOFT”, a idéia: então eu organizei na sala de aula uma exposição de arte com as telas do Sr. Zé Meco (artista local, que pinta imagens de São José do Norte) e um artesanato que traduzia os tipos de São José do Norte (pescador, cebolicultor e cidadãos), os quais eram feitos de arame e palha. Montei um arsenal de coisas na sala e apresentei meu trabalho. Foi uma sensação radiante, pois estava gostando de fazer tudo aquilo, estava empolgado, pois conseguia ali fundir o conhecimento acadêmico com minhas viagens imaginárias. Convidei alguns colegas e amigos, deveria ter umas 10 pessoas assistindo, além da Banca. Após a apresentação, o coração disparou para a argüição. Todo orgulhoso ouvi as recomendações e a análise da Prof^a Dr^a. Ivana, estava curioso para saber o que ela achava de tudo aquilo. Foi um êxtase, por acreditar que naquele momento estava em sintonia, pois eu sempre quis conhecê-la, aquela imagem nos corredores, tão diferente de tudo e de todos, instigava minha vontade de conhecer o novo, o diferente.

Após a defesa, os cumprimentos e todas as formalidades “*compridas*”, recebi um cartão de uma amiga, a Tati, que dizia assim: “O vento viagem. Um menino caminhava, sentia o vento levá-lo para um mundo viagem; Neste mundo, as experiências eram fantásticas e ele, o vento, o guiava sem perdê-lo; O menino voltou pousando suavemente seus pés no chão; Quando abriu os olhos.... bem, quando ele abriu os olhos, já foi para outro mundo viagem”.

A origem do “vento viagem” é porque, nos dias ventosos, eu a convidava para ir até a praia para viajar no pensamento, pois os poemas do Prof. Dr. Victor Hugo Guimarães Rodrigues já faziam parte do meu mundo, me ensinavam sobre Rio Grande e exercitavam o meu viajar no pensamento. Atualmente, estes versos da Tati me fazem (re)viver bons tempos, não com saudosismo, mas como uma

possibilidade de (re)inventar o cotidiano. As páginas, hoje, amareladas do livro¹⁵ do Prof. Dr. Victor Hugo Guimarães Rodrigues possibilitam mostrar para meus alunos a poesia existente nos lugares.

Neste processo, nessa experiência, nessa vivência de universitário ganhei amigos, conhecidos e esquecidos que, ao vasculhar minhas imagens, (re)descubro-os no meu cotidiano. Estava eu formado e agora o que fazer? Comecei a trabalhar com uma colega de curso, a Sandra, que no momento abria uma Agência de Turismo e Viagens, fiquei em Rio Grande, organizando alguns roteiros na região de entorno do Taim, daí surgiu um convite do Senac de Rio Grande para ministrar dois cursos em Santa Vitória do Palmar, eu e a Sandra nos mudamos praticamente para o extremo sul do Brasil, foram 04 meses de curso intensivo (Turismo Rural e Ecoturismo), foi uma ótima experiência para os recém-formados.

Continuamos o trabalho na agência e prestei algumas seleções para mestrado. Meio perdido na minha geografia do turismo, tudo ainda muito recente, eu não fui aprovado. Nesse caminho, a agência da Sandra foi inaugurada, o Senac de Rio Grande continuou nos chamando para outros cursos (e foram vários) e eu frustrado com o tal do mestrado.

Precisava mudar, queria fazer outras coisas, até que, no ano de 1999 a Universidade Católica de Pelotas (UCPEL) realizou um evento de Turismo. Inscrevi um trabalho, foi aprovado e lá fui eu, ansioso para apresentá-lo. No dia da apresentação, estava realmente aflito e nervoso. Quando entrei na sala para a minha comunicação, quem estava na primeira fila? Dr^a. Adyr Balastrieri Rodrigues, autora de vários livros sobre Geografia do Turismo. Fiquei apavorado mas, ao final, tudo correu bem pois minha fala foi realizada com uma oficina (aquela do barbante que forma uma teia), e trazia para o debate a importância de uma *formação cidadã no turismo*¹⁶. O debate foi proveitoso, lembro que o tempo foi escasso para o que provoqueei, mas o melhor foi a Dr^a. Adyr Balastrieri Rodrigues ter feito alguns comentários que sustentavam minhas incipientes idéias.

Este foi o começo da minha vida profissional, deixava então de ser um estudante para encarar as tais responsabilidades profissionais, mas sem abandonar

¹⁵ Forte Jesus – Maria – José. 1. ed. São Paulo: EDICON, 1995

¹⁶ Uma discussão que buscava ir além dos receituários de como fazer e desenvolver um turismo receptivo. Essa proposta buscava elementos que permeavam o campo social, cultural e ecológico, deixando de lado apenas a visão econômica do turismo, ensaios incipientes de um profissional que começava a (re) inventar o turismo.

minha imaginação¹⁷. Trilhei caminhos vários, talvez como hoje, pois é sempre um recomeçar, abandonar certas experiências e (re)encontrá-las logo ali na próxima esquina.

Se a vida está na próxima esquina é isso que venho procurando descobrir. Quando falo em *tempos de universitário*, é porque a categoria tempo assume papel importante, diante da constituição do Daniel geógrafo. O tempo não é aquele medido pelas horas do relógio, mas o tempo medido pelas experiências, pelas sensações e pelas possibilidades de reinvenção do ser.

O profissional que se experimenta

... tudo está por vir
o profissional se faz a cada passo
a cada passo o (re) construo...
(Botelho, 2005)

Após minha comunicação na UCPEL, fui convidado a compor o quadro de docentes do Curso Superior de Turismo Cultural. Ingressei como professor da primeira turma desse curso, do qual ainda faço parte. Várias propostas foram desenvolvidas ao longo desses cinco anos, nas minhas aulas de Geografia aplicada ao Turismo, quando falo dos olhares, das paisagens e dos lugares. Nessa aula, eu faço com que os alunos mudem de lugar na sala de aula, subam nas mesas e admirem outras perspectivas da sala de aula, um exercício fundamental para o profissional do turismo, ver os lugares com um outro olhar como diz Marcel Proust¹⁸ “*A verdadeira viagem de descoberta não consiste em sair à procura de novas paisagens, mas de possuir novos olhos*”¹⁹,. Após esse exercício saímos da sala de aula e percorremos os corredores da Universidade, chegando até o jardim, subimos nos bancos (transgressão para alguns), novos ângulos de visão para perceber os lugares. Na segunda aula vou mais longe, até a praça principal da cidade, centro histórico, para experienciar nossas modalidades sensoriais olfato, tato, visão, paladar e sinestesia. Neste momento, todos ficam surpresos com a (re)significação de um espaço habitual,

¹⁷ Essa expressão significa o meu olhar imaginário, conforme Bachelard esse olhar encanta e sonha os lugares, potencializa os objetos. E é na dinâmica potencializante do mundo que esse olhar se faz e se constrói sempre aberto à admiração.

¹⁸ Marcel Proust (1871-1922). Escritor francês.

¹⁹ Para mim o turismo é esta busca proustiana de ir à busca do tempo perdido, ou de perder tempo, perder-se no tempo e poder reinventar o olhar. O profissional de turismo cuja postura ambiental visa recriar o mundo para viver nele prazerosamente e tranqüilamente é um produtor de imagens inusitadas que transformam o lixo visual em imagens recicladas por um ser atento, que olha furtivamente o universo cotidiano ao seu redor.

encerrando a idéia de possuímos novos olhos. Esta disciplina segue no semestre com outras atividades como, por exemplo, a construção do mapa do Rio Grande do Sul, segundo as viagens de cada aluno. Inserimos fotos no “mapão” e (re)descobrimos o estado do Rio Grande do Sul .

Este é o eixo da minha atuação profissional: desenvolver *experiências toposfilicas*²⁰, de apropriação do lugar pelo residente, da criação de laços afetivos com seu entorno, de respeito à diversidade, às manifestações culturais e ao meio onde vivem, o qual é dinâmico, é reflexo dessa sociedade sobre a tessitura do espaço habitado. Tal viés é adotado, por exemplo, nas minhas dinâmicas de aula, sejam elas em fundamentos do turismo e geografia aplicada ao turismo, procuro resgatar o cotidiano dos alunos e apresentar os referenciais teóricos para a construção de um conhecimento acerca do lugar onde vivemos.

Nesse processo de educação formal, procuro incentivar a vivência do aluno com o objeto de estudo. Portanto, minhas aulas são migratórias para os diferentes espaços da cidade, provocando um novo olhar para propiciar a reflexão sobre o lugar. Os resultados dessa atividade são enriquecedores, os alunos discutem e começam um processo de (re)significação do lugar. Uma exemplificação deste fato foi quando uma aluna, na apresentação do seu trabalho final de curso, resgatou uma aula de geografia, realizada na praça central da cidade, ao comentar que muito pouco sabia da sua cidade e questionava-se sobre desenvolver o turismo negando e desconhecendo o seu próprio lugar, o que a instigou a mergulhar na sua história. Nesse momento, senti que as vivências são fundamentais para a nossa apropriação do espaço, o qual é o resultado da história, dos tempos desiguais que, por sua vez, levam-nos a agir e pensar, resultando nesse mosaico complexo e singular que é o lugar onde se vive.

Dada a resposta a este trabalho, procurei junto à Coordenação do curso uma mudança na grade curricular: a implantação da disciplina de ecoturismo, aprovada pelo Conselho Universitário. Ainda hoje é uma disciplina que tem atraído a atenção dos alunos. No ano de 2003, cerca de 30% dos trabalhos finais de curso versavam sobre essa área. Modismo ou não, acredito no papel que venho desempenhando como titular da disciplina, propondo aulas e vivências em diferentes ambientes,

²⁰ Uma idéia com base na Geografia Humanística de Yu-Fi Tuan. A toposfilia significa, nesse contexto, a criação de laços afetivos com o lugar em que se vive. Uma proposta que visa estimular um sentido de pertencimento ao local e valorização do local, gerando uma idéia de relação.

provocando uma reflexão sobre o nosso papel na produção e reprodução do cotidiano.

Na continuidade dessa prática, cria-se um leque de oportunidades. Começo a atuar no setor público, proferir palestras, desenvolver projetos e organizar cursos de qualificação profissional. As possibilidades revelam-se como grandes desafios, permitem a busca instigante de resultados a curto, médio e longo prazo. Destaco os projetos que salientam o sentido de levar à comunidade o (re)conhecimento do seu lugar, visões de um geógrafo empenhado na valorização da identidade dos locais.

O projeto “Construindo o Turismo”, dedicado às crianças do ensino fundamental, foi desenvolvido no centro histórico da cidade de Pelotas, para estudantes das séries iniciais conhecerem os ícones culturais e históricos, bem como a relação do homem com o seu meio. Para esta reflexão, utilizavam-se dinâmicas lúdicas e vivenciais. Em uma das oficinas, o que me marcou foi quando um menino viu o prefeito e comentou “Olha lá, tio, lá vai o dono da cidade”. Levantei os olhos e observei o Prefeito chegando ao Paço Municipal. Instintivamente repliquei dizendo que somos os donos da cidade, e salientei que ele, o menino, também era o dono da cidade. Ficou perplexo e foi perguntar à sua professora. Quando acabamos a oficina e os alunos estavam saindo para pegar o ônibus, o menino voltou-se e deu-me um grande abraço, seus olhos brilhavam e convidou-me para conhecer a sua escola. Este sentimento de apropriação do lugar, de se sentir o dono, quiçá resultará em uma conduta de valorização do “ser nesse lugar”.

Outros projetos causavam, ao grupo que coordenava no Departamento de Turismo da Prefeitura Municipal de Pelotas, algumas realizações profissionais e pessoais, ao trabalharem com diferentes parcelas da comunidade. Empresários locais, taxistas, guardadores de carros, estudantes das escolas rurais e urbanas, percebiam que o sentido do lugar, do ser, do saber e do viver foram revelados e vivenciados pelos participantes. Os resultados foram incipientes, dado o período de realização dos projetos, mas acredito nestes princípios para um turismo responsável, possibilitando que a atividade turística não seja apenas um fator de crescimento econômico, mas de inclusão social e respeito pelas culturas locais e pelo meio em que vivem.

Em um dado momento desta trajetória, fui convidado a fazer parte do Sistema Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac – Pelotas), nos cursos de turismo. Neste momento eu percebi que a minha atuação ganhava uma dimensão maior, estava sendo procurado para entrevistas em jornais e televisão. Isso me exigia mais e

não fiquei apenas no campo da vaidade, percebi que as pessoas gostavam desta viagem, de certa forma eu desacomodava, trazia outras perspectivas.

Neste momento, passamos, no Senac, a incluir um conteúdo de cidadania e meio ambiente em todos os cursos do sistema: manicura, cabeleireiro(a), padeiro(a), eletricista, esteticista, cozinheiro(a), enfermeiro (a) entre outros oferecidos naquela época. O que fazer com grupos tão heterogêneos? Discutir um assunto tão polêmico, tão pernóstico (por vezes), textos tão bem elaborados (que, muitas vezes, são de difícil entendimento ao leigo).

Então busquei desenvolver aulas interativas e vivências com o entorno ambiental dos alunos. Procurei o elemento principal para podermos falar em cidadania e meio ambiente: o ser humano. Isso não significava um tratado sobre a humanização, mas uma proposta de valorizar, o ser humano existente em nós, essa capacidade, essa virtude, essa possibilidade de estarmos a cada dia mais vivos. As aulas eram ótimas, pois era possível ver nos olhos e nas expressões de cada participante um sentimento de valorização pelo que se é.

A aula começava com um questionário solicitando ao participante apontar cinco aspectos do mundo nota zero e cinco nota dez (sendo este último item muito difícil de aparecer). Bastava isso para começar a discursar sobre todas as notas dez que estavam ali na minha frente, pois cada um de nós tem o dom de ser capaz e ser feliz. Esta proposta inicial tratava de pensar em um dos elementos que fazem parte do lugar em que se vive (levava uma latinha para eles observar tal elemento. Todos cuidadosamente abriam a lata para ver esta espécie tão especial, que nada mais era senão o reflexo do seu próprio rosto em um espelho).

A idéia era de cada um cuidar, afagar, amar a si mesmo, como possibilidade de construção da cidadania e uma perspectiva de integração do homem com o seu entorno, seu cotidiano. Ainda hoje alguns desses alunos passam por mim na rua e fazem algum comentário sobre aquelas aulas. Em outro dia, a caixa operadora de um supermercado me falou que aquelas aulas tinham dado um outro significado á sua vida, realmente, pois tinha um belo sorriso estampado no rosto.

Nessas aulas também falava da importância da separação do lixo e, principalmente, de reduzir a produção de lixo, um debate longo, e a culpada por tudo, segundo eles, era a Prefeitura. Eu achava importante falar do lixo e falar dos ratos fazendo ratinhos, da leptospirose. Enfim, da cadeia de impactos, e sempre comentava que importava separar o lixo, pensar que existem coisas recicláveis, assim jamais

esqueceriam que a vida é uma grande reciclagem. Então, ensinava que o importante era identificar o lixo limpo (escrever na sacola lixo limpo) e ficava por aí. Até que um dia, um representante dos catadores de lixo comentou em uma entrevista, sobre as tais sacolas que identificavam o lixo limpo, facilitando assim a coleta e a sobrevivência dessas pessoas. Não sei se eram meus alunos, ou uma prática já utilizada por alguns pelotenses, mas o importante era que isso facilitava e de alguma forma eu estava contribuindo para a construção de cidadãos.

Esses fazeres me levaram a percorrer os caminhos do planejamento do turismo em nível local, como já mencionei, a ocupar, por 04 anos, o cargo de diretor do Departamento de Turismo de Pelotas. Como dizia, éramos um pequeno (reduzido) grupo de peões de obra, não tínhamos um organograma hierárquico, todos trabalhávamos em conjunto, os méritos dividíamos, os problemas, muitas vezes, era eu quem resolvia.

Todavia, o trabalho foi instigante, desenvolvemos projetos de sensibilização para o turismo nas escolas, incrementamos uma proposta de turismo solidário em que as comunidades da colônia (zona rural do município) e da Z3 (colônia de pescadores) se visitaram. O projeto não teve seqüência por falta de orçamento, mas foi uma experiência que me levou a acreditar ainda mais na construção de um turismo pautado pela inclusão social e cultural. Ao ver aquela gurizada encantada com o espaço de Pelotas, ao saber que todos eram pelotenses e que acima de tudo eram fundamentais na construção da cultura local. Este trabalho que além da visitação aos lugares (Colônia e Praia), eles visitavam a feira de hotifrutigrajeiros e do pescador que ocorria na Avenida principal da Cidade, saliento que a idéia de colocar o pescador na avenida surgiu deste projeto, o qual se mantém até hoje.

É nessas viagens que ao tentar colocar meus pés no chão, o vento me leva para outro mundo viagem. Coordenei um projeto denominado rota turística “*Gaúcho do Pampa ao Mar*”, desenvolvido na UCPel, um trabalho ousado na época (ano de 2001), mas foi bom descobrir mais sobre a região. Cerca de 20 alunos participaram efetivamente do projeto e o lançamos em um evento em Porto Alegre. Foi bom para a Universidade que começava a se destacar no cenário acadêmico do turismo, mesmo diante de tantos questionamentos da comunidade acadêmica gaúcha do turismo, pois não entendiam como poderíamos efetivar tal proposta.

Em um evento das IES (Instituições de Ensino Superior), finalizei uma palestra sobre o assunto dizendo que é preciso reinventar o turismo e nossos planos

de aula, isto é, necessitamos sair dos monólogos teóricos e proporcionar, para professor e alunos, a construção do conhecimento através das experiências e vivências com o lugar. Mais do que nunca, é preciso pensar o turismo com os olhos do encantamento, proporcionados pela imaginação²¹.

Para efetivarmos o resultado do projeto “*Gaúcho do Pampa ao Mar*” foi preciso vivenciá-lo na íntegra, percorrendo na seqüência os municípios envolvidos. A experiência e a vivência desta viagem ficaram registradas em um texto, que procurou integrar as falas ouvidas durante a viagem do “Pampa ao Mar”.

Viajar do pampa ao mar é viajar com arte por esta parte do Brasil, seguindo a trilha dos verdes campos e o caminho das brancas areias.

Viajar do pampa ao mar é desvendar um mosaico de saberes e fazeres, do gaúcho que em seu cavalo empunha a boleadeira e doma as encostas da coxilha; do gaúcho que em seu barco empunha a tarrafa e doma as ondas do mar.

Viajar do pampa ao mar é cantar e voar, como canta o quero-quero até onde voa a gaivota; é conhecer os causos do chiru e as histórias do pescador.

Viajar do pampa ao mar é dançar, ao som da gaita, o vanerão de rodeio; ao som do violão, as melodias do luau.

Viajar do pampa ao mar é conhecer as histórias do castelo de pedra e o caminho da pedra que invade o mar.

Viajar do pampa ao mar é comer churrasco de ovelha ao pé da figueira; é comer marisqueira à brisa do mar.

Viajar do pampa ao mar é banhar-se na água doce das lagoas, na água salgada do mar.

Viajar do pampa ao mar é percorrer os caminhos: do sal da carne ao açúcar do doce.

Viajar do pampa ao mar é matar a sede com o amargo do chimarrão e embriagar-se com o doce da jurupiga.

Viajar do pampa ao mar é extrapolar o sentido físico das coisas, é se expor ao vento, à chuva, ao outro; é ouvir palavras nunca proferidas; é renascer gaúcho.

(Botelho, 2003)

Após o lançamento dessa rota, o Sebrae-RS apresentou uma proposta de turismo para a Região Sul, o Turismo na Costa Doce, o qual colocava em risco nossa proposta. Para tanto, fui convocado para uma reunião com membros do Sebrae-RS, e defendi a idéia do Gaúcho do Pampa ao Mar, resultando na revisão do projeto, o qual retornou com a inclusão da rota. Assim, fui convidado a fazer parte da equipe para o desenvolvimento do projeto, assumindo o papel de consultor na área de turismo do

²¹ Segundo Bachelard, a imaginação tem uma dimensão pedagógica, enquanto inventa, está próxima do ensino das descobertas ao homem; enquanto ser imaginante, aproximando o destruir e o criar, o inventar e o ensinar. A imaginação inventa e educa, ensina as lições dos elementos da sensibilidade e das perspectivas éticas (Rodrigues 1999 p. 240).

Sebrae-RS, onde atuo até hoje, principalmente no turismo no meio rural e no ecoturismo, desenvolvendo algumas consultorias.

Essa trajetória hoje revisitada me leva a uma nova viagem, diria que a uma viagem em mim mesmo, à possibilidade de me redescobrir e buscar as conexões das minhas práticas com a educação ambiental. Talvez esse seja um caminho apaixonante, e embora toda paixão tenha suas armadilhas, é nelas que quero entregar-me e construir essa dissertação.

CAPÍTULO II

A VIAGEM TURÍSTICA NO CONTEXTO DA PESQUISA: DO PROBLEMA DA PESQUISA AO MÉTODO DE ANÁLISE DAS EXPERIÊNCIAS COM OS VIAJANTES NA COSTA DOCE

O turismo é um fenômeno que envolve aspectos sociais, culturais, econômicos, políticos e de lazer e tem nas viagens, no deslocamento dos turistas, a sua efetiva realização. O turismo se constitui de uma cadeia produtiva que envolve, de um lado, os atrativos turísticos naturais e culturais, os serviços²² destinados a atender a demanda de turistas, a infra-estrutura²³ necessária e os equipamentos²⁴. De outro, as iniciativas pública e privada.

Os estudos científicos do turismo são recentes mas, no campo das definições, o leque é extenso, dadas as diferentes esferas que ele envolve e os diferentes olhares dos pesquisadores. Nesse sentido é que a obra de Margaritta Barretto - Manual de Iniciação ao Turismo (1997), procura apresentar algumas definições, dentre as quais destaco a de Fuster (1973) e a De La Torre (1992), para a melhor compreensão do universo do turismo.

O turismo é o resultado das relações produzidas pelo conjunto de turistas em consequência das suas viagens. Ele é todo o equipamento receptivo, constituído pelos meios de hospedagem, agentes de viagens, transportes, animações e guias-intérpretes que o núcleo receptor deve organizar para atender as correntes de turistas. Esse fenômeno também é o conjunto das organizações privadas ou públicas que fomentam a infra-estrutura e a expansão do núcleo, bem como a realização de campanhas promocionais. Por outro lado, também são os efeitos positivos e negativos do fenômeno produzidos nas populações e nos núcleos receptores. (Fuster apud, Barretto, 1997).

O turismo é considerado um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de turistas ou grupos de turistas, os quais são motivados por livre e espontânea vontade para as atividades de recreação, descanso, cultura, ou saúde. No turismo, os grupos de turistas são caracterizados por saírem do seu local de residência habitual para um outro (núcleo receptor), onde não exercem atividade lucrativa nem remunerada. O fenômeno tem a capacidade de gerar múltiplas inter-

²² Entendo como os diferentes serviços relacionados diretamente com a temática do turismo: os guias de turismo, agentes de viagens, recepcionistas, camareiras, garçons, recreacionistas e etc.

²³ Saliento os acessos, estradas, comunicação, abastecimento de energia e água entre outros.

²⁴ Considero os complexos hoteleiros, restaurantes, parques temáticos, teleféricos, entre outros.

relações de importância social, econômica e cultural. (De La Torre apud, Barretto, 1997).

Na perspectiva atual, considero o turismo um produto que atende a demanda de uma clientela atraída pelo conjunto de bens e serviços ligados à sua permanência em determinados lugares, envolvendo aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos e de lazer. O produto, nesse sentido, é o resultado da organização da oferta turística (atrativos, serviços, equipamentos e infra-estrutura), disponibilizado no mercado por meio dos pacotes turísticos e/ou roteiros vendidos pelos agentes de viagens.

Na lógica do mercado, os lugares são travestidos em destinos turísticos, e o fenômeno é acalentado por muitos empresários e órgãos públicos que estimulam, na população local, os impactos positivos da atividade, como a geração de emprego e renda, melhorias na infra-estrutura, intercâmbio cultural e valorização dos atrativos naturais e culturais. Por outro lado, é necessário reconhecer os impactos negativos, para perceber que todas as imissões²⁵ sejam elas sociais, culturais, econômicas ou de ordem físico-químico-biológica resultarão em emissões²⁶, muitas delas, imprevisíveis ao ambiente.

Nos destinos dos roteiros estandarizados, transformadores das experiências dos turistas em fruição consumista, observo a massificação deles, podendo ocorrer mudanças de papéis sociais tradicionais e incorporação de novos hábitos, em detrimento dos existentes. O patrimônio natural e cultural, os atrativos turísticos ficam à mercê dos atos de vandalismo, tanto do turista quanto da população local, bem como a contaminação dos recursos naturais, configurando, de um lado as paisagens molduradas para o turista ver e, de outro, a paisagem que se (re)inventa no cotidiano. A tão esperada geração de emprego e renda poderá ficar nas mãos dos profissionais altamente especializados, oriundos dos centros do país e a economia local nas mãos das empresas internacionais.

Diante de tantos elementos que interferem no fenômeno turístico, saliento a viagem turística, esse deslocamento do turista até tornar efetiva toda a cadeia produtiva do turismo, para gerar os impactos positivos e negativos no núcleo receptor. É assim que a viagem turística assume o olhar dessa pesquisa na

²⁵ Considero tudo que imitimos na atmosfera: resíduos sólidos, gasosos e líquidos;

²⁶ Considero todas as alterações no meio em que vivemos que diretamente ou indiretamente afetam nossa vida.

perspectiva onírica²⁷, estimulada pelo Prof. Dr. Victor Hugo Guimarães Rodrigues e pelo o filósofo Gaston Bachelard, essa idéia de sonho desperto e da possibilidade de uma viagem com corpo e alma. Assim, busco nas imagens da memória do viajante encontrar elementos de humanização das viagens turísticas, apoiado na idéia de Jost Krippendorf. Na humanização das viagens turísticas é que estabeleço a relação com a educação ambiental, um processo para a transformação de valores e atitudes que construam uma perspectiva de harmonia dinâmica dos seres humanos (o eu e o outro) e desses com o seu entorno físico-social-histórico-temporal.

A motivação de fazer essa viagem é a busca, nesse Mestrado, de (re)visitar as práticas do professor e guia de turismo (guia-educador). Tais práticas se traduzem em uma trajetória tanto na área da educação formal, como não-formal, bem como na área de planejamento e organização do turismo municipal e regional, mas, dado o número de experimentos e experiências, ficaria difícil trazê-las uma a uma para essa pesquisa.

Nesse sentido, priorizo três viagens turísticas realizadas nos anos de 2004 e 2005, nos municípios de Pelotas, São José do Norte e São Lourenço do Sul e denomino o lugar dessas viagens de Costa Doce. A designação Costa Doce está associada às experiências do guia-educador como viajante, guia de turismo, professor e consultor.

Os viajantes não foram exatamente selecionados ou organizados para essa pesquisa, eles surgiram das brumas do mundo inventivo desse guia-educador, das vontades dos viajantes em experimentarem as viagens e daqueles que, por força dos caminhos que traçaram, inevitavelmente, foram meus viajantes.

O grupo do primeiro itinerário (viagem a São José do Norte) surgiu da vontade dos estudantes de Artes Visuais, da UFPel, de fazerem essa viagem, pois uma delas já havia experimentado uma ida àquela cidade. Com essa estudante eu trocava algumas das minhas vivências com outros grupos logo, não poderia negar o pedido. A viagem foi realizada no primeiro semestre de 2004, quando eu estava ingressando no mestrado, portanto era hora de começar a documentar minhas práticas para uma possível pesquisa. Assim ele se tornou, hoje, um dos sujeitos do sujeito que procura, nas suas práticas, os princípios de uma educação ambiental nas viagens turísticas.

²⁷ Uma experiência da imaginação criadora do encantamento de quem cria o seu tempo, seu espaço e suas próprias forças.

O segundo grupo dos itinerários II e III (Pelotas Colonial e São Lourenço do Sul), foi um desafio e o único com o qual viajei em 2005, formado por alunos de um curso de Guia de Turismo do Senac/Rio Grande. Este foi o momento em que descobri minha prática como elemento fundamental para ser problematizada pela pesquisa no mestrado.

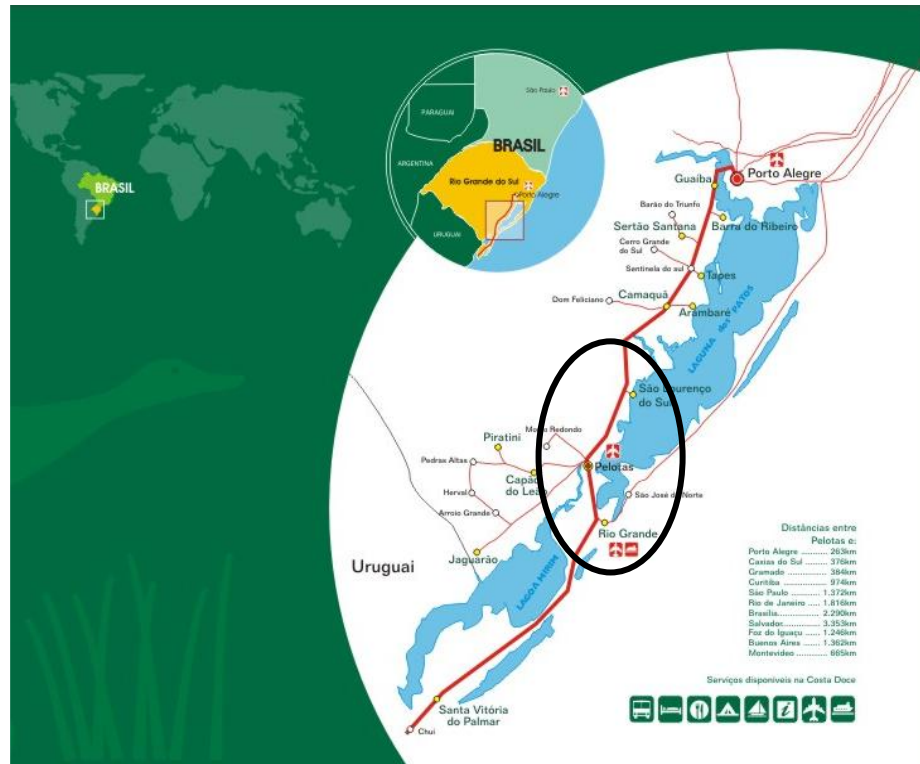


Ilustração 01: Costa Doce

Fonte: adaptado da Revista Turismo na Costa Doce. (Sebrae-RS/2005)

A procura, nessa pesquisa, é um esforço para descrever as viagens, compreender e interpretar o diário de bordo onírico das experiências com viajantes na Costa Doce, na perspectiva da humanização das viagens. As práticas não-formais de educação do guia-educador, empregadas com viajantes na Costa Doce, têm a possibilidade de contribuir com algo melhor para o processo de educação ambiental na viagem turística?

O exercício de procurar as respostas do problema de pesquisa será a interpretação dos diários de viagem dos viajantes na Costa Doce, por meio dos contextos estabelecidos pelas imagens do filósofo-sonhador Prof. Dr. Victor Hugo Guimarães Rodrigues e das idéias de humanização das viagens turísticas, defendidas

por Jost Krippendorf²⁸. Nos seus contextos se estabelecem as questões de pesquisa a seguir.

1ª As viagens realizadas incitaram os viajantes da Costa Doce a viver e agir de forma diferente?

2º As experiências dos viajantes nos itinerários propostos na Costa Doce, possibilitaram-lhes encontrarem-se a si próprio?

3º As propostas/estratégias do guia-educador contribuíram para preparar e educar os viajantes para perceberem os lugares visitados?

Na investigação do problema de pesquisa, utilizarei a abordagem qualitativa com objetivo exploratório. Os procedimentos técnicos para esta análise serão: a pesquisa bibliográfica; as experiências do guia-educador; e a análise de conteúdo do diário de bordo das vivências com viajantes na Costa Doce.

A pesquisa terá papel importante na constituição do guia-educador, no resultado dos seus mundos imaginários do cinema, do circo e da geografia. Agora, ele pretende tornar-se um “guia-educador ambiental”. Pois ela é o significado da emoção e da paixão, como diz Boaventura Santos (1996). Pesquisa é paixão, uma expressão que sugere a possibilidade de incríveis mergulhos (Galiazzi, 2002), neste campo de construção do conhecimento científico.

No campo da pesquisa será necessário percorrer as teorias que contribuem para o que é e como pode ser entendida a realidade do objeto. Neste sítio tenho o tecido espacial, no qual se pode optar pelos melhores caminhos que possibilitem interpretar o objeto de estudo. Requer estudar – o tal tecido espacial – provocar o diálogo e estabelecer os contornos da pesquisa. No sentido figurativo, tais contornos são os passos para o caminho cumprir com o seu papel (Galiazzi, 2002).

Hoje se vive um tempo de transição entre paradigmas: o dominante hegemônico da racionalidade, o qual estabeleceu como dogma que conhecer significa quantificar, classificar, descobrir causas e efeitos, formular princípios e leis e aquele das Ciências Sociais de investigação qualitativa, um método que visa à obtenção de um conhecimento intersubjetivo, descritivo e compreensivo, em vez de um conhecimento objetivo, explicativo e nomotético (Santos, 1996).

Caminha-se para uma postura transdisciplinar, uma vez que o conhecimento é total, isto é, transpõem-se os limites rígidos entre as disciplinas pois o engessamento

²⁸ A idéia de humanização das viagens de Jost Krippendorf é apresentada no Capítulo IV dessa dissertação.

pode empobrecer a apreensão da totalidade. Neste sentido, é possível o conhecimento ser buscado em eixos temáticos. Os temas são galerias por onde os conhecimentos progredem ao encontro uns dos outros (Santos, 1996).

A racionalidade científica, um mundo construído pela objetividade, pode impedir de enxergar outros modos alternativos de valorizar-se o mundo que nos cerca (Santos e Sato, 2001), pois a racionalidade do conhecimento procura despojar-se do emotivo, tornando-se impessoal na medida do possível (Aranha e Martins 1986.). Ao interrogar as ciências, a educação ambiental conseguirá encontrar certas articulações do ser que, de outra forma, lhe seriam mais difíceis de revelar (Santos e Sato, 2001).

A educação ambiental, no contexto das Ciências Sociais, representa um mosaico de possibilidades de investigação. As nuances e matizes desta abordagem imprimem a coexistência do ser e seu entorno físico-social-histórico-temporal, necessitando reinventar e transitar por novos caminhos que, ao respeitar os rumos das ciências, possam também servir para a construção da cidadania (Santos e Sato, 2001).

É nesse sentido que eu me entrego ao exercício de uma educação ambiental feita viagem, pois ela toca e faz descobrir outras possibilidades para encarar as viagens turísticas. No exercício, procuro entender o sentido da idéia de lugar, de viagem, de espaço e de educação ambiental, utilizando a interpretação como um instrumento importante para a realização da viagem turística. A literatura é extensa, os olhares seguem diferentes rumos do conhecimento, aqui ousar (uma expressão utilizada pelo Prof. Dr. Gomercindo Ghiggi na qualificação dessa dissertação) e utilizo todos aqueles que tenham algo para contribuir com essa viagem turística.

Os caminhos estão abertos, deixando-nos à vontade para caminhar, convicto eu de que erraremos e acertaremos. Estou tratando de uma dimensão humana que permeia o paradigma emergente nas Ciências Sociais, o qual admite a pluralidade metodológica, ousada *transgressão*²⁹ da ciência pós-moderna (Santos, 1996).

Sendo esta pesquisa a compreensão de uma prática com objetivo interpretativo, adoto a abordagem qualitativa para a interpretação das imagens da

²⁹ A transgressão metodológica significa a falta de compromisso com o engessamento de uma linguagem técnica rígida, desprovida de emoção, buscando novas expressões na produção científica, com os quais seja possível imprimir nos textos nossa marca pessoal. (Santos, 1996).

memória dos viajantes, utilizando como procedimento, a análise de conteúdo dos diários de bordo.

Segundo Silva (2004 p.15), a pesquisa de abordagem qualitativa,

Considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicos no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados intuitivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem.

Optar pela abordagem qualitativa significa uma maior aproximação com a realidade, um campo fértil para as interpretações do fenômeno das viagens turísticas, isto é, as tramas experienciadas pelo viajante.

Sendo então a pesquisa qualitativa, por um lado um processo de interação entre os sujeitos (pesquisados e pesquisador) que aqui se fundem, mas por outro, é com o olhar dos viajantes que se (re)descobre as práticas do guia-educador, justifico esta abordagem apoiado na idéia de uma educação que se constrói em comunhão. Esta pesquisa tem a oportunidade de servir de instrumento para um outro olhar sobre o fenômeno em estudo e constituir-se um momento de aprendizagem para o pesquisador.

O procedimento para esta interpretação será a análise de conteúdo, esta é uma técnica de pesquisa que visa tornar replicáveis e validar a dedução de dados de um contexto que envolve um procedimento especializado para processar tais dados de forma científica. Seu propósito é prover conhecimento, novos *insights* obtidos a partir deles. Uma parte importante do comportamento, opinião ou idéias de pessoas se exprime sob a forma verbal, não-verbal ou escrita (Freitas & Janissek, 2000).

Para a realização da análise de conteúdo as fontes podem constituir-se por materiais originários da comunicação verbal e não-verbal, informativos, jornais, revistas, gravações, entrevistas, diários, filmes, fotografias, cartazes entre outros. A análise deve permitir a obtenção das informações resumidas, organizadas. Esta técnica pode ser usada para analisar em profundidade cada expressão específica de uma pessoa ou grupo envolvido num debate.

Salientam Freitas & Janissek (2000 p.37)

Este método de observação é indireto, já que é a expressão verbal ou escrita do respondente que será observada. A análise de conteúdo torna possível analisar as entrelinhas das opiniões das pessoas, não se restringindo unicamente às palavras expressas diretamente, mas também àquelas que estão subentendidas no discurso, fala ou resposta de um respondente.

Associam os autores a análise de conteúdo ao trabalho de um arqueólogo: ele trabalha sobre os traços dos documentos que ele pode encontrar ou suscitar, traços estes que são a manifestação de estados, dados, características ou fenômenos.

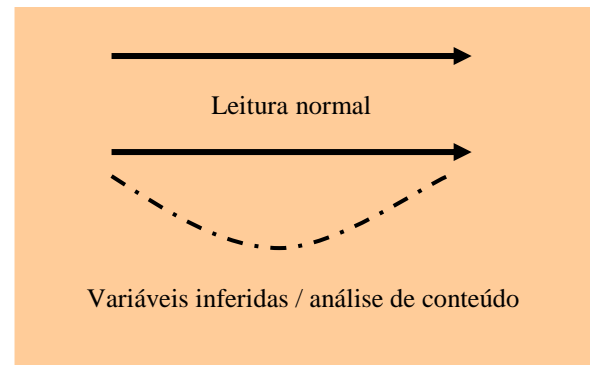


Ilustração 02: Representação da análise de conteúdo
Fonte: Freitas & Janissek. 2000.

Existe alguma coisa a descobrir sobre eles e o analista pode manipular tais dados por inferência de conhecimentos sobre o emissor da mensagem ou pelo conhecimento do assunto estudado de forma a obter resultados significativos a partir deles.

Os conteúdos em análise serão os diários de bordo. Para isso, devo realizar a decomposição desse diário, que será estudado como uma função das palavras e imagens que ele contém ou das idéias que ele representa, esta última possibilidade sendo escolhida devido as relações com os objetivos da pesquisa (Freitas & Janissek, 2000).

A análise de conteúdo pode ser classificada de acordo com o propósito de investigação:

- a) descrição de características de comunicação – o quê, como e de quem alguém disse tal coisa;
- b) inferência dos antecedentes da comunicação – por que alguém disse alguma coisa;
- c) inferências sobre os efeitos da comunicação - perguntando com que intenção alguém disse tal coisa.

Toda a análise de conteúdo deverá seguir uma série de etapas precisas, iniciadas pela definição do universo estudado, delimitando e definindo claramente, desta forma, o que estará e o que não estará envolvido.

Os procedimentos para a análise de conteúdo são compostos basicamente por cinco etapas: preparação das informações, unitarização, categorização, descrição e interpretação.

1º - Preparação das informações: por meio da leitura dos conteúdos dos diários de bordo, para identificar as informações a serem analisadas e a codificação dos materiais.

2º - Unitarização: definição de unidades de análise (tema) e de contexto (referência).

3º - Categorização (válidas, exaustivas, homogêneas, exclusivas, objetivas): construída ao longo do processo de análise.

4º - Descrição das categorias analisadas: comunicar o resultado do trabalho de identificação do material que constitui cada categoria.

5º - Interpretação: uma compreensão profunda dos materiais em análise com base em uma teoria constituída e/ou com a teoria emergente dos dados.

O instrumento de pesquisa será o diário de bordo das viagens realizadas com os viajantes, composto pela externalização das experiências, por desenhos, fotografias e manuscritos dos viajantes, bem como propostas e estratégias de interpretação desenvolvidas para cada viagem. Esse diário de bordo traduz-se no diálogo entre pesquisador e pesquisado, evitando assim apresentar questões pontuais como **sim** e **não**.

Acredito na validade desta abordagem metodológica para a interpretação da educação ambiental no fenômeno da viagem turística. Cabe, porém, salientar que ao tratar de uma interpretação do pesquisador com relação aos dados levantados, a leitura será permeada pela subjetividade. Uma leitura neutra é impossível na medida em que o método está pautado na interpretação.

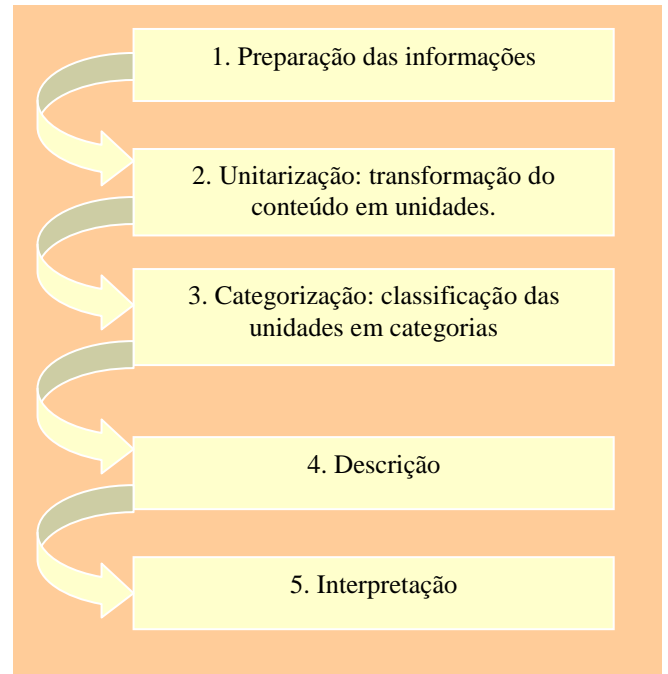


Ilustração 03: Etapas da análise de conteúdo.
Fonte: Freitas & Janissek, 2000.

Para interpretar essas experiências com os viajantes na Costa Doce procurei os vestígios de uma viagem interior na viagem turística, e da educação ambiental na idéia de humanização das viagens turísticas. O caminho seguido é um convite ao onirismo, pelo mundo e pelas experiências do guia-educador e com ele descobrir as possibilidades de uma outra viagem. Ele acompanha e se possível dialoga, neste momento de construção de um aprendiz de pesquisador, com a companheira imaginação. Este é um convite ao devaneio da viagem interior da qual não escapamos.

CAPÍTULO III

EU LENTE, CONCHA, INCENSO, BANQUETE ANTROPOFÁGICO: POR UMA VIAGEM INTERIOR.

Um grupo de antropólogos buscava uma localidade remota, nas cabeceiras do Amazonas. Iam guiados por índios, conhecedores dos caminhos e da aldeia a ser alcançada depois de três dias de viagem. O tempo ajudou e os barcos avançaram além do esperado para o primeiro dia. Ao cair da noite, o grupo acampou junto à margem do rio. Mas, cedo já estavam de pé, os guias e os guiados, para o segundo dia de jornada. Que também correu melhor que o esperado. Ao entardecer, estavam a apenas duas horas do final da viagem. Acamparam, os antropólogos impacientes pela chegada. Na manhã seguinte, foram os primeiros a acordar e estranharam: ao contrário do dia anterior, quando naquele horário já havia fogueira acesa e a primeira refeição preparada, agora os índios ainda dormiam nas redes. Chamados pelo chefe do grupo, alegaram: ainda é cedo! Os estrangeiros fizeram a refeição, desmancharam suas barracas e voltaram a chamar os índios. Receberam a mesma resposta: ainda é cedo! A paciência dos brancos esgotava-se: estamos a apenas duas horas do nosso destino, vamos seguir viagem! Os índios, pacientemente, replicaram que não poderiam seguir tão logo. E só depois de muita conversa, os viajantes receberam a explicação para o retardo: até agora, disseram os índios, seguimos muito rápido, e as nossas almas não nos acompanharam. Precisamos aguardá-las, para seguir a jornada.³⁰

Susana Gastal, ao relatar a historietta, propõe uma reflexão sobre as viagens turísticas, suas imagens e seus protagonistas, os lugares, os guias de turismo e os guiados. Essa imagem agrega à viagem um sentimento profundo, que vai além das visões capturadas pela lente de uma máquina fotográfica e roteiros organizados pelos agentes de viagens, ela nos convida a uma viagem interior que parte das entranhas do nosso ser.

A viagem em si não significa necessariamente turismo, mas o turismo sempre requer uma viagem. No contexto do turismo atual procura-se um outro olhar para as viagens turísticas, busca-se instigar uma (re) invenção dos produtos turísticos e seus roteiros, como forma de compreender a necessidade de viajar com o corpo e a alma.

³⁰ FISCHER, Luis Augusto, citado por GASTAL, Susana “Turismo e Cultura: por uma relação sem diletantismos”; in GASTAL, Susana (org.) “Turismo: 9 propostas para um saber-fazer”. Ed. dos Autores, Famescos/PUC. Porto Alegre, 1998.

Não significa compreender os nexos indígenas, a investida está em perceber a *viagem interior*³¹ como um elemento importante para a unicidade do corpo e alma.

Para uma possível investida na (re)invenção da viagem turística é preciso um exercício imaginativo que permeia a viagem interior, que parte do interior ao exterior do nosso ser, uma atividade que requer transitar por itinerários desconhecidos, percorrer roteiros imaginários. Nessa jornada, o núcleo interior explode em imagens (re)inventadas, como um “big-bang” interno de cada ser, como diz a música popular brasileira *Cada um de nós compõe a sua história, e cada ser em si carrega o dom de ser capaz, e ser feliz*³². Acredito nessa capacidade dos homens e mulheres de sonhar e imaginar, afinal, a própria palavra viagem já sugere percorrer os caminhos da imaginação, para tanto é preciso pensar nas imagens tradicionais da viagem turística, ou seja, aquelas veiculadas pela mídia as quais estão disponíveis nas gôndolas do mercado turístico.

As viagens turísticas nos trazem imagens de malas sendo feitas, passagens (aéreas, terrestres ou marítimas), aeroportos, terminais rodoviários e portos; hotéis, máquinas fotográficas e filmadoras. O corpo merece atenção: são roupas, calçados, poltronas de ônibus ou avião, enfim, são cenas físicas de nossos passeios.

Viaja-se para fugir de tudo, conforme aponta o livro de auto-ajuda para turistas de Freire (1998). E para ter saudade de casa. Viaja-se para (des)cansar. E para voltarmos mais cansados. Viaja-se para se livrar das obrigações de todo dia. E para ter obrigação de visitar três museus, um templo e sete monumentos todo dia. Viaja-se para experimentar coisas diferentes e ter dor de barriga, prisão de ventre e diarreia. Para comprar o que não se precisa e pagar com o que não se tem. Para se equivocar com cardápios. Para gentilmente pedir a você (ou a desconhecidos) que tirem fotos (e depois vão obrigar os conhecidos a vê-las). Para investigar se o McDonald que lá gorjeia não gorjeia como cá. Para se fazerem extensos tratados sociológicos sobre povos estranhos já no primeiro dia de estada. Para na volta ter quilos de fotografias para mostrar e toneladas de quilos para perder.

Mas, mesmo assim, nada é tão motivador como a vontade de viajar. Na expectativa de realizar um roteiro turístico, pedidos de demissão são engavetados, casamentos prorrogados, filhos adiados. Em casos mais extremos, casas próprias

³¹ A idéia de uma viagem interior está associada ao sonho desperto em que o homem descobre sua ancestralidade e sua universalidade, esse mundo de sonhos é um universo de reencontros: do homem consigo mesmo, dos homens com os outros homens, do homem com seu mundo.

³² Tocando em Frente, Almir Sater e Renato Teixeira.

deixam de ser compradas, carros escapam de ser trocados. Tanto sacrifício tem uma recompensa garantida, ser um cara viajado.

Mas qual o mote fundador da viagem? Ser apenas o deslocamento do corpo? A viagem turística é apenas o deslocamento do viajante de um núcleo emissor para um núcleo receptor? Não tenho dúvidas de elas estarem associadas ao sonho, é comum ouvir dizer que as viagens são sonhadas e que papel dos agentes de viagens e dos guias de turismo é realizar tal sonho. Não se está diante de uma tarefa um tanto difícil? Afinal, sonhos não são para serem vendidos e sim, sentidos pela capacidade imaginativa de cada ser. A imagem do poema de Carlos Drummond de Andrade *Será tudo talvez hipermercado de possíveis e impossíveis possibilíssimos que geram a minha fantasia de consciência enquanto exercito a mentira de passear*, traduz, nesse sentido, a esterilidade da viagem turística como um sonho para ser vendido e consumido pela lógica da padronização.

O sonho da viagem desejada corre o risco de ser um sonho padronizado pela tendência da *globalização/mundialização*³³, sonhos veiculados pela mídia. Os sonhos padronizados se parecem como guias de auto-ajuda para as viagens que ensinam como aproveitar melhor os lugares, ou ainda, imprimem em suas folhas quais são as sensações que se deve ter, isto é, uma padronização da expectativa e da experiência turística.

Por outro lado, considero a possibilidade de uma viagem provocar surpresas, até mesmo para podermos reconhecê-la como algo que o olhar ainda não tateou em cada ser. As experiências de uma viagem turística são como as ondas do mar que a cada lambida da água na areia, fazem (re)criar e (re)inventar as viagens turísticas, pois é diante das surpresas que a viagem se refaz nessa sinergia: o contraste entre as imagens definidas, “a priori”, e a experiência no local visitado, no estranhamento do lugar³⁴ capaz de provocar o sentido de uma viagem interior.

³³ A globalização está associada à economia, todos os processos e intercâmbio de moeda e empresas transnacionais que tendem a hegemonia do capital. A mundialização refere-se, nesse contexto, a incorporação de outros hábitos no modo de vida ditados pela cultura mundializada.

³⁴ O produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura, produzindo a identidade (CARLOS, 1997). A personalidade do lugar é própria e integrada a área onde se localiza. Sua identidade, portanto, é interdependente com a do território de que faz parte e da história da qual resulta. É, também, um lugar que não está fechado em si mesmo, mas, sim, um lugar que se relaciona com seu entorno (do local ao global), uma rede de relações de novas aprendizagens, intercâmbio e solidariedade, enriquecendo a vida de seus habitantes (Cabezudo, 2004).

A viagem interior significa nesse contexto uma tomada de consciência de cada ser em si, sentido primeiro para podermos estimular o processo de educação ambiental. O princípio para esse processo educativo necessita dar significado ao que fazemos e, antes de qualquer coisa, devemos sentir e sentir com os nossos sentidos, como diz Gutiérrez (2000): o sentimento, a intuição, a emoção, a vivência e a experiência são o norte que nos guiará com a idéia de construir um futuro mais humano. Para um turismo mais humano é preciso estimular essa idéia de viagem interior, esse é o início de uma perspectiva de educação ambiental no turismo. Os organizadores dos roteiros e itinerários devem despertar para essa possibilidade no turismo.

Ao se falar de sonho quanto à viagem turística, percebo não ser este um sonho padronizado pelos pacotes turísticos que atribuem ao lugar um mesmo olhar, uma única lente, um mesmo perfume, uma única forma de experimentar o lugar, desconsiderando as individualidades. Entendo que, muitas vezes, o preço do conforto pode distanciar o turista da verdadeira experiência com o lugar. Afinal, diante da tecnologia disponível, viajamos quase sem sair dos lugares (Guattari, 1997 p.8), como se estivéssemos em casa, assistindo a um programa de turismo.

O conforto falado são todas as facilidades para o bem-estar do visitante, como os ônibus climatizados, que chegam a terminais turísticos climatizados do qual partem para a visita a um atrativo turístico, também climatizado; daí, então, um restaurante climatizado (em muitas vezes, dada a heterogeneidade do público as opções são *fast-food*), para enfim se cair em uma cama de hotel, em um apartamento, também climatizado. Pergunto, qual a experiência com o lugar? Afinal, o clima de uma região faz com que se tenha uma estranheza e se perceba que mudamos, pelo menos geograficamente, de lugar. Neste sentido acredito que todas as viagens podem ser experienciadas. Se elas forem boas ou ruins, cabe a quem as experimentou decidir.

Na perspectiva atual do turismo, o tempo destinado para a realização das viagens é controlado e delimitado pelos roteiros, altamente programados, os quais são considerados a materialização do produto turístico. Para a contextualização do produto turístico, é necessário identificar a oferta turística efetiva, isto é, os atrativos turísticos naturais e culturais, a infra-estrutura, os serviços e os equipamentos necessários, os quais podem ser traduzidos como elementos geonaturais e

geoculturais, uma rede de fixos e fluxos disponíveis em um dado espaço geográfico, resultado das ações humanas na (re)produção sistêmica dos lugares.

Na consolidação do turismo, o fator fundamental para a sua manutenção no mercado é a formatação do produto, isto é, a ordenação e a organização da oferta, associada a uma demanda de clientes atraídos pelo consumo dessa atratividade. Identifico aqui a apropriação da paisagem pelas forças produtivas do turismo, personificando determinado lugar de núcleo receptor. O desenho desse produto turístico corre o risco de banalizar as singularidades da paisagem local, dada a lógica do seu consumo. Mesmo sendo esta uma atividade intangível, ela está inserida no mercado, no qual o produto é embalado e comercializado com a expressão: pacote turístico. Nesse processo, poderá estar-se correndo o risco de “superartificialização” dos lugares, ao converter-se em uma paisagem para ser vista pelo olhar viciado do visitante.

A utilização das expressões “ver” e “viciado” referem-se ao desenvolvimento de produtos turísticos que banalizam o local, pois o visitante terá, como ato de consumo, a visualização de uma paisagem fabricada e consumida de forma pré-estabelecida pelos roteiros, denominados de *City Tour*³⁵, onde a paisagem é captada, guardada e digitalizada pelas evoluídas máquinas fotográficas.

Acredito que, para tratar da viagem turística, é necessária uma outra abordagem, é preciso (re) inventar o turismo, como sugere Ferrara (1997 p.22).

O turismo precisa ser reinventado, conhecer a terra estranha como estratégia de autoconhecimento é um elemento básico no próprio curso de mundialização da cultura, entretanto exige mais participação inteligente do que fruição consumista (...) o turismo sugere que a viagem possa significar a conquista de certa consciência perante o mundo, onde não se busca apenas o novo ou a aventura, mas a inteligibilidade do presente; propõe-se um turismo que não trabalhe apenas com esteticizações visuais da paisagem, mas recrie, a viagem como percepção do mundo e possa atuar como uma manifestação ética e estética do tempo livre.

Um antigo referencial que assume, hoje, um forte significado de compromisso com a reconstrução das viagens turísticas, independente da sua

³⁵ São os roteiros realizados pelos agentes de viagens em áreas urbanas, tais roteiros ocorrem com alguma visitação aos principais atrativos turísticos (monumentos, museus, bibliotecas áreas de lazer).

*modalidade*³⁶, uma possibilidade de criar novas perspectivas para a experiência turística, como forma de efetivar um momento de sensibilização do ser humano com seu entorno físico-social-cultural-construído, isso é, *o meio ambiente*³⁷. Esse entorno referido é o resultado do meio onde se vive, pois o ser humano é produtor e produto. É preciso compreender o ambiente além de sua face meramente física e natural, como um elemento substantivo na constituição das relações e processos humanos que serão o pano de fundo sobre o qual se construirá a viagem turística, para, com isso, garantir o compromisso de uma educação ambiental pelo turismo.

Nessa perspectiva, a viagem turística deve garantir o sonho, não como um produto, mas como uma manifestação ética e estética do tempo livre, uma possibilidade de livre criação do ser humano. Não descarto a idéia de a viagem e o sonho estarem umbilicalmente relacionados, mas é necessário buscar as imagens do sonho não-padronizado para uma (re) invenção da viagem.

*O sonho*³⁸ de que trato para a viagem é um sonho desperto, não o sonho noturno do sono mas, como diz o filósofo Gaston Bachelard, é o sonho alimentado pela alma, isto é, pela alma. Este sonho de que fala o filósofo, agora me obriga a um retorno a mim mesmo, este é o ponto zero, o núcleo do universo imaginado diante do meu devaneio. *Assim o devaneio não é um vazio do espírito. É, antes, o dom de uma hora que conhece a plenitude da alma* (Gaston Bachelard, 2001 p. 60). A imagem de uma viagem será a poética do devaneio, o “eu” viajante, aqui, realiza uma viagem interior, antes de deslocar o corpo. A alma que alimenta o querer viajar, uma vontade intrínseca ao ser humano, um itinerário percorrido pela imaginação que alimenta a vontade de deslocar-se. Não que esta viagem interior signifique o ato da atividade turística, comercial e gregária da atualidade, porém é um antecedente indispensável para ela ocorrer. Pois esta vontade, este sonho, esta viagem imaginária é fruto das sensações, da memória, dos sentidos e, quem sabe, dos medos³⁹.

³⁶ Devido às novas tendências da atividade turística, o mercado vem oferecendo produtos denominados de ecoturismo, turismo rural, turismo cultural, turismo religioso, turismo de eventos, enfim um verdadeiro mercado persa da atividade turística.

³⁷ Um lugar determinado e/ou percebido onde estão as relações dinâmicas e em constante interação os aspectos naturais e sociais. Essas relações acarretam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e políticos de transformação da natureza e da sociedade. (Reigota, 1994 p.21)

³⁸ Idéia apresentada por Victor Hugo Guimarães Rodrigues na Obra *Por uma filosofia do espanto imaginário: uma tentativa de reconstrução - através das imagens poéticas - da formação do filósofo - sonhador numa perspectiva bachelardiana*. São Paulo, USP, 1999. (Tese de Doutorado) p. 68.

³⁹ Como o meu medo de realizar esta viagem na viagem e a resistência de me fecundar e me parir pelo onirismo.

Nessa viagem alimentada pela alma é que se encontra a possibilidade de constituição de uma educação ambiental pois, ao nos percebermos, poderemos perceber o outro e as outras formas de viver. Esse princípio não é externo ao ser, deverá partir da sua vivência consigo mesmo. A educação ambiental é um processo que ocorre por uma tomada de consciência, e esta parte de uma experiência interna de se conhecer, o que poderá ocorrer por meio de uma experiência turística.

Mergulhar nesse universo da viagem requer perceber que, para o gozo do momento sonhado, é preciso percorrer os itinerários com a alma. As perspectivas visuais dos prospectos turísticos são fragmentos de cores, sabores e perfumes de um quebra-cabeça, cuja imagem é modificada de acordo com a perspectiva de quem olha e do momento do olhar. A perspectiva é a invenção de um lugar para poder observar, muito mais que colocar-se em um lugar para contemplar. É um brinquedo da criança que espanta do adulto a sua vida infantil e “destrói” o brinquedo tão logo o ganha para poder inventá-lo do seu jeito, como possibilidade de novas brincadeiras. Nesse sentido, as perspectivas visuais recriam lugares e seus observadores potenciais. Uma possibilidade para sentir com toda a intensidade as cores, os sabores e os perfumes que se procuram no dia-a-dia do cotidiano, bem antes da realização tátil da viagem.

Victor Hugo Rodrigues convida à viagem imaginária, *o filósofo compreende o viajar como percorrer uma pluralidade de caminhos e aprender modos de caminhar, pelos quais encontra uma verdade íntima*⁴⁰. A viagem se funde, agora, com o meu “eu”, a alma poetiza o sonho, o sonho poetiza a alma, e neste caminho eu sou a própria viagem, pois a idéia da viagem me (re)faz. Resgato momentos, resgato perfumes conhecidos, resgato sabores degustados, resgato cores observadas. A idéia da viagem me traz uma mescla de sabores, um boticário de perfumes, um caleidoscópio de cores, onde já não sei se eu sou a viagem ou a viagem sou eu.

Neste processo de desejo, de viagem sonhada, no sentido desperto do ócio criativo, neste devaneio, sou lente, sou concha, sou incenso sou banquete antropofágico. *Esta viagem imaginária é um despertar de uma consciência onírica*⁴¹. Esta consciência é o mosaico das minhas crenças, dos meus desejos, dos meus preconceitos, dos meus medos, das minhas angústias, dos meus prazeres. É neste sentido que sou a lente da minha viagem imaginária, do meu devaneio. O processo das imagens se dá em forma espiral, pois busco em minha lente os elementos

⁴⁰ Rodrigues, 1999 p. 87.

⁴¹ Rodrigues, 1999 p. 68.

originários dessas imagens, não como uma imagem estática que procura o que passou, mas um processo que contribui para uma imagem seguinte. Assim, a viagem sonhada, a viagem interior, revela aquilo que sou e não aquilo que vejo.

A idéia de eu lente, se revela, aqui nessa viagem da viagem imaginária. Após eu ter qualificado a minha dissertação, o Prof. Dr. Humberto Calloni, sugeriu que deveria ter uma lente sobre meu projeto de pesquisa. No momento não concordei, e fiquei por um tempo refletindo sobre esta lente. Na procura de (re) inventar a viagem, percebo que eu sou essa lente. Eu seleciono, defino cores e escolho sabores. A imagem que tenho revela minha intimidade, fico desnudo, provoço em mim o encontro verdadeiro com o que sou. Assim, a imagem do meu percurso já não é mais aquela das campanhas publicitárias da televisão e dos prospectos de viagem, eu filtrei aquilo que me interessa, então componho os outros matizes, os outros sabores e revelo a mim a viagem interior. Sou, neste momento, o ser que sonha, que define e revela inconscientemente o mosaico de uma viagem escondida no meu cotidiano.

Estas imagens produzidas pelo sonho desperto fazem a viagem interior projetar os sons e, como concha do mar, resgato as melodias da minha vida, resgato o som do dedilhado do violão de meu pai, naquelas noites no interior do Rio Grande do Sul (Pedro Osório) a embalar meu sono, hoje, inaudível pelo mundo cotidiano. Esse êxtase da imaginação desperta permite uma imagem, sou nota musical de uma sinfonia cósmica. Meu processo se acelera e procuro captar os diferentes sons produzidos pela minha viagem interior, assim *minha alma se cobre de um luxo radioso de sensações*⁴², como se alimentasse a minha viagem pela musicalidade do eu concha. Esse eu traz a imagem do meu encantamento ao ouvir a ampliação do som do oceano em uma concha, lá, na beira do mar, mais intensa que o próprio mar, uma imagem fantástica, o sonhar acordado.

Resgato tais figuras da minha infância para compor a viagem interior, antecedente à turística (como a conhecemos na atualidade). Ao definir meus itinerários turísticos, busco seus sons, mas traduzo em mim a musicalidade dos lugares, daí a expressão eu concha. Na viagem interior, a composição musical é minha, como se pudesse, nesse momento de devaneio, executar uma sinfonia. Eu construo partituras, sou maestro e instrumento. Como diz o filósofo Gaston Bachelard (2000): *ainda que se tinja de melancolia, é uma melancolia repousante*,

⁴² Trecho da Obra “O Primo Basílio” de Eça de Queiroz (1878), recitado por Arnaldo Antunes na Música “Amor I Love You” de Marisa Monte em Memórias, Crônicas e Declarações de Amor (2000).

*uma melancolia ligante*⁴³. Estimula, assim, a minha viagem táctil (turística), os sons se corporificam em imagens sonhadas, as quais eu irei procurar ouvir nos lugares por onde passar.

E os aromas? Os perfumes? O aroma de pão que me leva ao velho galpão da minha avó, ou ao mundo das massas e das cucas da padaria do meu pai. Reencontro todos quando um prospecto ou um filme publicitário de turismo me revela estas imagens. Nelas, (re)produzo todos os aromas que fazem reviver minha memória e minha imaginação.

Aqui eu sou o aroma. Na minha viagem interior, que denominei de um boticário de cheiros, todos eles compõem as cenas da viagem imaginária, buscando lá no meu inconsciente os perfumes que marcaram uma experiência (prazerosa ou dolorosa), como o perfume intenso do jasmim a lembrar a inocência da criança no natal, ou a perda de quem muito se quer. Sou, então, um eu incenso, meu devaneio permite criar uma pluralidade de imagens odoríferas, as quais revigoram meu ser. Meu olfato está apurado na busca cada vez mais interna do que compõe a minha essência.

Os perfumes são intensos como suas sensações que movem um sentimento e tocam a alma. Resgato uma imagem de Süskind (1985 p.162-163), dos meus tempos de universitário, quando sentia o aroma da maresia invadir meu pensamento.

(...) As pessoas podiam fechar os olhos diante da grandeza, do assustador, da beleza e podiam tapar os ouvidos diante da melodia ou das palavras. Mas não podiam escapar do aroma. Pois o aroma é um irmão da respiração. Como esta, ele penetra nas pessoas, elas não podem escapar-lhe caso queiram viver. E bem para dentro delas é que vai o aroma, diretamente para o coração, distinguindo lá categoricamente entre atração ou menosprezo, nojo e prazer, amor e ódio. Quem dominasse os odores dominaria o coração das pessoas.

É nessa essência que repousa a minha viagem interior, a memória e a imaginação estimulam as imagens poéticas que alimentam meu olfato, retratando nesse momento a minha verdade íntima. A viagem interior me faz rolar em um abismo de cheiros, me entrego a estes odores, para renascer inteiro do meu próprio perfume e dominar minha essência.

⁴³ Bachelard, 2001 p.60

Ao longo desse devaneio, resgato os sabores dos tachos de cobre, no qual lambuzava minha infância, deleitava-me ao saborear aqueles doces. O eu lente prioriza as imagens e o eu incenso me permite resgatar esses sabores da infância, os sabores de um tempo passado e presente, presente no eu viajante, no eu que voa internamente. A viagem, por mais distante e exótica ou por mais próxima e cotidiana, permite buscar tais representações olfativas: um cheiro de café do passado, um cheiro de pão, um cheiro de feijão, como a imagem do poema “*café com pão... bolacha, não... ;café com pão... bolacha, não...*”⁴⁴, da cartilha da primeira série escolar, o qual aguçava a idéia de me banquetear na casa da minha avó, após a aula. Chego à idéia de ser o sabor, o tempero, o banquete, agora sou um banquete antropofágico. A internalização do eu lente, do eu concha, do eu incenso e do eu banquete permitem deliciar-me em mim, regozijo-me, satisfaço-me em mim. Nesse exercício, a viagem sou eu.

Assim, ao me revelar viagem, eu percebo que ela, a interior, antecede qualquer viagem corporal, táctil, ou seja, a viagem turística. Na imagem poética da música tocando em frente, identifico esta idéia da viagem interior e turística, *pela longa estrada eu vou, de estrada eu sou*⁴⁵. A viagem turística poderá ser a estrada que vou, mas a estrada é feita do que sou, portanto a turística se funde à interior. É nesse sentido que procuro trazer as experiências das minhas viagens para o turismo. São elementos que vão compor uma viagem turística comprometida com a construção do ser em si, propondo a sua (re) invenção. É nas rugosidades da lógica comercial do produto turístico, na atualidade, que é possível criar instrumentos capazes de viabilizar uma outra viagem.

Ao me perceber nesse exercício, descubro as potencialidades de um educador ambiental. Ao me reconhecer lente, concha, incenso, faço de mim um banquete antropofágico, não para me realizar em mim, mas para perceber que estou inter-relacionado com outras lentes, outras conchas e outros incensos. Essa é a pedra fundamental para a significação do sentido pessoal e coletivo de um ser aberto a outras realidades, possíveis de esperança para a construção de uma educação ambiental no turismo.

⁴⁴ MAIOR, Mário Souto. **Eu vou pra casa**. Meus poemas diferentes. Recife: Geração, 1938. p. 8. disponível em <<http://bvmsm.fgf.org.br/obra/poesias/020507-00008.pdf>>.

⁴⁵Tocando em Frente, Almir Sater e Renato Teixeira.

Após tantas viagens e imagens, acredito pensar em um turismo que possibilite a construção de novos nexos, que considere a viagem imaginária (a viagem interior). O Turismo precisa estimular *o andar devagar, porque já tivemos pressa demais*⁴⁶, pois para podermos levar o sorriso de uma verdadeira viagem é preciso *(re) conhecer o sabor das massas e das maçãs*⁴⁷, abrindo assim uma possibilidade para o autoconhecimento, ao se valorizar a interação da viagem interior às viagens turísticas.

Uma outra viagem turística é possível? Sim, acredito nessa possibilidade, ou seja, acredito que o real é a capacidade ilimitada das possibilidades imaginativas do ser humano, não como um delírio ou uma loucura dos olhos desencantados com o mundo. Pelo contrário, ela poderá significar um (re)encantamento com os lugares e quiçá com o mundo, partindo do encantamento consigo, com o outro, com as outras manifestações da vida. Percebo a idéia de uma viagem turística em que a alma tempera o encantamento, como sal a comida. Os outros temperos são adicionados conforme as experiências e sensações, mas no fundo é de alma que o turismo precisa.

Nessa experiência, somos a geografia da nossa viagem, os mapas são mentais, configurados pelo nosso caminho, como diz Ostrower (1986 p.76):

Caminhando, saberá. Andando, o indivíduo configura o seu caminho. Cria formas, dentro de si e em redor de si. E assim como na arte o artista se procura nas formas da imagem criada, cada indivíduo se procura nas formas do seu fazer, nas formas do seu viver. Chegará a seu destino. Encontrando, saberá o que buscou.

Essa idéia leva ao ponto de partida desse capítulo: a historietta dos índios e antropólogos, as figuras dos guias de turismo e os turistas, respectivamente, no qual o ponto de interesse dos guias de turismo é dissecar um atrativo cultural ou natural. O dos turistas, dentro da lógica do pacote turístico, é ver a atratividade, ou seja, realizar o sentido da viagem. A viagem turística pode apartar-se do mundo dos sentidos, das imagens criadas pelo turista? Os turistas nas suas viagens se destituem de si, de seus quereres, de seus sonhos, e até mesmo de seus medos? Acredito que os caminhos percorridos pelo turista-antropólogo significam um momento de (re) encontro para, no paradoxo do encontro com o outro, encontrar a si mesmo.

⁴⁶ Tocando em Frente, Almir Sater e Renato Teixeira.

⁴⁷ Tocando em Frente, Almir Sater e Renato Teixeira.

A idéia de uma outra viagem turística ganha expressão na prática do guia-educador, ao se procurarem outras possibilidades de fazer os turistas e/ou alunos terem nela uma experiência. O seu ser imaginativo procura, a cada viagem, recriar a própria viagem, buscando uma perspectiva diferente. Assim a considera e talvez nessa sutileza perceba os caminhos de uma educação ambiental no turismo, pois a experiência da viagem *não está na saída nem na chegada, ela se dispõe para a gente é no meio da travessia*⁴⁸ (João Guimarães Rosa em *Grandes Sertões: Veredas*), uma imagem traduzida como o sentido que procura dar às suas viagens turísticas.

Entendo que tal exercício de reconhecer a viagem interior na viagem turística é um instrumento para humanizar o homem, com sugere Krippendorf (2001). Isso não significa primeiro mudar o homem para as viagens, mas estabelecer novos contornos para as viagens turísticas.

Nessas é preciso ajudar o outro a olhar, como na poesia de Galeano (2000)⁴⁹, em que o pai vai levar o menino para ver o mar e, diante de tanta grandeza, de tanta imensidão, ele, o menino, diz: Pai, me ajuda a olhar! Os turistas precisam descobrir este olhar e, para tanto, os guias de turismo devem aprender a olhar, para poderem então, desvelar outro(s) olhar(es) na viagem turística.

Nesta perspectiva, Zuanazzi (2005)⁵⁰, em uma entrevista, salienta que *o turista do novo século será muito mais consumidor de experiências que de destinos*. Vejo que, para proporcionar o consumo de experiências, é preciso estimular o sentido da viagem interior, permitindo perceber, no percurso, um momento de (re)ligação⁵¹. Para isso, é necessário analisar as experiências para a concepção de outros instrumentos que permitam ao corpo e à alma viajarem juntos, pois o corpo que experiencia tem a alma como tempero. São experiências que devem ser procuradas a cada novo trabalho.

⁴⁸ Citado por LABATE, Beatriz Caiuby no artigo: A experiência do “Viajante – Turista” na contemporaneidade (1997 p.55)

⁴⁹ Diego não conhecia o mar./ O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. /Viajaram para o Sul. /Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. /Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. /E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. /E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: Me ajuda a olhar!

⁵⁰ Milton Zuanazzi, ex-diretor das políticas públicas de turismo do Ministério do Turismo, in Revista Oficial do Salão de Turismo/Suplemento do Jornal de Turismo – Junho de 2005. Empresa Jornalística APMC Ltda. Rio de Janeiro.

⁵¹ O (re)ligar significa partir do interior ao exterior (do eu ao outro), interpretar-se. Uma ação que tem por princípio temperar a vida, uma atitude, um princípio para o processo de educação ambiental.

Por isso estou aqui, escrevendo essa dissertação de mestrado. Busco agora perceber as práticas interpretativas dessa outra viagem, procuro alçar vôo, ao mesmo tempo que mergulho nas realizações e nas experiências do guia-educador. O objeto e o sujeito dessa pesquisa querem se provocar, se desnudar, se olhar, se reencontrar, quem sabe fazer um caminho que leve a criança ao ser primitivo, destituído do preconceito e dos parâmetros impostos.

Procuo explicações para esse mundo de indagações do guia-educador. Não procuro respostas exatas/prontas, mas compreender se essas viagens turísticas desenvolvidas vêm contribuindo para um outro turismo. Muito questioneei: será a Educação Ambiental um caminho para isso? Hoje percebo que foram as viagens imaginárias provocadas pelos poemas do poeta-filósofo-sonhador, na obra Forte Jesus-Maria-José⁵², que estimularam o guia-educador a criar outras perspectivas para o trabalho com turismo. Por isso, a sua *ecologia onírica*⁵³ é o rio no qual se permite viajar com a educação ambiental nos itinerários turísticos.

Este é um começo da viagem no mundo do onirismo e da educação ambiental, os caminhos, os itinerários estão traçados como uma viagem interior. Os novos roteiros e desafios irão percorrer as trilhas da interpretação, da educação ambiental e da humanização das viagens turísticas, para, então, investigar algumas práticas e experiências realizadas e aquelas por realizar.

Nesta viagem da minha viagem, sei que se carrega a história do guia-educador, as suas verdades, as transgressões do avô, a magia do circo, a severidade da avó, a plenitude do pai, a atenção da mãe, o mundo imaginativo da irmã, o mundo criança da outra irmã. A vida não é filme, mas as películas do cinema muito ensinaram e fascinam até hoje, desde o tempo em que era eu criança e passava horas na sala de projeção do cinema da cidade natal.

É na viagem interior que repousa o sentido de uma humanização das viagens turísticas como um instrumento para a educação ambiental. Isso evidencia o sentido de sensibilizar, no viajante, o seu ser imaginativo, sonhador e feliz, possuidor da capacidade de mudar os rumos da sua jornada cotidiana. Não trato de uma revolução para um outro ser humano, mas de abrir a porta das sensações. A faculdade emotiva

⁵² RODRIGUES, Victor Hugo Guimarães. Forte Jesus – Maria – José. 1. ed. São Paulo: EDICON, 1995.

⁵³ Disciplina criada para o mestrado em Educação Ambiental pelo Prof. Dr. Victor Hugo Rodrigues

deve ser tateada, deve ser priorizada no dia-a-dia. Acredito na capacidade de mudança do ser humano, pois só o que está morto não muda.

Para essa mudança é que estabeleço a idéia dessa viagem interior estimulada por uma educação ambiental frente à idéia de humanização das viagens de Jost Krippendorf, tema a ser tratado no próximo capítulo como balizas para a investigação que pretendo.

CAPÍTULO IV

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA IDÉIA DE HUMANIZAÇÃO DAS VIAGENS TURÍSTICAS

Como já vimos, o turismo é um fenômeno que envolve a dimensão cultural, social, econômica e ecológica, portanto o seu tecido espacial é o meio, o resultado do processo de ocupação espacial dos diferentes lugares, a matéria prima para a produção de produtos turísticos. Esses são comercializados na lógica do mercado, o qual exige novos produtos para atender as motivações egocêntricas dos turistas.

Diante dessa realidade, procuro um novo olhar para as viagens turísticas, o qual reflita um despertar para uma consciência ambiental e um perceber o mundo com todas as sensações. Almejo que as experiências da viagem, resgatem o eu interior numa perspectiva de olhar o outro e as outras formas de conviver.

Para se poder estabelecer a educação ambiental no contexto da viagem turística é preciso percorrer os caminhos que levaram à idéia de uma educação transformadora, como possibilidade de garantir a habitabilidade do planeta. A motivação para ela é a possibilidade de encarar, nessa outra viagem turística, a humanização das viagens. Nesse sentido, é preciso adotar uma abordagem da educação ambiental para que seja possível considerá-la como um princípio para a humanização das viagens turísticas.

Para tanto, cabe caracterizar essa idéia lançada por *Jost Krippendorf*⁵⁴ para ser viável descobrir outros caminhos transformadores das férias e do lazer vividos fora de casa em um momento de aprendizado e de experiências úteis para o enriquecimento íntimo e descobrir, também, ao regressar, o próprio cotidiano.

Nessa trajetória é possível estabelecer as questões de pesquisa, é nesse caminho entre a viagem interior e a viagem turística que a Educação Ambiental assume papel importante para interpretar as imagens da memória dos viajantes na Costa Doce, um instrumento que possibilitará verificar as práticas do guia-educador frente ao discurso.

⁵⁴ Autor de diversos artigos e livros sobre os aspectos econômicos, sociais e ambientais do lazer e do turismo, assim como sobre ecologia humana. A obra utilizada para essa dissertação “Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens” 2ª ed. São Paulo. Aleph, 2001, apresenta o conceito de um turismo responsável do ponto de vista do meio ambiente e da sociedade. Considerada, atualmente, na Europa e em outros países, como uma obra pioneira do turismo “suave” sustentável.

4.1 Sustentabilidade(s) para a habitabilidade do Planeta

Para a compreensão de um outro olhar sobre o turismo, é importante considerar os pilares da questão ambiental, os quais permitem (re)ordenar as ações e visões em congruência com o entorno ambiental, a condição e resultado da ação humana. A questão ambiental foi e é objeto de discussão em foros nacionais e internacionais, que vêm enfocando medidas preventivas, corretivas e de controle das atividades, adotando uma antiga diretriz de sustentabilidade, agora denominada desenvolvimento sustentável.

O enfoque da sustentabilidade propõe um modelo estratégico, a longo prazo, na conservação-regeneração da diversidade, respeitando a capacidade de renovação da natureza, os ciclos da biosfera e as estratégias de vida das populações humanas. Tema discutido no início da década de 70 sob a denominação de ecodesenvolvimento, sugerido como alternativa para a dicotomia ecologia-economia, propondo a descentralização nas tomadas de decisões e a solidariedade com as gerações futuras.

Após esta abordagem do ecodesenvolvimento, outros encontros e conferências ambientais colocaram em pauta tal problemática. O Clube de Roma, em 1972, no relatório “Os limites do crescimento”, já chamava a atenção para os modelos de desenvolvimento adotados, os quais deveriam sofrer modificações e ajustamentos. No mesmo ano, a “Declaração sobre meio ambiente”, da Assembléia Geral da ONU em Estocolmo, teve por meta estabelecer uma visão global para orientação à humanidade, preservação e melhoria do meio ambiente humano, conforme esta declaração:

O homem tem o direito fundamental à liberdade, à igualdade e ao desfrute de condições de vida adequadas, em um meio ambiente de qualidade tal que lhe permita levar uma vida digna, gozar de bem-estar e é portador solene de obrigação de proteger e melhorar o meio ambiente, para as gerações presentes e futuras. (Dias 2003 p. 369).

Um importante marco para a conquista da sustentabilidade ocorreu com a Primeira Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental (Conferência de Tibilisi), realizada em Tibilisi, Capital da Geórgia CEI (ex- URSS), em outubro

de 1977, organizada pela Unesco. Com a publicação do “Livro Azul”, surgiu uma importante fonte de consulta, a qual estabelece as finalidades da educação ambiental.

A educação ambiental, devidamente entendida, deveria constituir uma educação permanente, geral. Essa educação deveria preparar o indivíduo, mediante a compreensão dos principais problemas do mundo contemporâneo, proporcionando-lhe conhecimentos técnicos e qualidades necessárias para desempenhar uma função produtiva, com vistas a melhorar de vida e proteger o meio ambiente, prestando a devida atenção aos valores éticos. Ao adotar um enfoque global, sustentado em uma ampla base interdisciplinar, a educação ambiental cria a perspectiva dentro da qual se reconhece a existência de uma profunda interdependência entre o meio natural e o meio artificial, demonstrando a continuidade dos vínculos dos atos do presente com conseqüências do futuro, bem como a interdependência entre as comunidades nacionais e a solidariedade necessária entre os povos. (Dias, 2003 p. 109).

No ano de 1980, com a “Estratégia mundial para conservação” desenvolveram-se as condições básicas para o desenvolvimento sustentado que deveria prever a manutenção dos processos ecológicos fundamentais dos quais depende a vida humana (fotossíntese, ciclo hidrológico, reciclagem de nutrientes) bem como a utilização sustentada das espécies e ecossistemas.

O desenvolvimento sustentável ganha mais espaço com a divulgação em 1987, do “Nosso Futuro Comum” (Our Common Future), com objetivos de reexaminar os problemas ambientais, assegurando que o projeto humano seja sustentável através do desenvolvimento, sem comprometer os recursos para gerações futuras.

Quanto à necessidade de mudanças no modelo de desenvolvimento, esta foi defendida pela “Declaração de Caracas sobre Gestão Ambiental para a América Latina” (1988), elaborada por especialistas em gestão ambiental da América Latina (Venezuela em abril de 1988). A chamada Declaração de Caracas, como ficou conhecida, salienta a debilitação do Estado e a degradação socioambiental.

Nossa região está sendo afetada por problemas ambientais que lhe são específicos, devido ao desenvolvimento histórico de suas economias, às suas raízes culturais, à natureza de seus ecossistemas e às pressões internas e externas que são exercidas sobre seus recursos. Entre estes problemas destacamos a grave deterioração dos

ecossistemas tropicais, a desertificação, a erosão, a extinção de espécies de flora e fauna nativas, o manejo inadequado de agrotóxicos, a contaminação e deterioração da qualidade de vida. (Dias, 2003 p. 520)

Nesta declaração, fica evidente que, para se atingir a sustentabilidade adequada, o tratamento socioambiental deverá ser particular para cada área, considerando que as características originadores do espaço são próprias de cada lugar.

No ano de 1991, a estratégia para o futuro da vida em “Cuidar da terra” objetivou uma nova estratégia mundial, com base nas relações de harmonia entre os homens e a natureza e entre eles mesmos, proporcionando, no ano de 1992, uma nova conferência da ONU sobre meio ambiente e desenvolvimento. Esta Conferência, a Rio 92, originou um documento denominado “Agenda 21”, um abrangente programa a ser implementado para administrar e proteger melhor os ecossistemas e tornar realidade um futuro mais próspero para todos nós.

A educação para um futuro sustentável da Conferência de Tessalônica, na Grécia no ano de 1998, procurou discutir a visão transdisciplinar. O objetivo é reconhecer o papel crítico da educação e da consciência pública para o alcance da sustentabilidade, considerando a importante contribuição da Educação Ambiental.

As ações da conferência “Rio + 10” (Johannesburg, África do Sul 2002), bem como o Fórum Social Mundial, procuram elevar as discussões sobre a habitabilidade do planeta, envolvendo as esferas sociais, culturais, éticas, étnicas, políticas, econômicas e ecológicas, para a possibilidade de um outro mundo.

Ainda, sobre a idéia da sustentabilidade, Diegues (1996) defende a idéia de *Sociedades Sustentáveis*, em que cada sociedade tem a possibilidade de definir seus padrões de produção, consumo e bem-estar a partir de sua cultura e de seu desenvolvimento histórico e natural. A essa idéia atribui-se o termo ambiental, para então escrever, “Sociedades Ambientalmente Sustentáveis”. A utilização do termo ambiental significa a garantia da identidade e da tradição crítica do ambientalismo diante do modelo ideológico de crescimento econômico a todo custo (Santos e Sato, 2001), além de garantir uma sociedade ambientalmente sustentável.

Salienta Diegues (1996) que esta proposta deixa de lado o padrão de sociedades industrializadas, enfatizando a possibilidade da existência de uma diversidade de sociedades ambientalmente sustentáveis, desde que pautadas pelos princípios básicos de sustentabilidade ecológica, econômica, social, cultural,

individual e política. Portanto, para existir esse tipo de sociedade é necessário considerar um processo e não um estágio final, propondo um sistema que tenha capacidade para se transformar.

Esta sucinta retrospectiva sinaliza que os pilares de discussão são os mesmos, mas a sua evolução permite estabelecerem-se novas relações e novos rumos para uma ação em prol de uma convivência mais saudável dos seres humanos entre si e destes com seu entorno físico natural ou construído, por suas práticas, seus saberes e seu processo histórico de ocupação espacial. Para tanto, é preciso utilizar a educação ambiental a fim de atingir tais pressupostos, uma educação que tenha a possibilidade de abranger diferentes esferas como, no caso em estudo, as viagens turísticas.

4.2 Educação Ambiental: um princípio às viagens turísticas

A educação ambiental na atualidade se faz presente nos diferentes discursos, com diferentes propósitos, sob diferentes olhares, um oceano de interpretações e possibilidades. Percebo que ela permeia o cotidiano de diferentes áreas do conhecimento, cada qual com suas verdades. Para essa pesquisa, busco diferentes referenciais para a adoção de uma abordagem frente à educação ambiental na viagem turística.

Os referenciais transitam por autores que buscam esta perspectiva nas diferentes áreas do conhecimento, das ciências exatas às ciências humanas, sob diferentes olhares. Esse exercício busca validar os pontos de congruência entre as diferentes abordagens para, com isso, se estabelecer a idéia de uma educação ambiental à viagem turística como processo de humanização da viagem.

Os referenciais apresentados não são excludentes, tampouco com isso pretendo dar um panorama geral da Educação Ambiental em seus diferentes contextos. Pelo contrário, entendo que a questão ambiental associada à educação é um campo fértil, que requer um olhar à luz dos paradigmas da educação na atualidade.

Diante de uma proposta de educação ambiental na viagem turística, trato de uma perspectiva de educação ambiental não-formal. A utilização de diferentes referenciais traduz a idéia das diferentes esferas que contribuem para o fenômeno do turismo. Nesse contexto, a educação ambiental pode ser entendida, conforme Tozzoni-Reis (2001 p.42):

(...) uma dimensão da educação, é uma atividade intencional da prática social, que imprime ao desenvolvimento individual um caráter social em sua relação com a natureza e com os outros seres humanos, com o objetivo de potencializar essa atividade humana tornando-a mais plena de prática social e de ética ambiental (...) a educação ambiental é mediadora da apropriação, pelos sujeitos, das qualidades e capacidades necessárias à ação transformadora responsável diante do ambiente em que vivem.

Este enfoque permite, inicialmente, compreender a dimensão da educação como uma perspectiva de ética ambiental.⁵⁵ Essa é uma abordagem capaz de estimular os laços afetivos do ser social em relação ao meio em que vive. Este meio está presente no processo de viagem turística, pois parto de uma idéia da relação íntima entre viagem interior e viagem turística. Portanto a perspectiva da educação ambiental, neste referencial, contribui para a proposta, pois se trata de um desenvolvimento individual frente o seu entorno.

Em uma abordagem à Educação Ambiental, Santos & Sato (2001 p.32 – 33) apontam segundo Leff (1995) que:

A educação ambiental dentro de sua perspectiva mais ampla tem uma intencionalidade, que é gerar novos vínculos com o ambiente imediato, seja ele natural, construído, espacial ou temporal, através de uma ética particular. A educação ambiental fomenta novas atitudes nos sujeitos sociais e novas decisões da sociedade, guiadas pelos princípios da sustentabilidade ecológica e da valorização da diversidade cultural. Ela implica educar para formar um pensamento crítico, reflexivo, capaz de analisar as complexas relações da realidade natural e social, para atuar no ambiente dentro de uma perspectiva global, mas diferenciada pelas diversas condições naturais e culturais que a definem.

Como já apresentado, o turismo engloba as esferas relacionadas ao meio natural, social e cultural. Com isso, esse referencial apresenta um ponto de vista para fomentar novas atitudes nos sujeitos, portanto, novas decisões na sociedade e quiçá no turismo. A idéia de sustentabilidade permite acoplá-la à humanização das viagens. Na perspectiva de humanizar a viagem turística, é possível assumir a sustentabilidade

⁵⁵ A palavra ética vem do grego ETHOS que significa: modo de ser, caráter enquanto forma de vida do homem. No contexto dessa pesquisa adota-se por ética ambiental a conduta comportamental do ser humano em relação à natureza, decorrente da conscientização ambiental e conseqüente compromisso pessoal preservacionista, tendo como objetivo a conservação da vida global.

ecológica como uma expectativa de valorização da diversidade cultural, tanto dos turistas como dos receptores.

Diante da possibilidade de gerar novos vínculos com ambiente imediato, as atividades de turismo pautadas pela Educação Ambiental, estarão fomentando novas atitudes afetivas com a diversidade ambiental, isto é, para a diversidade ecológica, cultural e social. Para tanto, é preciso fazer o caminho para dentro do ser, é preciso uma viagem interior como mote sensibilizador sobre o eu, o outro, o lugar e o global.

Para Mininni (2000 p.15-22) a Educação Ambiental é:

Um processo que consiste em propiciar às pessoas uma compreensão crítica e global do ambiente, para elucidar valores e desenvolver atitudes que lhes permitam adotar uma posição consciente e participativa, a respeito das questões relacionadas com a conservação e adequada utilização dos recursos naturais, para a melhoria da qualidade de vida e a eliminação da pobreza extrema e do consumismo desenfreado.

Essa contribuição da Educação Ambiental incita a idéia de que a viagem turística deve partir para uma prática participativa (ativa), um maior envolvimento do viajante com o lugar visitado. Ao elucidar valores e desenvolver atitudes estará o viajante gerando uma postura de respeito entre os seres humanos e seu entorno. Esta perspectiva concretiza-se para (re) direcionar as viagens turísticas, uma vez que maximiza a qualidade de vida e propõe (re)visitar o modo de consumo desenfreado.

A perspectiva da educação ambiental, apresentada por Dias (2003:100), salienta que esta é um processo em que as pessoas apreendem como funciona o ambiente, como dependem dele e como afetamos e promovemos a sua sustentabilidade para uma melhor qualidade de vida.

Neste sentido é que a Educação Ambiental na viagem turística serve de instrumento fundamental para construir a humanização das viagens. Esta idéia de utilizar a Educação Ambiental na viagem turística é possível encontrar nas propostas da Política Nacional de Educação Ambiental (Lei nº 9.795/99), a qual evidência a sua característica não-formal.

Art. 1º - os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem os valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade;

Art. 2º - é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal.

É importante considerar também o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, organizado por um grupo de trabalho das ONG's de diversos países, o qual foi apresentado em junho de 1992, por ocasião da "Rio-92". Este documento estabelece que a educação ambiental deve:

(...) envolver uma perspectiva de harmonia na relação entre o ser humano, a natureza e o universo de forma interdisciplinar (...) valorizar as diferentes formas de conhecimento. Este é diversificado, acumulado e produzido socialmente, não devendo ser patenteado ou monopolizado (...) gerar, com urgência, mudanças na qualidade de vida e maior consciência de conduta pessoal, assim como harmonia entre os seres humanos e destes com outras formas de vida. (...) estimular as comunidades para que retomem a condução dos seus próprios destinos. (...) estimular a solidariedade, a igualdade e o respeito aos direitos humanos, valendo-se de estratégias democráticas e interação entre as culturas. (...) deve recuperar, reconhecer, respeitar, refletir e utilizar a história e a cultura local. (...) ter como base o pensamento crítico e inovador, promovendo a transformação e a construção da sociedade. (...) ser uma ação individual é coletiva. (Dias, 2003 p. 195)

Diante das abordagens utilizadas, identifico um vasto universo para a sua efetivação, isto é, pensar educação ambiental transcende os limites das áreas de conhecimento, requer entender que as contribuições são complementares. Para entender a educação ambiental na viagem turística é necessário entender que a viagem interior é o mote fundador para a (re)ligação do homem.

A fim de melhor compreender a educação ambiental e construir uma abordagem para a investigação, criei um quadro interpretativo, com as explicações apresentadas pelos diferentes autores e documentos. Para organizar esse quadro interpretativo, utilizei a ferramenta da observação consciente dos princípios e pensamentos contidos nas obras dos escritores e documentos consultados, com vistas a elaborar um plano de ação, uma metodologia que tem por objetivo uma estrutura participativa. Nesse sentido, acredito que a educação ambiental é um processo ativo e participativo, justificando a utilização dessa ferramenta.

| AUTOR | O QUÊ | PARA QUÊ | COMO | QUEM |
|---------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------|
| Mininni (2000) | Processo | Compreensão crítica e global do ambiente; conservação dos recursos naturais; melhoria da qualidade de vida; eliminação da pobreza e do consumismo desenfreado. | Elucidação de valores e atitudes por meio da participação considerando o ambiente global. | Pessoas |
| Tozzoni-Reis (2001) | Atividade intencional de caráter social em sua relação com a natureza e com os outros seres humanos. | Potencializar uma ética ambiental. | Pela apropriação das qualidades e capacidades necessárias a uma ação transformadora do ambiente em que vivemos. | Sujeitos |
| Santos & Sato (2001) | Uma intencionalidade de uma ação educativa; respeito às diversas condições naturais e culturais que a definem. | Novas atitudes e decisões da sociedade em prol de uma sustentabilidade ecológica e da valorização da diversidade cultural. Uma ética ambiental, considerando o ambiente imediato (natural, construído, espacial ou temporal) dentro de uma perspectiva global | Gerar novos vínculos por meio da análise das complexas relações da realidade natural e social. | Sujeitos sociais |
| Dias (2003) | Processo | Entender o funcionamento do ambiente; nossa dependência dele; como afetamos o ambiente; como promovemos a sustentabilidade. | Aprendizagem | Pessoas / nós. |
| DOCUMENTO | O QUÊ | PARA QUÊ | COMO | QUEM |
| Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global (1992) | Princípios que devem estimular a ação | Uma perspectiva holística; mudanças na qualidade de vida; maior consciência de conduta pessoal; harmonia entre os seres humanos e destes com outras formas de vida. | Valorização das diferentes formas de conhecimento; reconhecimento e reflexão e respeito à história e cultura local; respeito aos direitos humanos; estratégia democrática. | Comunidade e indivíduo |
| Política Nacional de Educação Ambiental (1999) | Processo | Conservação do meio ambiente para a sadia qualidade de vida e sustentabilidade. | Construção de valores sociais, habilidades, atitudes e competências adquiridas pelo processo de educação ambiental formal e não – formal. | Indivíduo e coletivo |

Ilustração 04 – Quadro interpretativo da abordagem à Educação Ambiental

Org. Daniel Moraes Botelho

Partindo dessa fragmentação e da coesão reflexiva das abordagens apresentadas, entendo que a educação ambiental é uma ação educativa processual sobre as relações estabelecidas entre ser humano – meio ambiente – ser humano, respeitando as diversas condições naturais e culturais que definem o contexto onde estão inseridos.

Assim, a educação ambiental pretende potencializar uma perspectiva sensibilizadora em que a consciência e a conduta pessoal estejam permeadas pela ética ambiental em prol da sustentabilidade (ecológica, social, cultural e econômica), possibilitando a transição de um paradigma do “ter no mundo” para o “ser no mundo”. Na sociedade atual, os valores do “ter” suplantaram os valores do “ser”, isto é, a posse, a propriedade, a fortuna, o consumo, o egoísmo vêm antes do sentido de comunidade, de tolerância, de moderação, de busca de um senso, de modéstia e de honestidade. (Krippendorf, 2001)

Como atingir tais pressupostos? Conforme foi observada, a educação ambiental é uma ação (formal e não-formal). Portanto, envolve um fazer de homens e mulheres (individual e coletivo), uma construção processual. Cabe aqui impregnar de sentidos a vida cotidiana por meio de diferentes veículos e instrumentos, valorizando os saberes e fazeres tradicionais, permitindo a criação de laços afetivos com o seu entorno por meio da análise reflexiva das complexas relações da realidade natural e social. Uma ação participativa e dialogada, capaz de construir valores e atitudes democratizados em prol do equilíbrio dinâmico da vida.

Assim, para a investigação que pretendo, considero a educação ambiental uma ação sinérgica e processual que nutre os laços afetivos da vida cotidiana, permitindo a geração de valores e atitudes éticas em prol do ambiente em que estou inserido, por meio da experiência interior e reflexiva da relação eu–lugar–outro.

Com base no esforço mundial e diante da abordagem à educação ambiental, acredito que um outro olhar é possível para a viagem turística. A educação ambiental poderá ser uma alternativa capaz de satisfazer as necessidades básicas para o desenvolvimento local, para a sustentação da qualidade de vida e para a construção de uma viagem turística que conduza ao homem ao seu interior e ao outro, por meio do contato e partilha de experiências e vivências reais.

Como afirma Adyr Rodrigues (1997):

Viajar autenticamente é partir do conhecido ao desconhecido. De dentro para fora, do interior de si mesmo para o exterior do outro (...) a viagem é um trânsito do homem, no qual se opera a transição entre a experiência do conhecido e as experiências por conhecer, na sua busca constante na direção da renovação e à sua própria superação. O importante não é o percurso, mas são as experiências vivenciadas no caminho.

A educação ambiental preconiza uma mudança de atitudes e valores, as quais estão no interior de cada indivíduo que ao experimentar e vivenciar o seu caminho, poderá encontrar-se na relação com outro e desvelar os significados para uma outra conduta perante os problemas de ordem social, cultural, econômica e política. Na perspectiva da viagem turística, a educação é a ferramenta para a construção de um novo homem, ou um homem novo, ou quem sabe a ferramenta para (re) inventar na vida cotidiana os princípios da(s) sustentabilidade(s).

Dentre tantas ações e propostas para a realização de uma educação ambiental que extrapole os projetos pedagógicos escolares, saliento o turismo, que vem procurando adotar uma diretriz de sustentabilidade no seu desenvolvimento, uma meta da Organização Mundial do Turismo (OMT), que visa à sustentabilidade do fenômeno turístico.

Para a OMT, a garantia de sustentabilidade do turismo deve percorrer: a) a dimensão ambiental: deve garantir que o desenvolvimento seja compatível com a manutenção dos processos ecológicos essenciais, da diversidade biológica e dos recursos; b) a dimensão social e cultural: deve assegurar que o desenvolvimento sustentável aumente o controle dos indivíduos sobre suas vidas, seja compatível com a cultura e os valores das pessoas, e mantenha e reforce a identidade de uma comunidade; e a dimensão econômica: deve certificar que o desenvolvimento seja economicamente eficiente, beneficiando todos os agentes do destino ou região turística e os recursos sejam gerenciados localmente, protegendo a conservação, deles para as gerações futuras (OMT, 1998 apud. Ueda et. al 2004).

Nesse contexto acerca da sustentabilidade, o turismo vem procurando estabelecer contornos metodológicos e reflexivos sobre as questões ambientais, por uma proliferação de obras que sustentam a necessidade urgente de possibilitar um outro caminho para o turismo. Salienta Mendonça (1997) *que onde há turismo há degradação ambiental*. Um contributo a isso é a mimetização dos lugares em mercadoria, os indivíduos escolhem estes destinos por critérios que não incluem a personalidade, as amenidades, imperando aí a superficialidade na relação com o lugar.

Na lógica atual de produção de mercadorias, o turismo encontra seu caminho ou o mundo mercadoria constitui a essencialidade do turismo? Na realidade, o homem moderno se aparta cada vez mais da natureza, o que não se refere apenas ao ambiente natural, como afirma Guattari (1997 p.25) *mais do que nunca a natureza*

não pode ser separada da cultura e precisamos cada vez mais pensar transversalmente as interações entre ecossistemas, mecosfera e universos de referência sociais e individuais.

A massificação do turismo de sol e mar, por exemplo, tem significado para os indivíduos, de forma geral, viajar para um lugar diferente de sua moradia, fruir peripécias de passagem e fazer algo diferente do seu cotidiano sem, porém, expor-se a situações desconhecidas, isto é, sem realmente conhecer o lugar, a base sobre o qual foi construído, isso parece distante e desnecessário dado o processo de consumo compulsivo da paisagem visitada.

Como criar laços afetivos com o lugar visitado, diante do que se apresenta? O que, na realidade, observo é serem os laços afetivos meramente poses captadas pela câmera fotográfica, destituída de história, de vida e de relação íntima com a paisagem visitada. Mendonça (1997) comenta que *não é incomum acontecer de se considerar a viagem um completo fracasso quando ocorre algum incidente com a câmera e as fotos ficam perdidas.*

O espaço receptor de turistas, à medida que compreendemos a sua personalidade, torna-se vívido, torna-se o lugar, uma categoria filosófica porque só existe do ponto de vista do sujeito que o experiencia, pleno de significado e de essência, enquanto o “lugar-mercadoria”⁵⁶ é algo distante, abstrato, com o qual não criamos laços afetivos.

O turismo, neste sentido e diante de novas procuras, precisa migrar do “ver” para o “perceber”, passar de uma relação turista–interesse–destino (passiva), para uma relação turista–interesse–destino(ativa), emociona e fisicamente, o que poderá garantir um despertar do Ser. Nesse sentido é necessário traduzir as experiências turísticas no despertar para novos valores e atitudes, um termo que verte no subtexto da educação ambiental, na qual evidencia a necessidade do pensamento integrado e integrador das relações estabelecidas. Precisa-se humanizar a viagem e perceber os lugares. Precisa-se sentir visceralmente os lugares visitados, suas matizes, suas nuances, seus cheiros, seus sabores. Precisa-se descobrir outras formas de experiência turística que venham a garantir novas atitudes e novos valores.

Entendo ter essa nova forma por propósito que o viajante perceba ao logo do caminho, ser a experimentação da vivência um todo complexo de novas situações e

⁵⁶ A transformação das experiências vivenciadas em produto turístico.

daquelas presentes no seu ser. O viajante, ao se questionar, se afirma e se recolhe novamente nas profundezas do seu ser. O caminho de que se fala é o caminho do crescimento. O caminho da humanização das viagens turísticas.

4.3 A humanização das viagens: a idéia de Jost Krippendorf na perspectiva de uma educação ambiental na viagem turística

A idéia de humanização das viagens turísticas está apoiada em uma idéia de sustentabilidade do fenômeno turístico. As diretrizes para uma nova concepção do turismo requerem um mundo mais harmonioso onde cada parte seria um centro que não viveria às expensas dos outros, mas de acordo com a natureza e solidário com as gerações futuras. Afirma Krippendorf (2001 p.134) *que a idéia de humanização são todas as medidas que possam nos aproximar de uma situação assim no campo das viagens ou em qualquer outra.*

Essa proposta é um desafio para o fenômeno marcado pela comercialização dos lugares. O desenvolvimento de uma nova consciência turística deve estar pautado por um novo modo de vida, *o que precisamos, em primeiro lugar, não é de viagens diferentes, mas de pessoas diferentes. Uma sociedade doente não pode produzir um turista sadio*⁵⁷. Nessa abordagem, é preciso considerar as ligações entre trabalho, moradia, lazer e viagens, é preciso entender que o homem não é um ser social divisível em *homem-lazer, homem-trabalho, homem-férias*⁵⁸. Essa ligação estimula pensar que tanto os momentos de lazer, quanto o trabalho, a moradia e as viagens influenciam o ser humano, porque mesmo em férias, *ninguém escapa a si próprio (...) a vida cotidiana influi no ser humano quando ele viaja, assim como o que ele vivencia nas férias pode repercutir sobre o seu cotidiano*⁵⁹.

As viagens, bem como todas as esferas da vida do ser humano, retratam-se no fenômeno turístico, logo esperar uma mudança no ser humano e conseqüentemente na sociedade para humanizar as viagens, será cruzar os braços, pois todas essas esferas influem no comportamento humano, Entendo que a viagem poderá contribuir para impulsionar novas atitudes para uma vida melhor, conforme salienta Krippendorf (2001 p. 134).

⁵⁷ Krippendorf, 2001 p. 134. Acredito que ao despertar no viajante uma imaginação criadora nas viagens turísticas, estará criando possibilidades para turistas mais sadios em vias de cooperar para a construção de uma sociedade menos doente e nessa relação reinventar as viagens turísticas.

⁵⁸ K. Jost op. cit. p.134.

⁵⁹ K. Jost op. cit. p.134.

Não deveríamos apesar de tudo, tentar, modificar, primeiro, alguma coisa no universo das viagens? Talvez novas atitudes nesse universo de viagens turísticas criem impulsos para uma vida globalmente melhor. Ademais, isso poderia ser um primeiro passo na direção de uma sociedade mais humana. É uma oportunidade que vale a pena agarrar.

Com esse olhar para um mundo mais humano, Krippendorf (2001) apresenta algumas teses que envolvem o planejamento da atividade turística, a promoção do turismo e a experiência dos viajantes quanto às viagens turísticas. Tais teses servem de referencial para a organização das questões de pesquisa.

Inicialmente será preciso *pregar um turismo “suave” e humano: reconsiderar as escalas de prioridades*⁶⁰. Nesse sentido, é importante que todos os envolvidos no fenômeno turístico compreendam e aceitem uma nova escala de valores e o desenvolvimento de estratégias para o turismo, que representem maior satisfação possível de todos os interessados (população local, turistas e empresas de turismo), promovendo atitudes convenientes, sobretudo nos campos ecológico e social. Para tanto, criar uma política de respeito ao ser humano e ao meio ambiente como forma de assegurar e aperfeiçoar a satisfação das múltiplas necessidades turísticas dos indivíduos envolvidos na arte do lazer. Nessa tese, o importante é reconhecer que o turismo deve servir ao ser humano, e não o contrário. Conforme argumenta o autor:

O desabrochar humano deve ser prioridade absoluta. É preciso voltar ao ser humano, às virtudes humanas, às atitudes sociais e à ética frente à vida. Não estou invocando um “super - homem ideal”, mas um homem “novo”, esclarecendo que o “novo” também pode recorrer aos valores antigos. Caberia desenvolver o turismo aos seres humanos, para que ele se torne mais humano.⁶¹

A argumentação evidencia um dos propósitos da educação ambiental: a idéia de valorizar as atitudes sociais e a ética frente à vida, uma atitude que poderá ser estimulada pelas viagens turísticas. Assim, estaremos buscando valores antigos e configurando – quem sabe? – esse homem novo, o qual valoriza a vida frente às experiências nelas compartilhadas na relação eu–outro.

⁶⁰ K. Jost op. cit. Tese 01, p. 135.

⁶¹ K. Jost op. cit. p.136.

*Avançar na direção correta – não esperar a grande mudança*⁶², uma proposta que visa propiciar às pessoas envolvidas, o sentimento de estarem realmente envolvidas, ajudando uma pequena revolução pessoal, o que poderá ser muito significativo, especialmente no âmbito da melhoria da viagem. Essa forma modesta de mudança pode incidir sobre coisas simples, como diz o autor:

É a aventura na próxima esquina!... ou: o que acontecerá se eu modificar algum dos meus comportamentos na vida cotidiana ou na viagem? Apenas com as próprias experiências poderemos descobrir se atitudes novas e diferentes serão convenientes em oposição às que conhecíamos até o momento⁶³.

Estamos diante de uma perspectiva que aponta para experiência pessoal bem vivida, incitando o senso de responsabilidade que permitirá avançar para uma direção mais consciente, não a consciência pesada⁶⁴ da proibição ou do sentido de dever.

Para conquistá-la, é importante *interpretar corretamente a noção de liberdade na política do lazer e do turismo*⁶⁵. A arte de viajar deve ser um convite à viagem instauradora do tempo livre e não aquele monopolizado comercialmente. Essa noção de liberdade deverá traduzir-se tanto do turista, quanto do visitado. Isso não significa uma total e ilimitada liberdade, pelo contrário, significa entender o sentido de comunidade, o qual requer mais solidariedade e menos egoísmo, mais cooperação e menos concorrência. Na experiência turística, é possível encontrar caminhos para levar ao turista essa perspectiva de liberdade: ser livre para as experiências de uma viagem com a alma.

A fim de podermos experimentar viagens turísticas que contribuam para uma pequena revolução pessoal, para que o viajante ao interpretar os lugares visitados faça o exercício da auto-interpretação, é importante os guias de turismo adotarem uma postura que leve em consideração a perspectiva de humanizar as viagens. É preciso dar mais sentido à viagem e ao papel do viajante (turista) e também adotar, no planejamento das viagens e dos destinos turísticos *condições para uma troca equitativa e a manutenção das relações igualitárias*;

Para evitar problemas e atingir essa meta tão falada, mas pouco alcançada, as agências de turismo deveriam conscientizar-se da necessidade de: *evitar a*

⁶² K. Jost op. cit. Tese 02, p.137.

⁶³ K. Jost op. cit. p.138.

⁶⁴ Utilizo a expressão consciência pesada como sinônimo de obrigatoriedade engessada como o cumprimento ainda não internalizado como seu.

⁶⁵ K. Jost op. cit. Tese 03, p.139.

monocultura do turismo; priorizar e conciliar as necessidades e os interesses dos turistas e da população local; manter nas mãos das populações locais o controle do solo; orientar os investimentos de capitais destinados ao turismo; centrar o desenvolvimento na utilização de mão-de-obra local; qualificar melhor os responsáveis pelo turismo; esclarecer as populações visitadas sobre os impactos positivos e negativos do turismo.

Cabe também destacar as promoções dessas viagens e destinos, as quais devem *desafogar e distribuir melhor os fluxos de turistas e desenvolver um marketing turístico honesto e responsável*⁶⁶. Tais teses são contributivas para as viagens serem mais humanas mas, como o olhar dessa pesquisa é a experiência dos viajantes na viagem turística, destaco as teses que mais se relacionam a essa esfera imediata.

As viagens turísticas devem *destacar e cultivar o caráter local*⁶⁷ ao oportunizar para o turista um caminho que configure os elementos do estilo de vida, da arquitetura à gastronomia, das manifestações culturais aos manifestos da população local, nos destinos visitados. Para promover o sentido real dos lugares, os itinerários podem buscar propostas *por meio de fórmulas tradicionais de viagens, bem como experimentar outras*⁶⁸. O autor salienta, nessa tese, a idéia de desenvolver roteiros alternativos que levem os turistas ao “lugar verdadeiro”, onde o viajante possa ser conduzido a perder-se e recompor os passos, como uma brincadeira de *animação geográfica. Isso seria a geografia vivida como uma aventura e não como um exercício obrigatório*⁶⁹. Tais propostas podem ser desenvolvidas no âmbito do turismo na atualidade, frente às suas diversas tipologias como as caminhadas eco-pedagógicas, as caminhadas culturais, os dias no campo, os safáris fotográficos (em áreas construídas ou naturais), a participação em atividades tradicionais. Enfim, gerar outras experiências requer conservar a magia da viagem sem com isso causar danos às populações locais.

Para a criação de outras propostas de itinerário turístico, é preciso *incitar as pessoas em suas viagens a viver e agir de forma diferente*⁷⁰, isto é, expandir atividades físicas, proporcionar descobertas, estimular aventuras e atividades

⁶⁶ K. Jost op. cit. Teses 06, 07, 08, 09, 10, 11, 20, 22, 05 e 19 p.134 – 177.

⁶⁷ K. Jost op. cit. Tese 12 p.155.

⁶⁸ K. Jost op. cit. Tese 14 p. 159

⁶⁹ K. Jost op. cit. p. 160.

⁷⁰ K. Jost op. cit. Tese 21 p. 175

criativas, para assim, despertar plenamente o potencial que permanece adormecido em cada indivíduo. Essas atividades são importantes para que possamos inferir sobre os aspectos psicológicos, sociológicos educativos do viajante, conforme quadro explicativo:

| PSICOLÓGICOS | SOCIOLÓGICOS | EDUCATIVOS |
|-----------------------|-----------------------|---------------------------|
| Auto-estima | Solidariedade | Consciência ambiental |
| Autoconfiança | Trabalho em grupo | Educação conservacionista |
| Eficiência/sucesso | Respeito pelos demais | Resolução de problemas |
| Busca de experiências | Comunicação | Definição de valores |

Ilustração 05: Inferência dos aspectos psicológicos/sociológicos/educativos pelas viagens
 Fonte: Adaptado de Barros (2000), Outdoor education: uma alternativa para a educação ambiental através do turismo de aventura.

Observo que, nas propostas em que o viajante é instigado a outras experiências por meio dos itinerários turísticos, ativas e não passivas como no turismo tradicional, poderá contribuir para o indivíduo estabelecer novas atitudes com relação ao seu ser e ao de outros. No momento em que ativamente nos entregamos a as atividades, é possível considerar os efeitos educativos. A consciência ambiental, a idéia de conservação e a resolução de problemas se dão na medida que o indivíduo define outros valores, e essa definição se dá por meio da criação de laços afetivos com o seu entorno físico-social-histórico-temporal.

Para esses novos itinerários cumprirem com o objetivo de seu caminho é preciso *seguir algumas regras e conselhos para viajar respeitando o próximo*⁷¹. Para essa investida, Jost Krippendorf (2001) salienta a existência de inúmeras listas de propostas abstratas. Dentre tantas receitas e princípios para viajar respeitando o próximo, ele nos traz dez princípios para uma viagem que respeite o próximo. Isso traduz o exercício de:

Compreender em vez de apossar-se. Olhar em vez de pegar. Alcançar em vez de conquistar. Respeitar em vez de desprezar. Ir ao encontro de algo em vez de ir contra. Provar em vez de reprovar. Rir em vez de chamar a atenção de alguém. Escutar em vez de ouvir. Perguntar em vez de responder. Procurar em vez de achar.⁷²

⁷¹ K. Jost op. cit. Tese 17 p. 167.

⁷² K. Jost op. cit. p. 168.

Os princípios não significam uma regra, um receituário para o respeito ao próximo nas viagens turísticas. Vejo aqui a tentativa de criar instrumentos/práticas que constituam, na viagem, uma experiência de humanização, na qual o respeito ao outro é fundamental. Para a compreensão e o respeito, é preciso exercitar o olhar, provar os sabores, procurar os matizes, escutar os sons, ir ao encontro da felicidade. *A chave que dá acesso ao lazer feliz e ao turismo mais humano encontra-se dentro de nós.*⁷³

Repousam em nós todas as virtudes para podermos viver melhor, com mais harmonia e felicidade. Foi aí que busquei, no início dessa dissertação, fazer um mergulho na idéia de uma viagem interior. Nela se encontra a oportunidade de *encontrar-se a si próprio durante as viagens e exercitar um comportamento sensível*⁷⁴: a viagem passa ser a experiência em direção ao eu. Nessa tese, o autor chama a atenção para as atividades lúdicas, ecopedagógicas e interpretativas. Elas requerem estimular, no viajante, o sentido de desfrutar o prazer das pequenas coisas, de *aprender a olhar em oposição ao “olhar televisão”*⁷⁵, de descobrir e ter a capacidade de ficar aberto e receptivo às inúmeras formas de felicidade.

Para estimular essas propostas nas viagens turísticas, Rodrigues (1997) nos traz um estudo sobre as modalidades sensoriais, por meio das quais o ser humano contata o mundo externo. Elas se combinam na percepção e cada sentido se especializa para captar uma parte da realidade. Os itinerários dos viajantes contêm energia necessária para estimular a visão, o olfato, o paladar, o tato, a audição, a sinestesia, a temperatura, o sentido vestibular, a dor, o sentido químico os quais devem ser estimulados pelas estratégias da viagem turística, como forma de despertar no indivíduo o seu interior.

Diante do apresentado sobre a humanização das viagens turísticas saliento a idéia de uma viagem interior como um referencial para uma educação ambiental na viagem turística. As idéias apresentadas por Krippendorf (2001) traduzem-se como os óculos desse turista que agora faz a viagem nas suas experiências/práticas de guia-educador. Elas revelam que a chave da humanização das viagens é o novo ser humano, como diz o autor.

⁷³ K. Jost op. cit. p. 162.

⁷⁴ K. Jost op. cit. Tese 15 p. 162.

⁷⁵ K. Jost op. cit. p. 164.

(...) um ser soberano. Não existiria mais o homem-férias, mas o homem como entidade absoluta. Um ser humano que se encontrou e que tomou consciência de sua mobilidade (...) que aprendeu a se olhar de frente e a relativizar sua própria existência (...) que cumpriu uma espécie de viagem interior, graças a qual ele adquiriu sabedoria, partindo da modéstia. Esse ser humano precisa ser ajudado a ver a luz. Somente quando ele estiver pronto é que a viagem exterior poderá realmente tornar-se mais humana. (Krippendorf, 2001 p. 184)

Nessa citação observo o quanto é importante o processo educativo como forma de *aprender a viajar – preparar e educar os seres humanos para a viagem*⁷⁶. É na viagem turística que se percebe a idéia freiriana de *que ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo. Os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo*⁷⁷. A educação ambiental como uma ação sinérgica e processual que nutre os laços afetivos da vida cotidiana, possibilita fazer da viagem turística um instrumento instaurador de um diálogo ambiental.

Para o diálogo ambiental, saliento a importância de uma perspectiva integrada e integradora de todos os elementos co-partícipes na configuração do entorno, *onde o todo não é apenas o somatório de suas partes, pois cada parte contém o todo, o todo é o resultado da inter/intra-relações simultâneas de suas partes*⁷⁸. Essa ação dialogada entre os sujeitos estará promovendo o respeito pela integridade ambiental dos envolvidos na arte do turismo e do lazer. O diálogo ambiental, nesta abordagem, significa um compromisso *da e com* a sociedade, promotor de uma conduta social afetiva, repensando o estilo de vida atual, que é insustentável, requerendo uma mudança estrutural de valores e atitudes nas esferas individuais e sociais.

As propostas/teses apresentadas para humanizar as viagens deverão significar o eixo mediador deste diálogo ambiental, com capacidade de significar o eu e o outro na relação eu-outro. Esta experiência poderá permitir ao sujeito pensar em outras possibilidades da relação eu-outro, da relação dinâmica entre homem e seu entorno, conforme Molon (2003). A atividade criadora da imaginação se encontra em relação direta com a riqueza e a variedade da experiência acumulada pelo homem. Quanto

⁷⁶ K. Jost op. cit. Tese 23 p. 179.

⁷⁷ FREIRE, Paulo, citado pelo Prof. Dr. Sírio Lopez Velasco em uma aula de Fundamentos da Educação Ambiental. MEA/2004.

⁷⁸ Sobre a idéia da complexidade de Edgar Morin, apresentada pelo Prof. Dr. Humberto Calloni nas aulas de Educação Ambiental e Complexidade. MEA/ 2004.

mais rica é a experiência humana, maior será o material de que dispõe essa imaginação.

Neste sentido, a humanização da viagem pode significar o desvelamento interior como aprendizado da realidade. Vive-se um momento histórico em que se procura estabelecer novos contornos à questão ambiental e a viagem turística pode significar um instrumento de educação ambiental não-formal.

CAPÍTULO V

VIAJANDO COM OS VIAJANTES NA COSTA DOCE: INTERPRETANDO OS DIÁRIOS DE BORDO

As curvas no caminho, meus olhos tão
distantes,
Eu quero te mostrar os lugares que encontrei
Como o céu pode mudar de cor quando
encontra o mar
Um sonho no horizonte, uma estrela na manhã
De repente a vida pode ser uma viagem
E o mundo todo vai caber nesta canção
Vou te pegar na sua casa, deixa tudo arrumado
Vou te levar comigo pra longe
Tanta coisa nos espera, me espera na janela
Vou te levar comigo
Eu quero te contar as histórias que ouvi
E nas diferenças vou te encontrar
O amor vai sempre ser amor em qualquer lugar
Vou te pegar na sua casa, deixa tudo arrumado
Vou te levar comigo pra longe
Tanta coisa nos espera, me espera na janela
Vou te levar comigo
(Vou te levar comigo - Biquíni Cavado)

Talvez eu deva considerar-me um ser sonhador, como dizem alguns, quando me encontro no mundo-viagem, e os comentários sempre são: “Daniel, o problema é que tu viajas demais”. Por vezes acredito que viajo literal e figurativamente. Nas minhas viagens com os viajantes carrego um pouco do guri e sua companhia imaginação; do estudante que reaprende a cada nova onda do mar; do profissional que se reinventa a cada trabalho e, agora, do educador ambiental que se constitui. Isso significam os mergulhos no que faço.

O diário de bordo busca apresentar os itinerários da experiência do guia-educador com viajantes na Costa Doce. Escritos na forma descritiva, referem-se a três viagens realizadas entre os anos de 2004 e 2005 (período em que experimentei as viagens da educação ambiental). Com esse diário e com as imagens da imaginação criadora dos viajantes e seus manuscritos é que busco os elementos para identificar a educação ambiental na viagem turística, tal qual entendo e vejo na atualidade, nesse momento de (re)pensar o pensamento, criar outros valores sobre o eu, o lugar, o outro e o mundo.

Ao revelar os itinerários desenvolvidos, deve ficar claro que essas experiências seguiram a idéia de interpretação dos lugares, da minha intuição frente

aos interesses dos viajantes e a vontade de surpreender o outro, como forma de encontrar-se em algum momento da viagem.

Como esta pesquisa se relaciona à minha prática e nela vão encontrar referências de uma educação ambiental, está visível que a construção dos referenciais teóricos é o resultado do meu caminho, onde a prática me levou a procurar explicações e significados teóricos para o que venho experimentando. Além disso, os itinerários realizados tinham o intuito de serem diferentes, fora dos padrões comercial-convencionais, como forma de potencializar o humano, cujo respaldo eu encontrei nas propostas da imaginação criadora de Gaston Bachelard e nas teses para a humanização das viagens de Jost Krippendorf.

Para construir as estratégias dos itinerários foram utilizados, por princípio básico, as técnicas de interpretação turística do patrimônio, apresentadas por Stela Maris Murta e Celina Albano (2002), na obra “Interpretar o patrimônio um exercício do olhar”. Para as autoras, a interpretação turística é revelar significados, é provocar emoções, é estimular a curiosidade, é entreter e inspirar novas atitudes no visitante, é proporcionar uma experiência inesquecível com qualidade. A interpretação no turismo é um princípio pelo qual é possível encontrar os caminhos para se desenhar, no espaço, uma rede de descobertas e revelar as singularidades do lugar visitado, de modo a ajudar o viajante a captar, na alma, a essência do lugar, para ao descortinar a trama de significados, seja tocado emocionalmente.

As estratégias de interpretação dos itinerários propostos seguem o princípio de interpretação ambiental apresentado por Freeman Tilden, citado por Goodey e Murta (2002, p.18):

1 – sempre focalizar os sentidos do visitante, de forma a estabelecer a conscientização pessoal sobre determinadas características do ambiente; 2 – revelar sentidos com base na informação e não apenas repassar conhecimento teórico; 3 – utilizar artes visuais e de animação, seja o material apresentado científico, histórico ou arquitetônico; 4 – não apenas informar, mas provocar, estimulando a curiosidade do visitante, encorajando a exploração mais profunda do que está sendo interpretado; 5 – apresentar a história completa, evitar a fragmentação: dirigir-se a pessoa inteira; 6 – ser acessível a um público o mais amplo possível, levando em consideração necessidades especiais. A esses princípios as autoras acrescentam: 7 – iniciar a interpretação em parceria com a comunidade, estimulando a troca de conhecimentos e recursos; 8 – adotar uma abordagem abrangente, ligando os temas do passado, do presente e do futuro; 9 – não tentar vender

uma verdade universal, mas destacar a diversidade e a pluralidade cultural. Sua interpretação deve fomentar a aceitação e a tolerância como valores democráticos;

Esses princípios foram seguidos como sugestão aos itinerários propostos, sem com isso utilizá-los como um receituário para a viagem seguir o caminho pretendido. As experiências nessas viagens serão descritas em cada itinerário para logo após identificar neles as estratégias relacionadas a uma educação ambiental na viagem turística.

Os itinerários a serem descritos são o resultado dos apontamentos (diários de bordo do guia-educador) das viagens realizadas, bem como das práticas aplicadas. A sua descrição dos itinerários revela momentos em que a memória e a imaginação criadora estimulam o relato.

Na trajetória dessas viagens é que se pretende encontrar respostas para as questões de pesquisa, na perspectiva de encontrar uma prática em educação ambiental nas viagens turísticas, ao buscar a compreensão e a interpretação das imagens e relatos (manuscritos) dos viajantes na Costa Doce.

5.1 Itinerário I na Costa Doce: Viagem a São José do Norte

No ano de 2004, fui convidado para fazer uma viagem a São José do Norte com um grupo de estudantes do curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). A idéia surgiu da vontade dos acadêmicos, após ouvirem minhas histórias das viagens pela *Planície Costeira*⁷⁹ do Rio Grande do Sul.

Foi um desafio interessante. Assim, organizei meu plano de viagem, fiz reservas, organizei as idéias, horários e as estratégias interpretativas. Mas não foi possível fechar um grupo de 20 pessoas. Quando a *grana* entra em questão para os estudantes, sei bem como é. Não desisto fácil e, para aqueles que realmente queriam viajar, eu coloquei meu carro à disposição e partimos para a viagem.

Aqui entendo o que meu orientador diz: *A viagem começa bem antes do deslocamento do corpo, tem-se a viagem mental (imaginária)*, há o desejo de ir ao lugar, portanto o ato de fazer turismo precede o deslocamento do corpo.

⁷⁹ Unidade geomorfológica do Rio Grande do Sul de deposição sedimentar e oceânica decorrente das fases transgressivas e regressivas marinhas durante o Quaternário. Com características de terras baixas, com presença de feições colinosas, planícies arenosas, flúvio – lacustres, campos de dunas e praias. (Fujimoto e Suertegaray, 2004 p.25)

No horário marcado (7h 30 min) estavam todos (04 acadêmicos) em frente ao Instituto de Letras e Artes UFPel. Antes de sairmos, entreguei um amuleto de viagem (uma pedrinha de quartzo), a qual deveria ser bem guardada. Saímos em direção a Rio Grande, primeira parada Ponte do São Gonçalo, uma vista privilegiada da extensa planície costeira, um horizonte sem limites, daí quem sabe conectar-se com este mundo de possibilidades que a vida nos traz. Acredito que o viver é perceber que o infinito está em nós como aquela planície estendida à nossa frente.

Nessa parada, subimos a ponte para admirar a planície; desdobrei um mapa no chão e começamos a vasculhar, interpretar e identificar as diferentes formas existentes naquele lugar. Assim estávamos nos preparando para entrar no mundo dos ventos, das areias, das águas, das guerras, dos índios, dos marinheiros e de um povo que vive para o mar e das coisas que vêm do mar, uma fronteira aberta com o mundo.

Após esclarecer algumas questões, seguimos nossa viagem, muitas conversas, muitas descobertas, música e uma parada para comprar araçá em uma banca às margens da BR 392, momento para fotos e questionamentos: Como vivem? De onde vêm estes produtos? Estas bancas ficam abertas todo ano? Tratei logo de explicar como era a vida destas pessoas que, em alguns casos, compram os produtos dos caminhoneiros; outros são proprietários de pequenos sítios onde plantam os produtos, alguns são extrativistas de banana do mato, araçá, butiá e goiaba.

Tudo isso na Vila do Povo Novo, uma das mais antigas vilas da região, mas é novo, porque ali a cada dia a vida se (re)faz, e novo porque das informações que passam algumas ficam, como os produtos; outras ficam registradas na memória, um povoado que reinventa a vida.

Passamos pela Vila da Quinta, acesso à Ilha dos Marinheiros. Ah! Aqueles marinheiros que buscavam no interior da ilha água para matar a sede dos cidadãos de Rio Grande, e madeira para as fortificações e aquecimento das residências, eram todos advindos da Ilha dos Marinheiros. Ilha que graciosamente recebeu este nome, por causa desses homens que ali aportaram para a conquista destas terras (ou areias?).

Alcançando a cidade de Rio Grande, parada obrigatória no pórtico de entrada. Daí então uma poesia: descemos do carro, procuramos um bom ângulo de visão e fizemos a leitura da poesia do Prof. Dr. Victor Hugo Guimarães Rodrigues sobre o pórtico de entrada bem com aquela da Estação Ferroviária. Então pedi que sentissem

os cheiros, o vento, como uma possibilidade de expor o corpo e os sentimentos ao novo e renascer a cada momento um mestiço.

Seguimos nosso itinerário e, no caminho, chamava a atenção para algumas peculiaridades da cidade. Por exemplo, uma casa na Avenida Santos Dumont com um elefante na cumieira do telhado. Por que está ali? Não sei exatamente, mas é diferente. Isso apenas para pensar nos nossos valores, nossas crenças e conciliar aos outros valores e às outras crenças.

Atingimos a Praça Xavier Ferreira, estacionei o carro, descemos e fomos para a hidroviária (risos e pontos de interrogação Hidroviária?). Antes de chegarmos lá, fiz uma breve parada ao monumento de José da Silva Paes, não para dissecá-lo como uma obra de arte ou fazer toda a interpretação do monumento mas, apenas, para pensar naqueles homens nus, porque é importante nos desnudarmos dos preconceitos para a viagem representar um momento de aprendizagem e reflexão sobre o eu, o outro, o lugar e o mundo.

Ao nos dirigirmos à hidroviária, passamos pelo pelourinho e brinquei com a imaginação deles ao falar sobre escravos e as formas de escravidão na atualidade (dinheiro, consumismo, televisão, relógio, ter e ter). Eu sugeri que cada um se aproximasse das argolas fixadas nos pilares para ouvir o dia-a-dia daquele lugar e os falares africanos. Seguimos pela orla do estuário da laguna dos patos até a hidroviária. Compramos nossas passagens e embarcamos, procuramos lugares privilegiados para observar a paisagem local e todos, fitavam o horizonte.

E eu fiquei ali, observando os olhares, o rosto e a expressão de cada um (Roberto, atento a tudo: a cabeça não parava, buscava registrar todas as cores, todas as formas. A Vanessa, debruçada no parapeito com os olhos fixos na água e no horizonte, parecia que um filme se passava. A Daniela, séria, olhava tudo ao seu redor, as pessoas e parecia escutar as suas falas. A Fernanda, com um leve sorriso, parecia sentir o ar, tranqüila, serena e relaxada). O meu sentimento é que eles estavam preparando-se para entrar no mundo-viagem.

Aqui o que mais me chamou a atenção foi as máquinas fotográficas não estarem em ação, como logo no começo lá no Povo Novo. Parecia que cada componente da paisagem era captado pelo olho de cada um. Acredito que estavam temperando aquela viagem com alma.

Logo avistamos a bucólica cidade de São José do Norte. Daí todos começaram a se alvoroçar para ver, então novamente ficaram fitando a cidade do

longe, e assim fomos nos aproximando dela. Quando desembarcamos, para o espanto de todos, havia carroças estacionadas logo na chegada. Começaram os questionamentos: por quê? Expliquei o porquê daquelas carroças, mostrei os volumes carregados naquela lancha, enfim... inventei algo naquele momento, fiz alguma historinha que agora não lembro.

Então descemos da lancha e pegamos uma carroça para nos levar até a igreja matriz São José, um passeio bem interessante, percorrendo as ruelas até a rua direita. Seguimos até a praia, como chamam por lá, o carroceiro retornou e foi em direção à igreja. Cada um contribuiu com o que podia e, no final das contas, pagamos por dois fretes... Mas valeu a pena, dada a experiência, além da satisfação do carroceiro...

Realizamos uma pequena visita orientada à igreja matriz. Saímos do interior do templo e ficamos observando ao redor, descemos até a praça, vasculhamos o local e o dividimos com aqueles que ali estavam sentados. Logo após nos dirigimos ao Casarão do Imperador, um antigo edifício. Observamos detalhes, conversamos com alguns moradores, analisamos fachadas e seus conteúdos, a vida como ela é, deixando um pouco de lado o que aconteceu, para voltar ao que acontece atualmente.

Pelo caminho, encontramos Fernando Costamilan, um ativista cultural da cidade e diretor do Instituto Histórico e Geográfico de São José do Norte. Fomos convidados a seguir seus passos até um casarão estudado por uma arquiteta do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Arqueológico Nacional), afim de realizar um projeto de restauro, para o qual Fernando estava recorrendo a verbas da lei de Incentivo à Cultura (LIC), por tratar-se do antigo Prédio da Intendência.

Acompanhados pelo Fernando e a Eneida (arquiteta) eu e meus companheiros de viagem entramos em um tipo de cápsula do tempo: os escombros, as escariolas, as escadas, por um instante foram (re)construídas pelas histórias do Fernando e a significação dada ao patrimônio arquitetônico (falas da arquiteta). Estávamos lá revivendo um tempo que ainda fazia parte do nosso presente.

Essa profusão de passado e presente permitiu aos viajantes vários questionamentos, além sensibilizá-los quanto à valorização do patrimônio arquitetônico de suas cidades, dando-lhes a satisfação de saber que estavam inseridos no processo de (re)construção da história.

Em silêncio saímos do prédio, acompanhados pelo Fernando e chegamos ao Instituto Histórico e Geográfico, onde muitas histórias e poesia complementaram a visita. Ouvimos a História da Revolução Farroupilha e, para compreendê-la melhor,

manipulamos objetos, procuramos sons, ouvimos palavras, talvez proferidas por Bento Gonçalves na sutil poesia do Fernando.

Chegamos à janela e inspiramos profundamente o ar, sentimos os perfumes de São José do Norte. Cada viajante nela se posicionou e fez um exercício de respiração. Pareciam querer captar São José do Norte com todos os sentidos. Observamos detalhes da cidade, questionamos, procuramos significados, mergulhamos na cidade que até então parecia esquecida. O interessante da visita foi que, em nenhum momento houve registro fotográfico. Os sentidos como tato, audição e olfato estavam aguçados e o substituíram plenamente.

Após conhecer um pouco da história e reviver a cidade por meio de fotos, fomos almoçar. No percurso até o restaurante, comentários sobre a localidade quais, levavam os viajantes a buscar, nas suas cidades, algum significado. Pelas ruas, dividíamos o espaço com a população local: vendedores, carroceiros, professores, estudantes, enfim, a vida cotidiana deixava de causar apenas estranheza e passava a ser lentamente significada.

No restaurante, um banquete de frutos do mar era o prato principal, e cada viajante saboreava o seu e temperava a viagem. As expressões eram tantas que não cabe aqui comentar, mas deu para perceber que o sabor da gastronomia típica é um elemento importante para o reconhecimento de um lugar. As conexões continuavam ao comentarem sobre a vontade de dividir com alguém conhecido como, por exemplo: *Ah! se minha mãe estivesse aqui; Vou convidar meus amigos para conhecerem esta cidade e provar dessa comida; Quanta fartura, que tempero delicioso!*. Após o almoço foi preciso um chá para recuperar o fôlego! Partimos dali em direção às margens da laguna, no cais, uma boa parada para fazer a digestão.

Seguimos nosso caminho ao longo do cais para conhecer a dinâmica da pesca. Nesse momento nos misturamos às cores, redes, barcos e peixes, conversamos e questionamos a dinâmica para entender um pouco mais da plasticidade cênica descortinada. Andando por ele chegamos até as docas (uma mistura de atracadouro de barco, oficina de redes e desembarque do pescado), entramos em algumas, saímos por outras e, como brincadeira de criança, nos perdemos e nos achamos em um labirinto colorido. Aproveitamos para ver os pescadores tecendo suas redes, ação tão mágica quanto um crochê de avó.

Ficamos mais alguns minutos por ali procurando outros olhares da cidade. Cada um explorou tudo ao máximo e, em um determinado momento, alguém sugeriu

uma foto. Prepararam a máquina nos posicionamos e pronto... um registro material da viagem, então nos direcionamos para embarcar na próxima lancha com destino a Rio Grande. Um retorno silencioso, talvez cansaço e êxtase, com uma brisa suave da laguna para suavizar o calor. No meio da travessia, sugeri a cada viajante fazer um pedido correspondente a um desejo íntimo e, para que esse se realizasse, era importante jogar o amuleto nas águas (a pedrinha de quartzo), o que cada um fez como um rito de passagem.

Chegamos à cidade de Rio Grande, pegamos o carro e nos dirigimos a Pelotas. Na volta, apenas o som do motor do carro, nenhuma palavra dos viajantes. Mais parecia um preparo do corpo e alma para o retorno. O silêncio foi interrompido pela chuva que começou a cair, refrescando e lavando nossa alma. Como encontros não são despedidas, pedi a cada viajante uma imagem e um comentário pessoal sobre o lugar visitado. Após duas semanas, recebi o material, o produto da viagem, materializando os sentimentos dos jovens artistas. As imagens e as palavras me surpreenderam, era o que denominei de uma estética poética do lugar.

5.2 Itinerário II na Costa Doce: Viagem à Pelotas Colonial

Os itinerários II e III foram realizados com a 1ª turma de alunos do curso Técnico de Guia de Turismo do SENAC/Rio Grande no ano de 2005, o qual coordeno. As propostas de viagens técnicas para o curso estavam de responsabilidade de um outro professor, o qual desenvolveu em conjunto com alunos uma viagem técnica para Porto Alegre, da qual participei.

Após ela, acreditei que haveria necessidade de excitar uma outra forma de viajar, além daquela onde eram observados os aspectos técnicos da profissão do guia de turismo. Por outro lado, a turma de alunos apresentava problemas de relacionamento com a instituição: insatisfação, falta de entusiasmo, problemas de relacionamento em grupo, a imagem dessa turma era de um profundo desencantamento com o mundo.

Esse foi o desafio do ano de 2005, pois era preciso temperar a vida desses alunos, era preciso estimular o colorido de cada indivíduo e perfumar aquela sala de aula com as essências de cada um. Logo que assumi a coordenação, fiquei doente, precisei afastar-me por praticamente um mês, senti que as coisas dificultavam, mas era preciso colocar meu esforço nesse trabalho, afinal tinha ali dezoito indivíduos com grande potencial de ser feliz e redescobrir-se.

Quando retornei, era preciso marcar uma nova viagem técnica, agora sobre minha responsabilidade. Sugeri uma viagem para a área rural do município de Pelotas (Pelotas Colonial), uma proposta que inicialmente não agradou, a idéia da turma era a de viajar para um destino já conhecido como a Serra Gaúcha (Gramado e Canela). Insisti na viagem e, após algumas confusões e insatisfações, os alunos concordaram.

Enquanto a viagem não se concretizava, procurei alternativas de sensibilizar a turma, usei uma estratégia de, no início da aula (19h às 19h e 20min), colocar música instrumental, como uma possibilidade de acalmá-los após um dia de trabalho e para começarem a trabalhar na perspectiva de um guia de turismo comprometido consigo e com o outro. Dentre tantas músicas que utilizadas, “Tocando em frente”, foi a que criou um momento de plenitude na aula, mas os problemas continuavam e se intensificavam por vários fatores.

As semanas passaram, muitas vezes eu desanimava, acreditava não ser possível reverter os sentimentos iniciais com a turma, porém tinha de continuar. Afinal, a arte da culinária está em preparar o alimento com calma para os temperos penetrarem na comida e sentirmos seu sabor.

Finalmente chegou o dia da partida (15 e 16 de outubro de 2005). Estabeleci o itinerário, fiz as reservas e mentalmente organizei as atividades. As propostas para cada propriedade visitada já haviam sido estipuladas quando das minhas funções como Diretor de Turismo da Prefeitura Municipal de Pelotas e consultor de turismo no meio rural do Sebrae/RS. No início da jornada, estabelecemos que eu seria o guia e eles, além de alunos de um curso de turismo, também turistas, viajantes da Costa Doce. Mesmo tendo atribuições definidas pelo outro professor responsável pelas atividades técnicas (serviço de bordo, informações de trajeto, vistoria de ônibus, *checking e checkout*⁸⁰ e animação de trajeto), informei que essas atividades deveriam ser desenvolvidas como alunos do curso de Guia de Turismo, mas a viagem precisava ser feita com a alma e comentei sobre a historietta dos índios e dos antropólogos, aqui apresentada no capítulo II.

Começamos nossa viagem em direção a Pelotas, no caminho, com a colaboração dos Profs. André e Camila, salientávamos os elementos da paisagem, falando do passado, do presente e do futuro, resultados do nosso processo de

⁸⁰ Termos utilizados no turismo para definir a entrada e saída dos turistas no meio de hospedagem.

ocupação espacial. A viagem seguiu tranqüila, os responsáveis pelo serviço de bordo começaram a servir o lanche e todos confraternizaram no momento. Procurei, durante o lanche, conversar um pouco com cada viajante,

As paisagens começavam a mudar, saímos da planície costeira e começavam a subir as encostas do *Planalto Uruguaio Sul-rio-grandense*⁸¹, e eu provocava os questionamentos, falando sobre os processos geológicos de formação, sobre a vegetação, sobre as pessoas que residem nessa região, sobre seus fazeres e seus saberes.

Assim, chegamos ao primeiro encontro, a Família Camellato, agricultores descendentes de italianos, que têm por prática, além da agricultura do pêssego a arte de produzir o vinho. Apresentei os visitantes e visitados. Então começou a explanação do senhor Jordão Camellato que nos levou a caminhar entre as videiras e nos contou sobre o seu cotidiano conduzindo-nos até a adega, onde delicadamente nos serviu do seu vinho, produzido artesanalmente. Subimos depois até a sala de produção do vinho, onde conhecemos os diferentes equipamentos. Sobre um canto da sala, uma mesa com todos os produtos fabricados pela família: geléias de pêssego, licores e vinhos os quais foram degustados, e cada viajante levou um pouco da família Camellato para casa. Ali ficamos reunidos trocando sensações, os viajantes empolgados descobriam a propriedade. Comentei que, além da visita à adega de vinhos, também era possível fazer uma bela trilha de 40 minutos de caminhada, atividade que ficaria para uma outra oportunidade. Nessa visita já sentia um outro entusiasmo nos viajantes um sorriso começava a despertar nos lábios de cada um, talvez o vinho tenha sido uma boa recepção. Chegou a hora de partir, e tratamos de nos despedir, pois nossa viagem estava apenas começando.

Seguimos em direção à Família Gottinari, o Templo das Águas como foi batizado pelos proprietários. O caminho reservava perguntas e outras explicações sobre a cultura da região colonial de Pelotas, um contraponto a uma cidade que ostenta uma riqueza do período charqueador, daí levar a refletir sobre os lugares e suas facetas, bem como sobre cada ser que guarda em si recantos igualmente belos, os quais é preciso procurar significar.

⁸¹ Unidade geomorfológica situada no setor sul – sudeste do Estado. Constitui-se, basicamente, de rochas ígneas e metamórficas de idade Pré-cambriana. Os processos de formação estão relacionados ao soerguimento, aplainamentos amplos e erosão fluvial. Forma grosseiramente triangular com vértices em Porto Alegre–São Gabriel–Jaguarão. Altitudes 200 – 400m. Formas convexas e/ou com topos aplainados e vertentes dissecados. (Fujimoto e Suertegaray, 2004 p.13 – 25).

Após uns 10 minutos de estrada chegamos ao segundo encontro, o encontro com as águas e consigo. Na chegada, apresentei os proprietários (Marcos e Marta) aos viajantes. Como iríamos fazer um pequeno percurso de trilha, tratei de propor um alongamento (colaboração da aluna Sofia) com o propósito de sentir o nosso corpo, nossa geografia tátil. Após este, trabalhamos a respiração: inspirar e expirar pausadamente. Nesse processo, solicitei que, quando cada um ao inspirar, imaginasse coisas boas: saúde, tranquilidade, amor, desvelamento, solidariedade, generosidade e paz; Quando expirassem, pensassem em tudo o que nos incomoda: o egoísmo, o individualismo, o rancor, a dor. Assim permanecemos por alguns minutos, fiquei observando e imaginei que esse seria um exercício para purificar nossa alma, com a possibilidade de abrir a porta das sensações.

Após esse trabalho, o Marcos apresentou o lugar, contou as histórias da família e nos levou a reviver algumas nas ruínas do antigo galpão do tempo em que ali funcionava uma serraria. No seu modo simples falou-nos do ambiente em que está inserido, de suas convicções quanto às idéias ambientais, enfim, nos mostrou o quanto ama e zela por aquele lugar. Assim que terminou de explicar, conduziu-nos a uma pequena trilha às margens das corredeiras. Lá caminhamos, trocamos idéias e contemplamos as águas no final da caminhada. Alguns sentaram nas pedras e ficaram imóveis, pareciam estar fazendo um exercício para guardar o som daquelas corredeiras na sua memória. Outros fotografavam com as intrépidas máquinas e outros ainda só com a sua retina.

Enquanto ficávamos a contemplar as águas e a natureza envolvente, o Marcos se retirou e ali ficamos conversando sobre vários assuntos. Muitos comentaram que não imaginavam tanta beleza em um lugar tão próximo da sua cidade; outros se remetiam ao passado, quando, crianças ainda, iam para algum lugar rural. Os comentários, as estranhezas e os encontros começavam a conectar-se em cada viajante.

Depois de algum tempo, a Marta se aproximou e nos convidou a entrar na residência da família para degustar um suco de amoras com hortelã. Como peregrinos, entramos na típica casa rural e nos dirigimos à sala praticamente vazia, a mobília se compunha de um grande banco, uma mesa, onde estava o suco e os copos e um móvel com dois vasos com jasmim do campo, a sala estava impregnada por um perfume intenso. Os viajantes serviram-se, deliciaram-se com o suco gelado. Cada um foi acomodando-se, alguns no chão, outros no banco e o Marcos, então, nos

convidou a ouvir uma de suas canções. Nesse momento todos sentaram no chão e sentiram-se tocados pelas melodias do violão e a letra da música, que falava do homem, da solidão, do olhar e do respeitar.

Após momento musical, aproveitei para comentar sobre o nosso papel enquanto guias de turismo frente aos aspectos relacionados à solidariedade e a mudança de atitudes e falei da nossa capacidade de ser feliz e viver em comunhão com o universo. Referi-me a nossa configuração em círculo e salientei: Essa é a forma perfeita, afinal trocamos alianças quando casamos como uma idéia de que encontramos nossa metade. Isso deu origem a vários comentários e reflexões sobre o ser humano e seu entorno. Ali ficamos por um tempo maior do que eu esperava, realmente estava agradável e sentia algumas nuances coloridas em cada um dos viajantes. Mas era hora de partir e seguir nosso caminho, insisti com os viajantes e deixamos, já com saudade, aquele momento de introspecção, do encontro com o “eu” e com o “outro”, nos despedimos e entramos em nosso ônibus.

Agora nosso destino era a Família Grupelli, local onde iríamos almoçar. O silêncio tomou conta do ônibus, eu não sei se era a fome ou a serenidade que o templo das águas nos passou. Em outro comentário, chamei a atenção para alguns detalhes da paisagem, mas respeitei o momento de cada um. Ao chegar ao restaurante, todos queriam um banheiro, lavar as mãos para se banquetear com as delícias da Dona Norma. Durante o almoço, apresentei aos viajantes a proprietária (Dona Norma) que ficou entre eles conversando e servindo-os. Eu comecei a dar a atenção a cada um, servindo bebidas e me entregando àquele momento para simplesmente servi-los. Os viajantes começavam a saborear o almoço com toda a tranquilidade, traçavam comentários sobre os sabores, faziam comparações, resgatavam a gastronomia da infância, e sempre chamavam a atenção para a surpresa que estava sendo aquela viagem. Após o almoço, cada um fez a sua digestão à vontade: uns caminharam até a beira do arroio, outros sentaram à sombra, alguns vasculharam o antigo armazém colonial, depois fomos conhecer um recanto com as relíquias da família (um local que denomino de acervo histórico da família Grupelli), acompanhados da Dona Norma que falou com saudosismo de um tempo passado e das dificuldades do presente.

Hora de partir em direção ao quarto encontro, mas os viajantes pareciam tomados por uma inércia nostálgica, queriam ficar por ali, chamei a todos, insisti, até que consegui reunir o grupo para as despedidas. Assim seguimos nosso caminho,

travamos comentários sobre a vida rural, falamos sobre as etnias presentes, passamos por fábricas de doces de frutas, e capturávamos as imagens da paisagem a cada curva da estrada.

Chegamos à Trilha Jardim, um encontro de cada um consigo. O lugar apresenta uma proposta de envolver e sensibilizar o viajante para um despertar do ser feliz de cada um. Zezinho e Ana estavam aguardando o grupo, fiz as apresentações e fomos conduzidos aos jardins no meio da mata. Em cada recanto, com a sua proposta de harmonia espiritual, aos poucos fomos tomados por uma energia interessante. Por vezes me distanciava um pouco do grupo para observar, os viajantes estavam serenos, pareciam flutuar pelos jardins tão bem elaborados e integrados à fisionomia do lugar. Alguns sentavam em uma pirâmide e ficavam ali procurando as suas energias sufocadas pelo cotidiano; outros observavam. Uns procuravam exercitar a meditação frente à imagem de um Buda e outros simplesmente boquiabertos passavam de um jardim a outro.

Em um determinado ponto, chegamos a uma sala no meio do mato, junto a um dos jardins. Sentamos e a Ana fez uma longa explanação sobre o ser humano e suas “intra e inter-relações” e pediu a cada participante para falar o que sentia naquele momento. Então comecei a perceber que alguma coisa tinha tocado meus alunos-viajantes, as expressões eram de comunhão, paz, solidariedade, introspecção, conhecimento entre tantas outras que agora não me recordo.

Após nossas descobertas pelas trilhas de jardins nos dirigimos ao ateliê do Zezinho, sentamos automaticamente em círculo e fomos convidados a escutar uma música. O Zezinho pegou seu violão e a Ana, em homenagem ao Dia do Professor, cantou Tocando em Frente, realmente tocou lá no fundo, pois ela sabia o quanto essa música é representativa para mim, o que se tornou quase um hino para essa turma. Depois outras músicas fizeram o final de tarde dos viajantes que cantaram e sempre queriam mais uma música. Uma aluna sugeriu que déssemos as mãos como sinal de paz, solidariedade e união do grupo. Fiquei fitando os viajantes e senti que o perfume e cor de cada um invadiam e coloriam aquele ambiente; serenos, faziam daquele momento um rito. Foi difícil convencê-los a ir embora, pois ainda tínhamos mais um encontro para chegarmos ao hotel.

Depois de puxá-los pela mão, o que fiz delicadamente como um convite para dançar, consegui conduzi-los ao ônibus e continuar nossa viagem em direção ao Sítio Panamar, um recanto que tem uma história em cada canto. Tudo foi construído com

o esforço e o sonho do Sr. Javier, um cara muito legal. Durante o trajeto até o Sítio Panamar, os viajantes estavam, ainda, embebedos e embevecidos pela experiência. Alguns comentários, outras conexões, foram feitas mas, enfim, estávamos tomados por uma melancolia que nos conectava cada vez mais.

Na chegada ao Sítio, a receptividade cativante do Sr. Javier que logo tratou de mostrar o lugar e contar suas histórias. Já estava quase anoitecendo e sugeri uma trilha até o Lago. Insisti e ele resolveu acompanhar o grupo, uma boa caminhada de uns 50 minutos e poucas paradas. Andamos e, como crianças brincamos, na beira do lago com as pinhas que rolavam pelo chão. Seguimos nosso caminho, às vezes por dentro da mata, outras pelo campo (um gramado extenso e verdejante). A idéia era cansá-los com a caminhada, para sentirem o corpo e superarem seus limites. Além da caminhada, uma brincadeira de bola na quadra de voleibol, e ao final, não precisei insistir para retornarmos para o centro da cidade. Todos se foram encaminhando para o ônibus, nos despedimos e, exaustos, pegamos a estrada. No caminho, uma última parada, na pedreira para olhar as luzes da cidade. Aqui eu inventei uma história: quando avistamos uma cidade à noite e conseguimos vê-la como um céu estrelado, temos o direito de fazer um pedido e propor uma mudança para o nosso bem-estar, todos compenetrados fitavam aquelas luzes e faziam seus pedidos e suas promessas.

No retorno, o grupo estava quieto e cansado. Chegamos ao hotel e fizemos o *checking*, acomodei os viajantes, passei em todos os apartamentos para desejar-lhes boa noite e, às 23 horas, deixei o hotel e fui para minha casa. Na manhã seguinte, às 6 horas, eu estava lá para acordá-los. Solicitei à recepção uma música de fundo e um a um foram acordando. Esperei a todos no salão do café da manhã para desejar bom dia e entregar uma mensagem. Após o café, fizemos o *checkout* e partimos em direção a Jaguarão, onde a visita ficou a cargo de um guia local, apenas os acompanhei sem maiores interferências. No final do dia, retornamos para Rio Grande, solicitei que o relatório da viagem fosse entregue em uma semana, mas que nele, além das questões técnicas, escrevessem como num diário, as suas experiências da viagem, suas sensações e emoções. Despedi-me de todos e retornei para Pelotas.

5.3 Itinerário III na Costa Doce: Viagem a São Lourenço do Sul

Esta viagem foi uma indicação minha, os alunos do curso técnico de Guia de Turismo do SENAC/RS estavam esperando, desta vez, um destino mais longo, fora da nossa região, mas insisti para irmos para São Lourenço do Sul. Aceitaram, com

um compromisso: essa viagem teria de superar a colônia de Pelotas, só assim aceitariam. Então concordei e comecei a organizar, fazer contatos e pensar em atividades para os dois dias (isso é, uma noite e um dia).

Passaram-se alguns dias e apresentei uma proposta. Após algumas discussões e confusões, agendamos com uma agência de turismo e viagens, a data, os horários e os locais de visita. Para esta viagem eu precisava organizar tudo, isso é, pensar em atividades que realmente levassem os viajantes a um novo encontro, mas os locais de visita, eu os conhecia pouco, portanto foi uma viagem desafiante, teria de superar aquela realizada na colônia de Pelotas.

No dia marcado, eu estava lá, recebendo os viajantes para mais uma experiência na Costa Doce. Logo de início estabelecemos um contrato de convivência e com tarjetas coloridas fomos definindo o que fazer e o que não fazer durante a nossa estadia e, de comum acordo fixamos o contrato no ônibus. No trajeto, salientava alguns detalhes dos lugares por onde passávamos.

Chegamos em São Lourenço do Sul e fomos recebidos pela Diretora de Turismo do município, a Viviam. Ela entregou material informativo sobre a cidade, deu as boas vindas aos viajantes e nos conduziu até a Pousada Verde Água, onde fomos recepcionados pelo Sr. Sidnei Vilela, que nos guiou à ala mais nova da pousada, com piscina, bangalôs e uma área de recreação e convivência adaptada para o grupo. Os viajantes dirigiram-se até seus apartamentos e logo retornaram para começarem um churrasco de confraternização (organizado pelo próprio grupo). Cada qual foi desempenhando suas funções e o churrasco foi uma boa reunião de amigos. Durante ele, propus uma atividade sobre as regiões turísticas do estado do Rio Grande do Sul, uma proposta em que cada dupla receberia algumas informações e imagens de uma região e deveria, por meio de mímica fazer com que o grande grupo descobrisse. Foi divertido e a descontração foi tomou conta do ambiente.

Após a refeição, dividiram tarefas e cada um foi organizando o espaço. Depois de tudo pronto, alguns caíram na piscina para um relaxante banho. Outros me acompanharam para uma caminhada noturna às margens da laguna dos patos. Uma noite suave com uma lua cheia que deixava as águas da laguna com um tom prateado. Caminhamos, conversamos, trocamos idéias, falamos sobre o ver, o olhar e o enxergar. Assim, os viajantes começaram a sonhar acordados. Uma aluna disse: *agora entendo a idéia de ser mestiça, pois é exatamente o que sinto agora*. Outro falava: *sintam o perfume, esse cheiro doce que vem da lagoa*. Alguns fitavam o

horizonte, outros abriam os braços e faziam agradecimentos, e assim ficamos com todos os sentidos abertos até as 3 horas da madrugada, às margens da laguna que mais parecia um mar prateado.

De manhã cedinho tratei de organizar o bom-dia dos viajantes: coloquei na porta de cada apartamento um saquinho de papel com uma mensagem para começar o dia. Bati em cada porta, saudei com um alegre bom-dia e avisei que os esperava no salão do café da manhã. Enquanto organizava minhas coisas no meu apartamento, percebi um corre-corre deles: queriam ver as mensagens uns dos outros e, bem animados, começavam a se dirigir para o salão.

Fizemos nossa primeira refeição em um belo amanhecer nos arredores da laguna dos patos. Após o café, nos dirigimos para as margens da laguna e dirigimos uma espécie de saudação ao sol, alongamos nosso corpo e nos preparamos para o dia que despertava. Às 09h e 30 min chegou a guia local que nos conduziria em um passeio de barco. Dirigimos-nos ao trapiche e embarcamos para uma viagem exploratória dos aspectos geográficos e históricos da região, seguindo em direção ao arroio São Lourenço e de lá percebemos a cidade e suas histórias. Num determinado ponto, o barco desligou o motor e sugeri uma música, o nosso hino, “Tocando em Frente”. Uma brisa suave soprava e os viajantes ficaram ao deleite da música, alguns se emocionaram, outros simplesmente sorriam e todos em silêncio curtiam aquele momento.

Voltamos ao trapiche para o desembarque, nos despedimos da guia local e seguimos em direção à Fazenda do Sobrado onde fomos recepcionados pela Sra. Ivani, nos dirigimos para a sombra de grandes figueiras com bancos e cadeiras à nossa espera. Nesse momento, troquei algumas impressões com os viajantes, sobre as sensações do passeio, as histórias, as paisagens, os imigrantes, a revolução farroupilha, enfim, sobre São Lourenço um lugar que resultara daqueles acontecimentos. Os viajantes também comentaram a idéia daquele espaço geográfico, a riqueza do local e suas amenidades. Nosso debate só foi interrompido porque o sino tocou. Era hora de nos dirigirmos ao salão do almoço.

O cardápio era uma comida campeira. Os viajantes lavaram as mãos, sentaram à mesa e lentamente começaram a sentir o sabor da arte da culinária gaúcha. Eu tratei de dar atenção a cada um, servindo sucos e refrigerantes, verificando se estavam bem servidos. Todos satisfeitos, paramos para degustar os doces típicos de uma Fazenda (o arroz doce, o mugango caramelado, os doces de

fruta da época). Após o almoço, nos dirigimos à sombra das figueiras para digestão, e novamente começou a chuva de descobertas e questionamentos. Empolgados, uns comentavam com os outros suas experiências e suas recordações. Fiquei observando aqueles viajantes que, há meses, eram tão cinzas e agora irradiavam um caleidoscópio de cores. Seus rostos se iluminavam por sorrisos. Eram mais parceiros, ouviam e eram ouvidos, uma integração salutar.

Após a digestão ter sido feita, fomos fazer uma visita orientada ao interior da residência, um sobrado em estilo colonial. A Sra. Ivani nos referiu à belas historietas. Vivenciamos momentos de casamentos, momentos de guerra e de grandes amores. Conhecemos um pouco mais das histórias daquele lugar. Saímos novamente em direção às figueiras e lá sentamos à sombra. Alguns brincavam na pequena praça de recreação infantil, voltavam ao tempo em que eram crianças.

Outros ficaram conversando sobre as histórias da casa, sobre questões do ser humano, sobre o quanto aquela viagem estava sendo prazerosa. Nesse momento, chegou o nosso condutor para a cavalgada dizendo que os cavalos estavam encilhados e poderíamos partir. Fomos até a mangueira; e aqueles que não queriam cavalgar ficaram ao deleite da sombra.

Os viajantes cavaleiros ouviram atenciosamente as instruções do monitor e, na maior excitação, foram subindo nos cavalos. Alguns diziam: *Faz anos que não ando a cavalo, isso lembra a fazenda do meu avô*. Outros acrescentavam: *isso me lembra a infância*. Alguns apenas exclamavam com alegria sobre a oportunidade de cavalgar pela primeira vez. Todos arrumados começaram o passeio. Infelizmente, não pude acompanhá-los, pois faltaram cavalos. Assim fiquei com o grupo que não fora cavalgar. Após uma hora, retornaram cheios de novidades para contar aos demais. O prazer da cavalgada não podiam esconder. Excitados cada qual queria contar a sua aventura e as belezas encontradas pelo caminho às margens da laguna dos patos.

A euforia tomava conta do grupo, então os convidei para seguir uma trilha até a laguna pela mata nativa. Toparam e fomos conduzidos até a entrada dela. Caminhamos e observamos os detalhes. Expliquei sobre a flora local. Sugeri que sentissem a paisagem com todos os sentidos, cores, perfumes, sons e formas. Caminhamos até uma enseada às margens da laguna, com uma boa sombra e o som das águas que iam e vinham. Uma viajante sugeriu que sentássemos para ouvir o barulho da água e sentir o perfume do local. Então ficamos ali sentados por algum

momento e ela disse: *Vamos observar estas pequenas ondas e mentalizar coisas boas quando a onda vem e que ela leve tudo que nos incomoda*, fiquei surpreso e feliz pela atitude.

Depois de ficarmos por uns 10 minutos em silêncio, enquanto outros faziam descobertas ao redor, peguei minha mochila e retirei nove vendas. Organizei o grupo em duplas e solicitei que fizessem uma trilha na mata com os olhos vendados, por onde um conduziria o outro, fazendo-os explorar o lugar com todos os sentidos, exceto a visão. Fiz uma demonstração com uma das viajantes, mostrei o caminho, salientei os cuidados. Enfim estavam preparados, entraram na trilha, e em silêncio a percorreram. Não interferi nesse momento, fiquei à espera das duplas. Após um bom tempo começaram a chegar, em silêncio sentaram e ficaram fitando as serenas águas daquela laguna.

Quando todo o grupo já estava reunido, tratei de falar sobre as sensações experimentadas. Uns simplesmente disseram que tinha sido muito forte; outros que diante, de tanta energia, pareciam tontos; alguns falaram sobre o não-enxergar e estimular os outros sentidos. Foi um tempo de descobertas, dividimos as experiências, nos integramos ao ambiente como disse um deles. A tarde começava a cair e tínhamos de ir embora, insisti com o grupo e voltamos ao casarão, exaustos da caminhada e de tantas sensações/emoções. Sentamos, então, para apreciar o final de tarde.

A fome começava a bater, mas não tínhamos agendado nada de comer à tarde. Isso é o que eles acreditavam pois, enquanto andavam a cavalo, organizei um lanche com os proprietários. Então os convidei para entrar no salão para irmos embora, e quando lá chegaram, havia uma boa mesa preparada esperando-os. Isso foi um gesto de carinho, uma surpresa que os deixou muito animados. Deliciaram-se com as cucas, pães, queijos, salames e sucos, enfim, o lanche era um festival gastronômico. A animação tomou conta do grupo novamente e, após esse lanche, sentaram no gramado em frente ao casarão e então quem os convenceria a ir embora? As conversas agora eram com a família, queriam saber curiosidades, trocavam experiências, falavam daquelas vivenciadas naquele dia.

Em determinado momento, pois já estava anoitecendo, sugeri que retornássemos para Rio Grande e, antes de sair, uma viajante pediu para se fazer uma última atividade: a teia com barbante que eu havia comentado. Tirei da mochila um rolo de barbante e sugeri um grande círculo e fiz uma pergunta: O que mais tinha

chamado a atenção naquele dia? Conforme cada um ia expondo suas sensações, o barbante ia passando, formando uma grande teia. Ao final fiz uma espécie de fechamento da viagem, comentei sobre o eu, o estar, o ser. Comentei igualmente a nossa importância para a manutenção da teia da vida e as suas imbricadas redes e assim os viajantes foram expondo suas visões sobre a teia que ali se formou. Ao final todos se aproximaram do centro do círculo e, com um grande abraço, despediram-se daquele dia.

Despedimo-nos também da família e seguimos em direção a Rio Grande. Já era noite e a lua parecia iluminar a planície, quando passamos pelo canal São Gonçalo. Aí um viajante falou: *Olhem o reflexo da lua na água, é meu presente para todos vocês*. Todos se voltaram e ficaram fitando aquela lua brilhante e seu reflexo nas águas dos banhados adjacentes ao canal. Nesse momento, entreguei uma lembrança da viagem a cada um: um saquinho vazio com uma fita que fechava a boca, e um cartão dizendo que aquele saco vazio era para eles encherem com as lembranças daquele dia.

No caminho um outro viajante solicitou: *Daniel, coloca aquelas músicas instrumentais que costumava usar, está tão bom que merece um som tranquilo*. E nessa plenitude nossa viagem chegou ao final. Após todos os agradecimentos, chegamos a Rio Grande. No outro dia, quando abri meu correio eletrônico, li algumas mensagens de agradecimento pelos momentos que havia proporcionado ao grupo. Foi nesse momento que percebi estar ali minha prática como um guia-educador. Então eu me arrisco, aqui, a buscar os vestígios de uma educação ambiental frente às viagens turísticas.

5.4 Unidades e categorias de análise dos diários de bordo dos viajantes na Costa Doce

Na interpretação dos diários de bordo, procuro responder às questões de pesquisa propostas, como meio de estabelecer a relação educação ambiental X humanização das viagens turísticas. Para identificar as informações a serem analisadas, foi realizada a leitura do material coletado em duas etapas. A primeira, para identificar os viajantes que faziam parte dessa interpretação, procurando no material, as imagens sonhadas das viagens feitas. Isso significava procurar textos com conteúdo possível de ser analisado como se pretendia, excluindo-se aqueles relatórios técnicos das viagens turísticas. Na segunda etapa procurei, então,

identificar as informações e usar a decodificação necessária para responder às questões da pesquisa.

Diante da leitura dos diários de bordo dos viajantes na Costa Doce e das suas imagens selecionadas, cheguei aos temas e contextos. Os temas foram construídos com base nos textos extraídos dos diários e os contextos referem-se às propostas apresentadas por Krippendorf (2001), conforme segue:

| TEMA | CONTEXTO |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Viajantes | Com base nas teses sobre a humanização das viagens de Jost krippendorf |
| História de vida e recordações explícitas. Despertar sensações íntimas. Relembrar a infância. Reconhecer-se na experiência. | A viagem como possibilidade de encontrar-se a si próprio. |
| Tempo, história, passado, paisagem, memória, lutas, população e cotidiano, experiências emocionais, viagem como aprendizado. | As estratégias para humanizar a viagem devem preparar e educar os viajantes a viajar e perceber os lugares visitados. |
| Crescimento individual e grupal, aprender a olhar o lugar, viajar com a alma, sentir-se mais feliz, poetizar as viagens, o equilíbrio e a mudança. As viagens como fator de mudança nas relações humanas. | A viagem como perspectiva de uma atitude diferente no viajante. |

Ilustração 06: Temas e contextos para análise
Org. Daniel Botelho

Para essa análise foram estabelecidos códigos para os viajantes, os itinerários propostos e o contexto.

| Viajantes | Itinerários | Temas/Contextos |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------|
| a(Fernanda), b(Vanessa), c(Daniela), d(Roberto), e(Luciane), f(Dulce), g(Adelaide), h(Teresinha), i(Jane), j(Sofia) | V1(São José do Norte); V2 (Pelotas); V3 (São Lourenço do Sul). | Marfim (1º tema); Verde (2º tema); Turquesa (3º tema). |

Ilustração 07: Código das categorias de análise
Org. Daniel Botelho

5.5 Descrição das imagens e textos produzidos pelos viajantes

V1a

Esta é a imagem da Fernanda, na qual a rede envolve sua proposta. Identifico aqui as cores do Rio Grande do Sul, um registro das histórias do Fernando sobre a Revolução Farroupilha. Elas também traduzem um pouco do povo e suas lutas diárias, bem como toda a natureza envolvente.

O espaço ocupado pelas cores e traços identifica o espaço territorial, um registro da paisagem no seu *aspecto global* – *o visível/invisível, sentido não visto, do território*⁸².

Na imagem, traduzo nas cores os elementos que constituem aquele espaço: em número reduzido, os homens na cor amarela, os quais sobrevivem da pesca e da agricultura, um trabalho árduo que identifico no tom vibrante do vermelho; para o verde nesse contexto, a natureza envolvente, tanta água, dunas e tímidas matas de restinga.

Os traços fortes marcados sobre o jogo de cores cobrem o espaço, como o cotidiano da prática pesqueira assinala a vida urbana. Percebo, também nessa imagem, a possibilidade de pensar o quanto os ritos, a tradição, e os instrumentos que fixam a experiência de um povo têm a capacidade de envolver a todos e a tudo, como, neste caso, a rede que envolve as cores e suas nuances.

Por outro lado, reconheço nessa imagem um tanto da Fernanda, uma mulher que sempre representa a vida em formas e cores, sempre cria possibilidades para reutilizar seus tecidos pintados e suas obras, e que, bem antes de ser acadêmica em artes, já experimentava essas habilidades. Percebo ser esta representação não apenas uma imagem do que se vê de um lugar, ela vai além, ela se funde ao eu. Portanto,

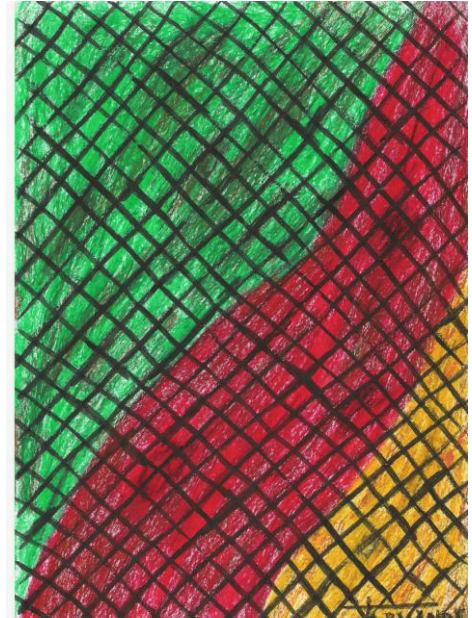


Ilustração 08: Representação do lugar/V1a

⁸² Sobre a idéia de paisagem de Adyr Balastrieri Rodrigues, 1997.

considero que vemos o que somos, pois nesta representação, o lugar carrega consigo formas e cores presentes na Fernanda.

V1a

Para descrever este lugar, é preciso refletir sobre o tempo... tempo que leva para chegar no horizonte. Tempo de espera; tempo passado; tempo esquecido; tempo perdido; tempo sem medida; tempo retido, contido, guardado... escondido em ruas estreitas. Paredes desfeitas, escariolas perfeitas; tempo de cumplicidade... que guarda segredos e história; tempo de traição com sua gente... que revelam nos rostos e nas mãos marcas de um tempo maior que o tempo passado. E agora? Agora é tempo de jogar as redes e pescar... memória.

V1b

Esta imagem da Vanessa nos traz as marcas do tempo na pequena São José do Norte, bem como as crenças que permeiam o cotidiano de um povo devoto de São José, entre outras manifestações.

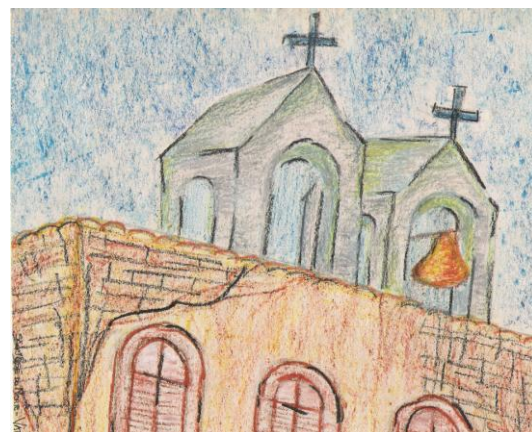


Ilustração 09: Representação do lugar/V1b

As marcas na fachada do prédio foram um dos fatos marcantes para a Vanessa. São marcas de um povo, marcas de uma história que teme ruir. Além das fachadas, a vida de um povo que se perde e se acha. Nessa viagem, muito foi observado por ela; aqui um pouco do que o Fernando nos mostrou e do ativismo cultural desenvolvido pelo nosso anfitrião.

Ao fundo, as torres da Igreja Matriz São José, simbolizando uma das marcas da Vanessa. Na sua história de vida, a religião católica foi sempre presente, como filha de um dos ministros da igreja matriz de mesmo nome: São José de Pedro Osório/RS. Um ministro profundamente dedicado à comunidade católica. A Vanessa por, sua vez, seguiu esses passos, frequentou o coral da igreja, foi responsável pelo grupo da pastoral da juventude.

Outro dado marcante na imagem apresentada por ela é o sino na torre da igreja, que remeto às badaladas do sino da igreja de Pedro Osório, um som presente

para todos que lá moram ou moraram um dia. O sino marcava a hora da missa. A viajante nos traz, nessa imagem, os sons também presentes na sua viagem interior, pois é nela que nos redescobrimos e abrimos a porta das sensações.

V1b

Que lugar é este? Lugar de muitos, lugar de poucos... Muitas cores, pouca conservação; muitos curiosos, poucas atrações; muita história, pouca memória; muita luta, pouco estranheza; muitas vidas, pouca sorte; muitos sonhos, poucos destinos; muito tempo, pouca consciência; muitos olhares perdidos, mas poucos passos incertos; muito passado, mas pouco presente.

V1c

A Daniela, com sua colagem, representa um pouco do que tem em si, de estudante de artes visuais, a pelotense que evidência a (re)organização espacial da sua tradição.

Identificam-se, na imagem os monumentos arquitetônicos, as cúpulas e a opulência da tradição de Pelotas, que hoje, também, procura ressuscitar essa memória.

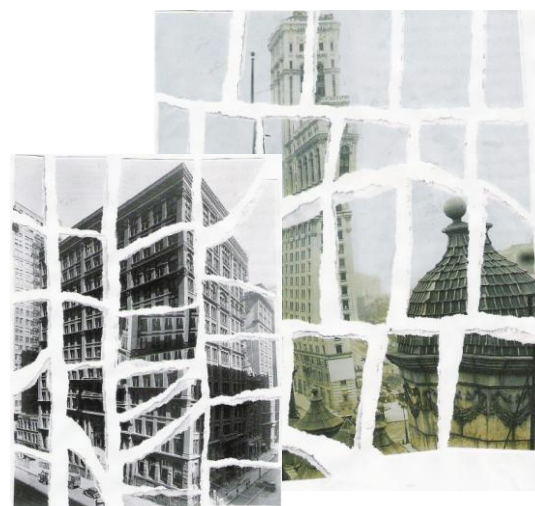


Ilustração 10: Representação do lugar/V1c

Os programas de revitalização dos prédios históricos são como colagens de um tempo materializado que precisa permanecer para marcar a história, assim como em São José do Norte que, por anos, ficou esquecida de si. Talvez pelo advento da televisão, dos novos materiais de construção e o abandono das formas tradicionais, a cidade foi perdendo as suas formas que corporificam a história. Mas hoje (re)visitam a história e procuram, por entre escombros e escariolas esquecidas, ou que o tempo tratou de apagar, a sua identidade e suas virtudes.

Com outro olhar, traduzo os recortes da colagem como as marcas da cidade, que resistem ao tempo como um pedido de socorro para a sua manutenção; nas colagens invertidas existentes nas ilustrações, vejo as interferências nas fachadas dos prédios históricos, bem como as interferências culturais da população local, dada a ordem mundial ditada por um sistema globalizado/mundializado.

V1c

Antiga cidade, poucos habitantes, ruínas que guardam uma história de pessoas que ali passaram, viveram, morreram. Marcando toda uma geração vindoura. E agora quem lá habita reconstrói estas ruínas/paredes, juntando o tijolo com a história, com a vida, “eternizando”, cada vez mais, o que passou. O que aconteceu por lá. “(...) a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimão das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras” (Ítalo Calvino)

V1d

O Roberto com seus traços fortes nas cores preto e branco nos leva a perceber uma São José do Norte crua, sem as intervenções da modernidade, mas o termo não desconsidera a riqueza de saberes e fazeres que possam ser pensados ao ver tantas embarcações. A pesca, as histórias de pescadores e suas proezas no mar, bem como todas as imagens possíveis para um sonhador ao ver um barco.



Ilustração 11: Representação do lugar/V1d

A simetria dos barcos e a repetição de detalhes marcam a unicidade da diversidade (areia, águas, redes, peixe) que marcam São José do Norte. Ao fundo as tímidas fachadas de uma singela e simpática cidade refletida no espelho de águas doces e salgadas do estuário da laguna dos patos.

Igualmente, percebo uma imagem também típica de São Lourenço do Sul, cidade natal do viajante e cidade na qual reside, uma imagem familiar, pois o arroio São Lourenço e seus estaleiros configuram um mosaico que pode ser avistado a todo dia da casa do Roberto: as margens do arroio no Mercado da Ponte.

V1d

É surpresa fazer um passeio tão perto, e ver coisas que esperávamos em locais distantes. Foi ótimo conhecer São José do Norte. Em algumas horas foram

experimentadas, dentre outras, uma travessia com barca, visitas a prédios históricos, degustação de pratos saborosos, dentre outros. Triste foi ver o estado de alguns prédios em precárias condições de conservação, porém a constatação de que existe movimentação para evitar este processo, é fato que substitui a impressão anterior, e certamente instiga próximos passeios, que guardarão surpresas ainda mais interessantes no futuro. Um grande conjunto de barcos de pescadores, perfeito para inúmeros recortes fotográficos, propicia um contato que é difícil na maioria das cidades, transmite um ar bucólico, duro, que é quebrado pela sinfonia de cores fortes distribuídas de forma rítmica e aleatória, nas superfícies destes “veículos”. Quando isolados em um retrato 10X15 ou outro tamanho, adquirem características de ícone. Foi marcante ver a força da fé e constatar que ela persiste mesmo em locais com baixa renda em seus “pertences materiais”, a Igreja impõe-se grandiosa à população e aos visitantes, bonita por fora, mais ainda por dentro; vemos que problemas e dificuldades da população não impedem, por mínima que seja, não sendo o caso, manutenção; Em frente à igreja, uma pequena e charmosa praça convida a um bate papo na companhia de amigos. Caminhar tranqüilamente em ruas às vezes bastante estreitas, horas não, respirar história, sentir o cotidiano de um local deslocado geograficamente, norteados pelas águas que é fato que define o comportamento econômico, social e cultural é uma experiência enriquecedora agora, e mais ainda no futuro, com o devido aperfeiçoamento do conjunto que é São José do Norte.

V2e

15/10/2005 Sábado: saída de Rio Grande às 8h, para a colônia de Pelotas, O local que mais gostei foi a Trilha Jardim, não só pela energia positiva, como pelo paisagismo e principalmente pelos toques orientais do lugar, fizeram com que ao ficar embaixo de uma pirâmide, não quisesse mais sair dali. O prof. Zezinho e a Ana (proprietários) foram excepcionais nas explicações do local e no modo carinhoso de receber. Saímos do local com a alma muito leve, foi uma das melhores sensações que senti na vida, me identifiquei com o jeito deles de levar a vida, exercitando o ser e não o ter. No atelier, vimos e ouvimos a Ana cantando e o Zezinho acompanhando no violão, emocionante... Uma das músicas era Tocando em Frente, composição de Almir Sater e Renato Teixeira. Em todos os momentos da viagem, deu para perceber o crescimento do grupo, tanto na parte teórica quanto na prática, as parcerias e a união fizeram com que nos aproximássemos ao vôo dos gansos, que consiste no

seguinte: quando o que comanda o grupo cansa, outro toma seu lugar e ele vai para o final da fila, pois, turismo é isso, união, profissionalismo, parcerias e ética. Até a próxima.

V3e

Sem dúvida, esta foi a melhor viagem prática, do curso de Guia de Turismo do Senac, de Rio Grande. Tudo ajudou para que o desfecho fosse o melhor possível. Não pensei que seria tão boa quanto a colônia de Pelotas, fiquei encantada... Tudo foi positivo: a escolha do lugar (São Lourenço), a harmonia, a dinâmica aplicada, o entrosamento, o comprometimento, o crescimento, o profissionalismo... tudo isso aliado ao conciliador, coordenador, amigo, responsável pelo milagre de unir uma turma tão conturbada... Um bom guia é imprescindível, pois, um lugar simples, torna-se grandioso, a maneira como a localidade é mostrada, as atividades que são desenvolvidas, todos esses fatores são responsáveis pelo bom andamento das atividades propostas. Interagir com a população local... ver, sentir, provar e tocar são habilidades necessárias para que consigamos distinguir uma localidade e assim registrá-la na nossa memória... Me sinto cada vez mais mestiça, quando viajo desligo do meu mundo cotidiano e mergulho no intuito de aprender, trocar experiências, conhecer o novo, levar um pouco da localidade e deixar um pouco de mim, pois, de certo voltarei... desde o começo do curso evoluí muito como pessoa, consegui sair da cegueira em que vivia, não preciso mais sair à procura de novas paisagens, vejo as já existentes com outros olhos, com calma que o dia-a-dia corrido proíbe-me de ver... hoje consigo ver as belezas da minha cidade, detalhes que nunca havia notado. Quantas belezas no nosso Estado, temos que nos enriquecer das belezas que possuímos, encantar os turistas com a simplicidade de um relaxamento, parecida com a que fizemos na fazenda do Sobrado, uma gata cega no mato... as pessoas estão carentes do “ser”, pois deram muita importância ao “ter” e indo para um mundo virtual, que afasta as pessoas do contato pessoal... Pude perceber ética profissional na chegada a São Lourenço quando um guia de turismo nos acompanhou até a pousada e não interferiu no trabalho do guia do dia seguinte, que bom que existe profissional deste gabarito. O churrasco levou dez em todas as categorias, quanto ao passeio posterior relaxante, divertido. Um olhar e um cheiro diferente para um barquinho na Pérola da Lagoa. A pousada maravilhosa, os proprietários foram incansáveis para o bem-estar do grupo, na limpeza dos lençóis um dez com estrelinhas, que delícia

dormir numa cama tão branquinha. Um lugar aconchegante. Ah! Se eu soubesse que tinha piscina.... A apresentação dos pax, muito boa, amei. Na parte da animação turística, todos muitos criativos... A turma deve ser analisada do Daniel em diante, pois, houve um crescimento do grupo qualitativo, em todos alunos. Sei que depois do susto de pegar uma turma tão revoltada e nervosa, aos poucos foi acalmando e conhecendo um por um e educado que é, respeitando o jeito de ser de um e procurando o melhor que existe em cada um de nós, obrigado... “ando devagar porque já tive presa. E levo esse sorriso porque já chorei demais” ... Hoje consigo planejar meu dia, positivamente e realizar o que desejo no final dele... ...Viver e não ter a vergonha de ser feliz... cantar e ... na beleza de ser um eterno aprendiz... ... se chorei ou se sorri... o importante é que emoções eu vivi...”. O turismo é apaixonante, não sei se conseguiria viver sem exercitar este meu lado cigano... * Daniel, és uma pessoa única, agradeço a Deus por existires, além de inteligente tens muito carinho e psicologia para tratar com as pessoas. Se não fosses o que és, estarias muito bem na profissão de psicólogo, sempre preocupado com o bem-estar do outro, além de tudo um poeta, outra característica nata de quem ama o ser humano... é por isso que todos que te conhecem te admiram e te adoram, és puro de coração.....

V2f

Começou a chegada dos alunos, a Minéia começou a distribuição das etiquetas, o micro já estava estacionado. Tudo correndo bem, até o momento que se dá conta de que o ônibus não tinha microfone, chega-se à conclusão que cada guia deverá ter o seu, porque já é a segunda vez que isso acontece. Temos que pegar no caminho os dois professores André e Camila, a agência diz que não porque a reserva tinha que ser antecipada. O professor Daniel resolve o impasse e fica tudo certo. Os guias de percurso dão as informações durante a viagem falando sobre os principais povoamentos... Esta viagem foi o início de uma grande harmonia entre o grupo, serviu para eu conhecer mais e entender as demais pessoas ao meu redor. A minha turma é muito boa e melhor é o meu amigo Daniel, pois estou tendo a oportunidade de melhorar e viver Feliz... Sou feliz e agora é mais fácil aceitar as pessoas como elas são. Daniel, já te admirava, agora desejo ser tua amiga, não quero perder o contato contigo ao término do curso. Com tua ajuda estou sendo mais feliz nessa nova etapa da minha vida, obrigada. “Gratidão gera gratidão. Alegria gera alegria. Harmonia gera harmonia”

V3f

Mais uma viagem de aprendizado. Para mim foi muito importante, pois tudo o que não desejo ser estou verificando na prática, e conhecendo melhor as pessoas e principalmente a mim. **Nestas viagens eu pude testar minha paciência,** e procurar ficar onde mais me agrada, e **tenho a oportunidade de ver coisas em meus colegas que eu vou procurar não fazer, pois é uma forma de crescer.** E isto eu agradeço ao professor Daniel. As agências de nossos colegas não pretendo usar, pois eles não são nem um pouco solidários, o trabalho deles é visando unicamente ao material, o capitalismo, espero que não precise mais usá-las, até nisso **as viagens servem para aprendizado.**

V2g

Nos dias 15 e 16 de outubro fizemos nossa segunda viagem técnica com destino a Pelotas e Jaguarão. A primeira visita foi feita na família Camellatto, o Sr. Jordão nos mostrou as parreiras que já estavam dando cachos de uva, ofereceu também degustação de vinhos e licor, foi feita uma visita rápida. Em seguida seguimos viagem até o templo das águas. Ao chegarmos fomos convidados pelo prof. Daniel e a colega Sofia a fazermos alongamentos para após **seguirmos a trilha do Templo das Águas um lugar, de muito encantamento, muita paz, muito tudo.** O Marcos apresentou para nós o local onde descreveu e relatou a história do lugar, em seguida seguimos nosso trajeto com destino ao restaurante Grupelli para almoçarmos o qual estava marcado para as 13 horas. Às 14 horas saímos do restaurante todos devidamente satisfeitos com destino à Trilha Jardim onde fomos recebidos pelo Prof. Zezinho e a Sra. Ana pessoas muito amáveis: em seguida seguimos **em direção ao Sítio Panamar, que me fez lembrar muito da minha infância.** Na minha opinião, esta viagem foi bem melhor que a primeira, tivemos alguns contratemplos, mas mesmo assim **tivemos o tempo todo a integração do grupo** o guia muito participativo e todos dentro de cada ocasião efetuaram as tarefas exigidas pelos professores.

V2/V3h

Sempre gostei de viajar, ver coisas e lugares diferentes, sair da rotina, descansar, outras vezes somente cansar. **Hoje viajar para mim tem outro significado,** graças ao professor Daniel que, com muita sabedoria, conseguiu **despertar**

sentimentos e fazer com que minha percepção se tornasse mais apurada. Tornei-me mais sensível, sabendo apreciar cada lugar na tua totalidade. Em vários momentos senti-me inserida no contexto, especialmente na Trilha Jardim, onde afloraram os melhores sentimentos e emoções, sequer consigo descrever o quanto. Com relação às viagens, ainda falta melhorar muito, mas consigo entender mais os diferentes lugares, ver e entrar em sintonia com a beleza que ali se encontra e que não percebemos sem esse despertar. O professor Daniel, para mim, é uma pessoa maravilhosa que Deus, com sua infinita sabedoria, colocou em nosso caminho. Foi ele que conseguiu integrar a nossa turma, trazendo o equilíbrio e também, com seu jeito, ensinou-nos a ver com outros olhos as diferenças de cada um, buscando sempre o lado melhor. Posso afirmar que, para mim, no curso existem dois tempos: antes do Daniel e depois do Daniel.

V2/V3g

Com certeza, todas as viagens mudaram de alguma forma, a maneira de olhar as pessoas e as coisas. Cada viagem é diferente, única. Em muitos momentos pude resgatar a fase mais linda e pura da minha vida, a infância. Retrocedi quando cavalgava, lembranças de uma vida feliz e despreocupada. A colônia de Pelotas é um paraíso, descobrir os encantos de cada recanto é um presente pra alma. Cada cidade visitada tem uma característica, mas todas em geral souberam receber com carinho e hospitalidade. Voltar a Jaguarão foi como recarregar as baterias para os desafios que o turismo reserva. Todo esse exercício de olhar e realmente ver é mérito teu, Daniel. Colocar carinho e profissionalismo e exercitar a alma de todos passageiros. Viajar contigo é flutuar, é chorar de alegria, dar gargalhadas e ao mesmo tempo aprender, entre outras coisas, o valor do habitante local, ouvir deles experiências locais. Daniel, continua com essa alma pura, fazes muito bem a todos. Daniel, tenho tudo e nada tenho, porém do fundo do meu nada, desejo-lhe tudo.

V2/V3i

Todas as viagens mexeram comigo, de alguma forma, mudei o jeito de olhar as coisas, passei de artificial para minuciosa, vejo detalhes e paisagens que antes não notava. Encontrei no templo das águas, a liberdade e a simplicidade que é peculiar. Na Trilha Jardim, um lado esotérico aflorou e aquela cavalgada, transportou-me à minha infância. Descobrir lugares e localidades é sempre um prazer, interagir com a

localidade é uma troca maravilhosa, só assim captamos a essência do nativo, em todos os locais visitados, sem exceção, fomos muito bem recebidos. Além de tudo, poder conviver com esse grupo de futuros guias e, aos poucos conhecendo e respeitando o jeito de cada um, são experiências únicas. O convívio contigo, Dani tem ensinado que a viagem não é somente uma paisagem bonita, é principalmente o jeito com que apresenta e encanta o turista.

V2/V3j

A maior convivência com os colegas e professores, durante as viagens, em diferentes ambientes e situações fez com que os conhecesse melhor, com suas qualidades e defeitos, talentos e limitações e, embora reconheça que tenho muito a crescer, acredito que foi um exercício de tolerância, que me ensinou a respeitar e a aceitar melhor as pessoas como são, com diferenças. O exercício de andar por uma trilha com os olhos vendados e guiada por uma colega, me fez perceber o quão pequenos somos e que na vida, como naquela situação, precisamos uns dos outros. Não foi possível conhecer e desvendar totalmente os lugares visitados, sempre que visito um lugar novo, fico imaginando quem vive lá e como, o que faz, o que pensa... Para conhecer um lugar é preciso conhecer as pessoas desse lugar e isso é muito difícil.

5.6 Categorias para a interpretação dos contextos em análise

| Contexto: A viagem como possibilidade de encontrar-se a si próprio | |
|--------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Viajantes | Interpretação das imagens e transcrição do texto |
| V1a | (...) uma mulher que sempre representa a vida em formas e cores, sempre cria possibilidades para reutilizar seus tecidos pintados e suas obras, que bem antes de ser acadêmica em artes já experimentava essas habilidades (...) pois nesta representação do lugar, ele carrega consigo as formas e cores presentes na Fernanda. |
| V1b | Ao fundo as torres da Igreja Matriz São José, simbolizando uma das marcas da Vanessa. Na sua história de vida a religião católica foi muito presente, filha de um dos ministros da Matriz, de mesmo nome, São José (Pedro Osório/RS). A Vanessa, por sua vez, seguiu em muito estes passos, freqüentou o coral da igreja, foi responsável pelo grupo da pastoral da juventude. Outro fato marcante na imagem representada por ela é o sino na torre da igreja, remeto as baladas do sino da igreja de Pedro Osório, um som presente em todos que lá moram ou moraram um dia. O sino marcava a hora da missa |
| V1c | (...) com sua colagem representa um pouco do que tem em si, da estudante de artes visuais que se procura na sua irreverência, a pelotense que evidencia a (re)organização espacial da sua tradição(...)os monumentos arquitetônicos, as cúpulas e a opulência da tradição de Pelotas, que hoje, também, procura ressuscitar essa memória |
| V1d | (...) percebe-se uma imagem também típica de São Lourenço do Sul, cidade natal do viajante e cidade na qual reside, uma imagem familiar, pois o arroio São Lourenço e seus estaleiros configuram um mosaico que pode ser avistado a todo dia da casa do Roberto. |

| | |
|---------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| | As margens do arroio no Mercado da Ponte. |
| V2e | (...) uma das melhores sensações que senti na vida, me identifiquei com o jeito deles de levar a vida, exercitando o ser e não o ter. |
| V3e | (...) levar um pouco da localidade e deixar um pouco de mim (...) meu lado cigano |
| V2g | (...) em direção ao Sítio Panamar, que me fez lembrar muito da minha infância. |
| V2/V3h | na Trilha Jardim, onde afloraram os melhores sentimentos e emoções, que sequer consigo descrever o quanto |
| V2/V3g | Em muitos momentos pude resgatar a fase mais linda e pura da minha vida, a infância. Retrocedi quando cavalgava, lembranças de uma vida feliz e despreocupada. |
| V2/V3i | (...) e aquela cavalgada, transportou-me à minha infância. |
| V2/V3j | (...) embora reconheça que tenho muito a crescer. |

Ilustração 12: Categorias do contexto 01
Org. Daniel Botelho

| | |
|------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| | Contexto: As estratégias para humanizar a viagem devem preparar e educar os viajantes a viajar e perceber os lugares visitados. |
| Viajantes | Interpretação da imagem e transcrição do texto |
| V1a | Para descrever este lugar, é preciso refletir sobre o tempo... tempo que leva para chegar no horizonte. Tempo de espera; tempo passado; tempo esquecido; tempo perdido; tempo sem medida; tempo retido, contido guardado... Escondido em ruas estreitas. Paredes desfeitas, escariolas perfeitas; tempo de cumplicidade... Que guarda segredos e história; tempo de traição com sua gente... Que revelam nos rostos e nas mãos marcas de um tempo maior que o tempo passado. E agora? Agora è tempo de jogar as redes e pescar... memória |
| V1b | Que lugar é este? Lugar de muitos, lugar de poucos... Muitas cores, pouca conservação; muitos curiosos, poucas atrações; muita história, pouca memória; muita luta, pouca estranheza; muitas vidas, pouca sorte; muitos sonhos, poucos destinos; muito tempo, pouca consciência; muitos olhares perdidos, mas poucos passos incertos; muito passado, mas pouco presente. |
| V1c | Antiga cidade, poucos habitantes, ruínas que guardam uma história de pessoas que ali passaram, viveram, morreram. Marcando toda uma geração vindoura. E agora quem lá habita reconstrói estas ruínas/paredes, juntando o tijolo com a história, com a vida, “eternizando”, cada vez mais, o que passou. O que aconteceu por lá. |
| V1d | (...) o estado de alguns prédios em precárias condições de conservação, porém a constatação de que existe movimentação para evitar este processo, é fato que substitui a impressão anterior. Um grande conjunto de barcos de pescadores, perfeito para inúmeros recortes fotográficos, propicia um contato que é difícil na maioria das cidades, transmite um ar bucólico, duro, que é quebrado pela sinfonia de cores fortes distribuídas de forma rítmica e aleatória, nas superfícies destes “veículos”. Foi marcante ver a força da fé e constatar que ela persiste mesmo em locais com baixa renda em seus “pertences materiais”. (...) a Igreja impõe-se grandiosa a população e aos visitantes, bonita por fora, mais ainda por dentro, vemos que problemas e dificuldades da população não impedem, por mínima que seja, não sendo o caso, a manutenção. (...) uma pequena e charmosa praça convida a um bate papo na companhia de amigos. (...) um local deslocado geograficamente, norteadado pelas águas que é fato que define o comportamento econômico, social e cultural; é uma experiência enriquecedora agora, e mais ainda no futuro com o devido aperfeiçoamento do conjunto que é São José do Norte. |
| V2e | (...) pela energia positiva, como pelo paisagismo e principalmente pelos toques orientais do lugar. |
| V3e | (...)a harmonia, a dinâmica aplicada, o entrosamento, o comprometimento, o crescimento, o profissionalismo (...)um lugar simples, torna-se grandioso, a maneira como a localidade é mostrada, as atividades que são desenvolvidas, todos esses fatores são responsáveis pelo bom andamento das atividades propostas. Interagir coma população local... ver, sentir, provar e tocar são habilidades necessárias para que consigamos distinguir uma localidade e assim registrá-la na nossa memória (...)encantar |

| | |
|---------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| | os turistas com a simplicidades de um relaxamento, parecida com a que fizemos na fazenda do sobrado, uma gata cega no mato... as pessoas estão carentes do “ser”, pois, deram muita importância as “ter” e indo para um mundo virtual, que afastam as pessoas do contato pessoal (...)quanto ao passeio posterior relaxante, divertido. Um olhar e um cheiro diferente para um barquinho na pérola da lagoa. |
| V3f | Mais uma viagem de aprendizado (...)as viagens servem para aprendizado. |
| V2g | (...) seguirmos a trilha do templo das águas um lugar de muito encantamento, muita paz, muito tudo. |
| V2/V3h | (...) despertar sentimentos e fazer com que minha percepção se tornasse mais apurada (... vários momentos senti-me inserida no contexto (...consigo entender mais os diferentes lugares, ver e entrar em sintonia com a beleza que ali se encontra e que não percebemos sem esse despertar (... ensinou-nos a ver com outros olhos as diferenças de cada um, buscando sempre o lado melhor. |
| V2/V3g | (...) exercitar a alma de todos passageiros. Viajar contigo é flutuar é chorar de alegria, dar gargalhadas e ao mesmo tempo aprender entre outras coisas o valor do habitante local, ouvir deles experiências locais. |
| V2/V3i | Encontrei no templo das águas, a liberdade e a simplicidade que é peculiar (...) interagir com a localidade é uma troca maravilhosa, só assim captamos a essência do nativo, em todos os locais visitados, sem exceção, fomos muito bem recebidos (...) tem ensinado que a viagem, não é somente uma paisagem bonita, é principalmente o jeito com que apresenta e encanta o turista. |
| V2/V3j | Para conhecer um lugar é preciso conhecer as pessoas desse lugar e isso é muito difícil. |

Ilustração 13: Categorias do contexto 02
Org. Daniel Botelho

| | |
|------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| | Contexto: A viagem como perspectiva de uma atitude diferente no viajante |
| Viajantes | Interpretação da imagem e transcrição do texto |
| V1a | A descrição poética do lugar e a imagem produzida do lugar; |
| V1b | A descrição poética do lugar e a imagem produzida do lugar; |
| V1c | A descrição poética do lugar e a imagem produzida do lugar; |
| V1d | (...) certamente instiga próximos passeios, que guardarão surpresas ainda mais interessantes no futuro. Caminhar tranquilamente em ruas às vezes bastante estreitas, horas não, respirar história, sentir o cotidiano. A imagem produzida do lugar; |
| V2e | (...) saímos do local com a alma muito leve. Em todos os momentos da viagem deu para perceber o crescimento do grupo, tanto na parte teórica quanto na prática, as parcerias e a união fizeram com que nos aproximássemos ao vôo dos gansos. |
| V3e | (...) milagre de unir uma turma tão conturbada. Evoluí muito como pessoa, consegui sair da cegueira em que vivia, não preciso mais sair à procura de novas paisagens, vejo as já existentes com outros olhos, com calma que o dia-a-dia corrido, proíbe-me de ver... hoje consigo ver as belezas da minha cidade, detalhes que nunca havia notado. A turma deve ser analisada do Daniel em diante, pois, houve um crescimento do grupo qualitativo, em todos os alunos. Hoje consigo planejar meu dia, positivamente e realizar o que desejo no final dele... ...Viver e não ter a vergonha de ser feliz... cantar e ... na beleza de ser um eterno aprendiz... ... se chorei ou se sorri... o importante é que emoções eu vivi...” |
| V2f | Esta viagem foi o início de uma grande harmonia entre o grupo, serviu para eu conhecer mais e entender as demais pessoas ao meu redor. (...) estou tendo a oportunidade de melhorar e viver Feliz... Sou feliz e agora é mais fácil aceitar as pessoas como elas são. (...) estou sendo mais feliz nessa nova etapa da minha vida. |
| V3f | Nestas viagens eu pude testar minha paciência (...)tenho a oportunidade de ver coisas em meus colegas que eu vou procurar não fazer, pois é uma forma de crescer. |
| V2g | (...) tivemos o tempo todo a integração do grupo. |
| V2/V3h | Hoje viajar para mim tem outro significado (...) Tornei-me mais sensível, sabendo apreciar cada lugar na sua totalidade (...consegui integrar a nossa turma, trazendo o |

| | |
|--------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| | equilíbrio (...) existem dois tempos: antes do Daniel e depois do Daniel. |
| V2/V3g | (...) descobrir os encantos de cada recanto é um presente pra alma. |
| V2/V3i | (...) mudei o jeito de olhar as coisas, passei de artificial para minuciosa, vejo detalhes e paisagens que antes não notava. (...) aos poucos conhecendo e respeitando o jeito de cada um, são experiências únicas. |
| V2/V3j | (...) fez com que os conhecesse melhor, com suas qualidades e defeitos, talentos e limitações. (...)acredito que foi um exercício de tolerância, que me ensinou a respeitar e a aceitar melhor as pessoas como são, com diferenças (...)andar por uma trilha com os olhos vendados e guiada por uma colega, me fez perceber o quão pequenos somos e que na vida, como naquela situação, precisamos uns dos outros. |

Ilustração 14: Categorias do contexto 03
Org. Daniel Botelho

5.7 Interpretando as viagens dos viajantes na Costa Doce

Como disse Fernando Pessoa, as viagens são os viajantes, isto é, as viagens são os caminhos para o encontro consigo mesmo, um caminho que se percorre ao fazermos uma viagem interior. Noto que os viajantes em algum momento encontraram nas viagens suas lembranças, suas histórias e as sensações do seu ser íntimo ao identificar no lugar algo seu. Como salienta uma das viajantes (...) *uma das melhores sensações que senti na vida, me identifiquei com o jeito deles de levar a vida, exercitando o ser e não o ter (...)*⁸³, esse despertar do ser interior é como (re)conectar-se e ao fazer essa viagem interior, as emoções são fortes, as quais por vezes são difíceis de externar, bem como disse outra viajante (...) *na Trilha Jardim, onde afloraram os melhores sentimentos e emoções, que sequer consigo descrever o quanto (...)*⁸⁴.

Na expectativa de humanizar a viagem, entendo ser preciso que cada viajante busque em si os significados do lugar, para poder então mergulhar na bruma dos sonhos e alimentar a memória, como o recordar da *infância (...)* *em muitos momentos pude resgatar a fase mais linda e pura da minha vida, a infância. Retrocedi quando cavalgava (...)* *lembranças de uma vida feliz e despreocupada (...)*⁸⁵. Esse momento de voltar à infância e de aflorar as sensações e emoções é um momento de leveza da alma, possibilitando nessa viagem um estímulo ao ser humano como entidade absoluta, evitando os fragmentos de um ser-trabalho, um ser-universitário, um ser-casa, um ser-férias. Ninguém escapa a si, e nessa perspectiva onírica das viagens é possível sentir a leveza do “ser uno”, capaz de incorporar a leveza de uma viagem à sua vida cotidiana.

⁸³ V2e

⁸⁴ V2/V3 h

⁸⁵ V2/V3g

Para esse processo de humanização das viagens turísticas, identifico a idéia de uma educação ambiental no turismo, tendo em vista que, nesse momento de encontrar-se a si próprio, o homem gera uma consciência do ser em si, como é possível observar nos fragmentos dos textos. Essa idéia do encontro de si próprio como princípio para uma educação ambiental, no contexto dessa pesquisa, é apresentado nos referenciais propostos. Noto que a educação ambiental é inicialmente uma ação individual, como uma tomada de consciência, para então, esta ação se estender nas suas relações estabelecidas no cotidiano. Para tanto, é preciso estimular, no ser humano, o ser feliz, o ser que sonha e cria outras possibilidades.

As viagens são o que somos daquilo que constitui nossa memória, nossos sonhos e nossa alma. As imagens internalizadas se externalizam na estranheza das imagens dos outros lugares. Nós somos a lente dos lugares, a nossa capacidade sonhadora é um acordar a consciência que se revela a nós em uma viagem, a viagem interior, capaz de nos abre a porta das sensações e despertar em nós o olfato, o tato, a visão e o paladar, os quais (re)encontramos nos lugares por que passamos.

Esse (re)encontrar nada mais é que permitir a si mesmo sentir os lugares na sua singularidade, é experimentá-los como um aventureiro e vivenciá-los em comunhão. Na viagem interior, percorremos os caminhos de uma viagem mais humana, pois ela é a fusão de ser interior com o exterior do outro. As viagens podem, assim, garantir o sentido para perceber os lugares e identificá-los com os nossos lugares de memória, garantindo por meio dessa viagem turística, um turismo com caminhos à sustentabilidade.

Nessa idéia de sustentabilidade, é preciso o autoconhecimento, para , então, ao respeitar a si, respeitar os outros e as outras formas de vida. Essa afirmativa segue a imagem onírica de que (...) *as viagens são os viajantes. O que vemos, não é o que vemos, senão o que somos (...)*⁸⁶, uma idéia expressa pelos viajantes (a, b, c, d). A descrição das imagens revela o ser íntimo, os elementos que fazem a sua constituição enquanto seres humanos, externando, com poesia, o desvelamento dos lugares, pois conhecer um local requer temperá-lo com a alma, com a emoção de um sonhador.

Nesse processo, percebo que o princípio de educação ambiental está em possibilitar, estimular e facilitar que o viajante se revele, para, então, poder assumir uma nova postura frente à ordem social, cultural, econômica e ecológica do mundo

⁸⁶ Fernando Pessoa, citado por Rodrigues, 1999 p. 77

atual. Para adotar esse outro olhar, é preciso primeiro conhecer nossa geografia, nosso ser, como um caminho ao encontro das nossas emoções. Essa é a idéia de um ser humano que carrega no seu cotidiano o onirismo: é preciso sonhar com outras possibilidades para o dia-a-dia, *(re)* inventá-lo, *(re)* recriá-lo e *(re)* descobri-lo como possibilidade de crescimento individual e coletivo. As expressões grifadas entre parênteses salientam a nossa possibilidade de criar, inventar e descobrir e, mesmo assim, estar sempre fazendo o caminho novamente. Se a cada caminho o viajante se redescobre e incorpora novas emoções, o caminho dessa viagem é um fazer constante, por isso *(re)* inventar, *(re)* criar e *(re)* descobrir, como na expressão de uma viajante de reconhecer-se como um ser em crescimento.

Nas estratégias descritas nos itinerários, observo ser possível aceitar as idéias de interpretação, conforme foi apresentado. Essas propostas desenvolvidas pelo guia-educador buscam a realização de uma viagem com a alma, com emoção e poesia. Não apenas a utilização da poesia como um elemento lúdico nas viagens, mas trabalhar com a perspectiva da poesia dos lugares. Os elementos dessa viagem com a alma que proponho como guia-educador estarão em conduzir os viajantes ao caminho que leva ao encontro consigo mesmo, partindo daí para as descobertas do lugar, por meio da interação com o lugar ao despertar os sentidos de primeira mão: tato, olfato, audição, visão, paladar, e o contato com os habitantes do local.

Proponho, como guia-educador, aguçar a imaginação⁸⁷, permitir que o viajante encontre o sonho desperto e não tenha medo de ser feliz. As propostas são como exercícios para o ócio criativo, consideradas pelos manuais de turismo como programas de animação turística. Considero, no contexto desta pesquisa, a animação da alma. Estimulá-la significa tocar e tocar-se; sentir os perfumes e ser o perfume; escutar e escutar-se; olhar e olhar-se, provar os sabores e saborear-se. Daí a viagem tomar o significado de ir ao encontro do outro, como disse a viajante (...) *exercitar a alma de todos os passageiros. Viajar contigo é flutuar, é chorar de alegria, dar gargalhadas e, ao mesmo tempo, aprender entre outras coisas o valor do habitante local, ouvir deles experiências locais (...)*⁸⁸.

Essa proposta de uma viagem turística mais humana exige um esforço inventivo, portanto não existem receitas. Requer utilizar, como instrumentos, a

⁸⁷ Conforme Rodrigues (1999 p. 254) quando a imaginação age, a percepção se aguça, a lembrança e a memória se desprendem da rigidez de um passado estático, numa ruptura com o hábito, com o cotidiano, preparando-se para espantar-se diante do mundo a ser percebido.

⁸⁸ V2/V3g

poesia, música, pintura, escultura e experiências nos lugares visitados, isso é, estimular o olhar do viajante, nele repousando a lente para captar o lugar, por meio das suas próprias emoções e sensações e não mais aquelas pré-estabelecidas. Mas desejando que cada viajante encontre o seu olhar no lugar.

As experiências com os viajantes na Costa Doce apresentam um processo de integração e captação dos diferentes elementos que configuram o lugar, bem como o sentido de surpresa de uma viagem que instiga a perceber novos lugares e a querer realizar novas viagens. Entendo que, para os viajantes, os itinerários propostos servem como um instrumento de aprendizagem, capaz de instigar e despertar para um novo olhar, como salientou uma viajante (...) *mais uma viagem de aprendizado (...) as viagens servem para aprendizado (...)*⁸⁹. Ainda sobre esta perspectiva de apreender e despertar, outra viajante externou (...) *despertar sentimentos e fazer com que minha percepção se tornasse mais apurada. (...) vários momentos senti-me inserida no contexto (...) consigo entender mais os diferentes lugares, ver e entrar em sintonia com a beleza que ali se encontra e que não percebemos sem esse despertar. (...) ensinou-nos a ver com outros olhos as diferenças de cada um, buscando sempre o lado melhor (...)*⁹⁰. Nesse último comentário, saliento a idéia de estimular a ver, nos outros, as diferenças de cada um, buscando sempre o nosso melhor. Essa idéia, considero uma referência à educação ambiental, a de possuir outros olhos e entender que os lugares não são apenas os elementos físicos (naturais ou construídos), mas sim, a interação das diferenças entre os seres humanos e seu convívio com os lugares.

Ainda no campo das estratégias saliento o comentário (...) *a harmonia, a dinâmica aplicada, o entrosamento, o comprometimento, o crescimento, o profissionalismo. (...) um lugar simples torna-se grandioso, a maneira como a localidade é mostrada, as atividades que são desenvolvidas, todos esses fatores são responsáveis pelo bom andamento das atividades propostas. Interagir com a população local (...) ver, sentir, provar e tocar são habilidades necessárias para que consigamos distinguir uma localidade e assim registrá-la na nossa memória (...)*⁹¹. Identifico os propósitos de uma humanização das viagens que pretende integrar a essa lógica de fruição consumista os sentidos de harmonia, entrosamento,

⁸⁹ V3f

⁹⁰ V2/V3h

⁹¹ V3e

comprometimento e crescimento. Com as dinâmicas do guia-educador, torna-se possível provocar tais sentimentos no viajante, a partir dos elementos fundamentais à existência humana: os nossos sentidos. Percebo aqui a realização da passagem de uma viagem turística de *ver* para uma viagem turística de *perceber*. Nesse processo de percepção imaginária⁹² dos lugares, nessa perspectiva de uma viagem com a alma, *jogamos nossas redes e pescamos memória*⁹³, como disse uma viajante.

Nas estratégias utilizadas verifico a aplicação de uma educação ambiental na viagem turística como instrumento para perceber os lugares. É nela que repousa a idéia, apresentada por Santos e Sato (2001), de uma intencionalidade para gerar novos vínculos com o ambiente imediato, seja ele natural, construído, espacial ou temporal, através de uma ética particular. Igualmente a contribuição para uma viagem que encontre outros caminhos, diferentes daqueles do consumismo desenfreado, conforme salienta Mininni (2000) na sua abordagem à educação ambiental.

Os resultados das estratégias utilizadas nos itinerários propostos vão ao encontro dos ideais da educação ambiental, por evidenciar o despertar onírico quanto aos lugares visitados. Esse despertar não significa aqui o devaneio ditado pelo senso comum, mas um momento em que a alma poetiza a nossa experiência, para como poetas sonhadores, percebemos as nuances de um lugar. Afirmando isso dada a configuração poética de alguns textos e a explosão de emoções e sentimentos vivenciados pelo guia-educador durante e após essas viagens.

Os viajantes poetas e sonhadores explicitam esse momento em que nosso espírito é alimentado pela alma. Os fragmentos selecionados servem para ilustrar e comprovar que vale a pena assumirmos os riscos de reinvenção das viagens turísticas, para percebermos com outros olhos, os lugares visitados como diz o filósofo: *para gostar de partir, é preciso saber desprender da vida cotidiana. O gosto pelas viagens decorre do gosto por imaginar*⁹⁴. Nesse sentido é que saliento essa imagem por meio das imagens dos viajantes na Costa Doce.

⁹² Conforme salienta Rodrigues (1999 p. 256) ao sermos inseridos na percepção imaginária vamos compreendendo o quanto a percepção habitual cega e ensurdece. Por outro lado, as imagens excessivas despertam a sensibilidade imaginária, acordam os sentidos para uma atenção concentrada diante do mundo.

⁹³ V1a

⁹⁴ Edgar Poe, citado por Rodrigues, 1999 p.83

Para descrever este lugar, é preciso refletir sobre o tempo... tempo que leva para chegar no horizonte. Tempo de espera; tempo passado; tempo esquecido; tempo perdido; tempo sem medida; tempo retido, contido, guardado... Escondido em ruas estreitas. Paredes desfeitas, escariolas perfeitas; tempo de cumplicidade... que guarda segredos e história; tempo de traição com sua gente... que revelam nos rostos e nas mãos marcas de um tempo maior que o tempo passado. E agora? Agora é tempo de jogar as redes e pescar... memória (V1a).

Que lugar é este? Lugar de muitos, lugar de poucos... Muitas cores, pouca conservação; muitos curiosos, poucas atrações; muita história, pouca memória; muita luta, pouco estranheza; muitas vidas, pouca sorte; muitos sonhos, poucos destinos; muito tempo, pouca consciência; muitos olhares perdidos, mas poucos passos incertos; muito passado, mas pouco presente (V1b).

Antiga cidade, poucos habitantes, ruínas que guardam uma história de pessoas que ali passaram, viveram, morreram. Marcando toda uma geração vindoura. E agora quem lá habita reconstrói estas ruínas/paredes, juntando o tijolo com a história, com a vida, “eternizando”, cada vez mais, o que passou. O que aconteceu por lá (V1c).

Essas formas poéticas de falar sobre o lugar referem-se aos viajantes do itinerário I, estudantes de curso de Artes Visuais. Salientar essa contribuição não significa acreditar que todos os viajantes terão condições de redação igual, pois a organização do conhecimento, as habilidades diferem de viajante para viajante. Pode-se identificar é que, dentre os viajantes do primeiro itinerário, alguns apresentaram textos mais poéticos que outros, mas é fato que todos os viajantes dos três itinerários, aqui em análise, externaram suas emoções, seus sonhos e suas poesias.

Nessa perspectiva de um viajante sonhador e poeta, daquele que experiência os momentos com todos os seus sentidos, estaremos promovendo outras atitudes, outros olhares, para o ser em si e desse para com o seu entorno. As mudanças de atitudes no caso em análise são evidentes no grupo de viajantes dos itinerários II e III, com os quais o contato foi mais periódico após a realização das viagens, mas também se evidencia essa perspectiva de mudança através dos comentários deles. Por exemplo, a idéia de que a viagem (...) *fez com que os conhecesse melhor, com suas qualidades e defeitos, talentos e limitações. (...) acredito que foi um exercício de tolerância, que me ensinou a respeitar e a aceitar melhor as pessoas como são, com diferenças (...) andar por uma trilha com os olhos vendados e guiada por uma*

*colega, me fez perceber o quão pequenos somos e que na vida, como naquela situação, precisamos uns dos outros (...)*⁹⁵.

A mudança de atitudes e valores é o resultado desse processo perceptivo com o lugar, é o aprender a olhar. Esse processo é estimulado pelo que preconiza a educação ambiental, conforme foi apontado no capítulo IV. Segundo esses referenciais teóricos, a educação ambiental fomenta novas atitudes nos sujeitos, como mediadora das qualidades e capacidades necessárias à ação transformadora, um processo por meio do qual o indivíduo e a coletividade constroem valores, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente. Assim é possível estimular a solidariedade, a igualdade, a recuperação, o reconhecimento e o respeito na utilização da história e da cultura local.

As estratégias utilizadas levaram esse despertar na viajante (v) a qual tem mudado o seu comportamento, bem como todo o grupo de viajantes, dos itinerários II e III, igualmente aqueles não inseridos na pesquisa. É notório o sentimento de harmonia, solidariedade e maior integração do grupo, sendo possível evidenciar a constituição do guia-educador ambiental. Por meio das estratégias utilizadas nas viagens é que os viajantes externaram (...) *esta viagem foi o início de uma grande harmonia entre o grupo, serviu para eu conhecer mais e entender as demais pessoas ao meu redor. (...) conseguiu integrar a nossa turma, trazendo o equilíbrio (...) existem dois tempos: antes do Daniel e depois do Daniel (...) milagre de unir uma turma tão conturbada (...). Em todos os momentos da viagem deu para perceber o crescimento do grupo, tanto na parte teórica quanto na prática, as parcerias e a união fez com que nos aproximássemos ao vôo dos gansos (...) tivemos o tempo todo a integração do grupo (...)*⁹⁶.

Essas expressões e sentimentos representam momentos de mudança de atitudes, as quais se pode levar para o cotidiano e possibilitar outros exercícios a partir da idéia de humanização da viagem, uma perspectiva de uma educação ambiental não-formal na viagem turística. Verifico ainda que as viagens inferem sobre os aspectos psicológicos, sociológicos e educativos, como foi apresentado na figura 05. Para tanto, é preciso compreendê-las como um momento para experimentar outras possibilidades, despertar surpresas, como disse o viajante: essa

⁹⁵ V2/V3j

⁹⁶ V2f

viagem (...) *certamente instiga próximos passeios, que guardarão surpresas ainda mais interessantes no futuro. Caminhar tranqüilamente em ruas às vezes bastante estreitas, horas não, respirar história, sentir o cotidiano*⁹⁷.

A perspectiva de uma outra atitude no viajante, não se define apenas pelas mudanças qualitativas do grupo de viajantes dos itinerários II e III, mas observo que o despertar individual também foi relevante: (...) *saímos do local com a alma muito leve (...)*⁹⁸ *evolui muito como pessoa, consegui sair da cegueira em que vivia, não preciso mais sair à procura de novas paisagens, vejo as já existentes com outros olhos, com calma que o dia-a-dia corrido proíbe-me de ver ... hoje consigo ver as belezas da minha cidade, detalhes que nunca havia notado (...)*⁹⁹ (...) *estou tendo a oportunidade de melhorar e viver feliz.. Sou feliz e agora é mais fácil aceitar as pessoas como elas são. (...) estou sendo mais feliz nessa nova etapa da minha vida (...)*¹⁰⁰ *Hoje viajar para mim tem outro significado (...) Tornei-me mais sensível, sabendo apreciar cada lugar na tua totalidade (...)*¹⁰¹ *descobrir os encantos de cada recanto é um presente pra alma (...)*¹⁰² *mudei o jeito de olhar as coisas, passei de artificial para minuciosa, vejo detalhes e paisagens que antes não notava. (...) aos poucos conhecendo e respeitando o jeito de cada um, são experiências únicas (...)*¹⁰³.

Noto que o esforço de proporcionar outras formas de viajar é importante para ter a atitude de olhar, como disse a viajante, *sair da cegueira do mundo*¹⁰⁴ que nos invade e que atropela nosso cotidiano, não com isso admitir que toda viagem seja uma contribuição para a mudança de atitudes e valores frente às relações entre os seres humanos e seu entorno, de que tanto se fala nos textos da educação ambiental. Mas que toda a viagem constituída em uma perspectiva humana poderá, sim, contribuir para os viajantes despertem. Uma atitude, por mais íntima que seja, se refletirá no outro e com o outro, permitindo mudanças locais e, nesse caminho, sendo capaz de mudar sensivelmente esferas da sociedade. Não são apenas os relatos desses viajantes que estimulam a acreditar que as práticas do guia-educador, hoje, incorporam os princípios da educação ambiental. Além desses relatos, as imagens

⁹⁷ V1d

⁹⁸ V2e

⁹⁹ V3e

¹⁰⁰ V2f

¹⁰¹ V2/V3h

¹⁰² V2/V3g

¹⁰³ V2/V3i

¹⁰⁴ V3e

produzidas pelos estudantes de artes são uma contribuição dessa atitude, desse desprender-se para encontrar-se.

Essas viagens, não medidas pelas formas dominantes dos roteiros rígidos, reinventam o ser feliz, sonhador e poeta que existe em nós essa. Essa é a viagem no tempo, *mas não do lado de cá do tempo, onde contamos por horas, dias e meses; foi do outro lado do tempo que eu viajei, onde o tempo se conta não por medida. Decorre, mas sem que seja possível medi-lo*¹⁰⁵. As imagens produzidas do itinerário I, representam, nesse contexto, uma atitude frente às viagens, pois somente por meio da nossa experiência elas foram externalizadas; representam o esforço de integrar o conhecimento e o desenvolvimento das habilidades. Os viajantes se entregaram à viagem e dessa entrega reproduziram suas emoções. Ao reproduzi-las em imagens artísticas, provam ter sido a viagem um estímulo a uma atitude. Esse é um resultado do que foi provocado pelo guia-educador ambiental. Essas imagens são a expressão do perceber desses viajantes que, após um mergulho em si, poetizaram o lugar visitado. Nesse lado do tempo, dominado, aqui, pelo onirismo se estimula atitudes e valores para uma relação mais harmoniosa com o universo em que o ser humano está inserido, por vezes escondido no corre-corre diário. Para a abordagem da educação ambiental nas viagens turísticas, essa é a essência do humano.

As experiências com os viajantes na Costa Doce permitem abrir a porta das sensações do guia-educador para constituir-se em um guia-educador ambiental. Nesse lado do tempo é permitido imaginar, criar e reinventar as possibilidades para uma outra viagem turística, na certeza de que os passos jamais serão os mesmos e de que só percebendo se têm outras atitudes e valores afetivos com o que interagimos.

Nesse esforço de interpretação das emoções dos viajantes da Costa Doce, verifico os vestígios das questões propostas para averiguar o problema de pesquisa. Primeiro, as viagens proporcionaram aos viajantes o encontro consigo mesmo, ao resgatar sua infância e seus lugares de memória. Segundo, as estratégias utilizadas pelo guia-educador ambiental permitiram um processo educativo para olhar o lugar com a alma. Terceiro, ao desvelar outras possibilidades na viagem os viajantes estabeleceram laços afetivos com o lugar e demonstraram outras atitudes sobre a relação eu-lugar-outro, levando-nos a acreditar na possibilidade de inserir no seu

¹⁰⁵ Fernando Pessoa, citado por Rodrigues 1999, p.81

cotidiano outros valores e novas atitudes em prol do convívio em comunhão com seu entorno, seja ele sua casa, sua rua, sua cidade, seu grupo social.

Considero esse exercício de humanização das viagens turísticas estar intimamente relacionado à educação ambiental. Para a abordagem utilizada para essa pesquisa, é uma ação sinérgica e processual que nutre os laços afetivos da vida cotidiana, permitindo a geração de valores e atitudes em prol do nosso ambiente, por meio da experiência interior e reflexiva da relação, eu–lugar–outro. Portanto, a educação ambiental nas viagens turísticas traduz o sentido de humanização das viagens, os vestígios estão aí, mas a viagem é constante, abrindo a possibilidade de novos mergulhos no mundo dos sonhos e sensações interiores.

Chego ao ponto de partida na continuidade de outros rumos para as viagens turísticas: a constituição do guia–educador ambiental. É necessária essa perspectiva, para estimular a educação ambiental nos espaços informais. Ao humanizarmos as viagens estaremos contribuindo para (re)pensar a sociedade atual. Não significa sanar todos os problemas, mas levar ao indivíduo a um momento de tomada de consciência de si, do outro e dos lugares, concorrendo assim, com os esforços para a sustentabilidade e habitabilidade do planeta, pois já não está mais na cabeça de todos que, um dia, um índio descera de uma estrela colorida brilhante para trazer a luz, é preciso perceber o índio existente em cada um de nós.

CONSIDERAÇÕES FINAIS DO GUIA–EDUCADOR AMBIENTAL

Perceber o que os outros não percebem pode parecer uma qualidade mas, muitas vezes, é um desconforto. Parece que o destino nos reserva o monólogo, ou o silêncio. Foi por isso que tive de me tornar geógrafo, um guia de turismo e, mais tarde, um professor. Foi meu ser imaginante que me direcionou a aprender a ensinar e a aprender a guiar outras pessoas por lugares inusitados e surpreendentes. Diante do purgatório de nossas vidas cotidianas, tornei-me instrumento para fazer surgir imagens no Paraíso. Eu, imaginante geógrafo-guia-professor, tenho nos últimos anos me tornado gestor de diferentes paisagens, as quais me forçam a compreendê-las em sua riqueza de detalhes. Por isso, comecei a ensinar a olhar o que todos vêem diante dos olhos adestrados pela televisão, e hoje me dou o direito de fazer uma viagem turística procurando musgos em casarios antigos e troncos de árvores com uma lupa de Sherlock Holmes reiventando em terras tupiniquins. E assim, nessa Avalon urbana e rural perdida no tempo que é a Costa Doce, pude ensinar aos viajantes de “lugares comuns” a olhar com uma lupa, forçando-os a cheirar casarios antigos e matas ciliares¹⁰⁶ como crianças que cheiram, apalpam, sacodem e escutam o invólucro de um brinquedo para tentar adivinhar seu conteúdo.

A realização desta pesquisa na área da Educação Ambiental e Turismo é o resultado da minha trajetória e do meu mundo de indagações e reinvenções, isto é, da minha percepção imaginária de guia–educador. Entender a minha prática profissional significou até aqui uma possibilidade para a (re)criação da minha vida profissional, social e pessoal.

Ao tratar de um tema rico, dadas as suas possibilidades de investigação, a educação ambiental no turismo por meio da humanização das viagens turísticas assumiu um papel referencial para a compreensão de como constitui o guia–educador ambiental. No atributo ambiental, as práticas do guia–educador se revelam como possibilidades de criação e reinvenção no turismo. Nessa investigação ficou clara a idéia do *encontrar-se a si* para perceber os lugares. Essa tomada de consciência do ser em si no processo perceptivo é também o resultado das propostas desenvolvidas e dos instrumentos utilizados nas minhas viagens turísticas, possibilitando identificar, em tais experiências turísticas, a contribuição para uma outra viagem turística.

¹⁰⁶ São as matas que acompanham as vertentes e cursos de água, matas típicas da região da Costa Doce.

Hoje entendo o porquê de procurar o Mestrado em Educação Ambiental, pois foi nele que consegui encontrar a mim mesmo. Ao procurar o vínculo da educação ambiental com o turismo na minha prática profissional, precisei enveredar pela minha história de vida, hoje com forte significado, sabendo ter sido ela um momento de tomada de consciência do que constitui a essência do guia-educador. Esse exercício me fez entender mais a minha história, o modo como cada ser compõe a sua história e, ainda, que carregamos a capacidade, de ser feliz, de ser um sonhador.

Ao mergulhar na viagem interior, redescobri a possibilidade de perceber nos novos sabores, nas novas cores e nos novos perfumes, a minha geografia e a minha congruência com o meu entorno, com o mundo criado a partir das minhas indagações, das minhas leituras, dos meus discursos, dos meus teóricos e do meu cotidiano, hoje imbricado com o teu e de outros que por mim passam no dia-a-dia.

Penso se algo mudou na minha vida? Não acredito que algo sério mudou, a mudança em mim é difícil de perceber, até porque não comungo com afirmativas como essa. Mas acredito que hoje me constituo dessa vivência com o Mestrado em Educação Ambiental, o qual me levou a alimentar meu ser com outras perspectivas teóricas, com outras experiências, com outros cidadãos e com outros profissionais. Aqui me conheço mais. Ao me construir com essa experiência, agrego ao geógrafo, ao guia de turismo e ao educador da área de turismo, o atributo ambiental, sem medo de ser feliz, possibilitando enfrentar novos desafios, oriundos dessa vivência.

Os desafios referem-se aos possíveis desconfortos que venham a surgir diante da abertura de outra perspectiva para as viagens turísticas, pois ela exige a criação de outros instrumentos de viagens, novas possibilidades de animação turística, desmitificação do turismo como a tábua de salvação para todos os problemas do mundo. Essa outra viagem exige mais comprometimento com o ser humano e suas “inter” e “intra-relações”, podendo dar mais trabalho e colocar em dúvida o que está nos manuais técnicos de formação de guias de turismo e agentes de viagens, bem como nos guias de auto-ajuda de turistas.

Este é um estímulo para, a cada dia, procurar mais evidências para a mudança dos rumos nas viagens turísticas. Quando percebo que estou me constituindo em um guia-educador ambiental, entendo este exercício seguir uma estimulante trajetória de “desconstrução” da viagem como possibilidade de construir outras maneiras de viajar e otimizar o desenvolvimento de laços afetivos dos visitantes e visitados com o meio ambiente.

A criação desses laços afetivos, eu a compreendo como o resultado do processo de educação ambiental para as viagens turísticas. Assumir tal postura frente à minha prática profissional requer um compromisso com toda uma história de ambientalismo no Brasil. Portanto, mesmo no momento de finalizar essa dissertação, já venho propondo uma abordagem ambiental nos trabalhos que começo a desenvolver na região sul. Este viés foi presente na minha trajetória, hoje assumo e chamo para o debate do turismo as propostas de humanização das viagens turísticas como instrumento para uma educação ambiental.

Os espaços nos quais desenvolvi essa investigação são espaços formais de educação, em que tenho a oportunidade de estar em contato direto com alunos-viajantes, sendo isso fundamental para encontrar as respostas que procurava. A imagem de alunos-viajantes significa que as viagens propostas os estimularam em outras experiências enquanto estudantes e enquanto viajantes, pois os papéis se confundiam em vários momentos, fato importante para estes alunos, na sua futura atuação como guia de turismo, estimular o desenvolvimento de viajantes-alunos.

O desenrolar desta outra viagem turística terá a capacidade de constituir o turista em um viajante-aluno, dada a capacidade de inserção da educação ambiental nesse espaço informal que é o turismo. Assim o turista estará realizando viagens mais humanas, mais ativas, capazes de, ao acordar a consciência do ser em si, despertar um outro olhar sobre as relações estabelecidas por ele no seu cotidiano.

Não pretendo, com o resultado desta pesquisa, criar um receituário ou manual de auto-ajuda para alunos-viajantes, ou tampouco para viajantes-alunos. Pelo contrário, quero provocar o desenvolvimento de novas e constantes experiências no campo das viagens turísticas. O que foi, até aqui, analisado, aponta para a possibilidade de inserirmos no turismo o atributo ambiental pela perspectiva da educação. Assim, esta outra viagem poderá contribuir para as propostas de sustentabilidade ambiental do planeta, e alavancar as ações propostas pelos programas de gestão ambiental desenvolvidos por redes hoteleiras, organizações não-governamentais e setor público, nos destinos turísticos.

Por outro lado, entendo o quanto é importante estimular o “ser feliz”, o “ser que sonha acordado”, o “ser onírico”. É na leveza da alma e do corpo que nos conhecemos mais, percorremos nossa geografia, nos sentimos visceralmente vivos com capacidade de celebrar o gozo de viver, para então começarmos a perceber aquilo que nos rodeia.

A viagem como perspectiva educativa é um processo, portanto, reitero o caráter de estar no ponto de partida para esta outra viagem. Construir e desconstruir é uma tarefa sem fim e a cada viagem novas informações poderão ser extraídas, para novas decisões gerarem novas ações, e assim, a cada dia, constituir o guia-educador ambiental.

As três teses de Krippendorf, escolhidas para a análise desta prática, são abrangentes e indicativas para construir das bases desta outra viagem turística, para instaurar debates e inaugurar outras viagens turísticas, sejam elas humanas, ambientais, alternativas, suaves ou de baixo impacto. Seja qual for a denominação dada, fica como sugestão considerar: o desenvolvimento da afetividade; o estímulo à mudança de atitudes e valores e a construção de conhecimentos.

Acredito que, ao desenvolver a afetividade dos viajantes pelos lugares visitados, estaremos sensibilizando-os, ponto de partida para o que defendi como a tomada de consciência do ser em si, a fim de reconhecer sua geografia. Na perspectiva de proporcionar momentos de afetividade pela imaginação criadora, estaremos despertando o ser feliz que se entrega a uma outra leitura da vida por meio da vivência e da troca de experiências com os lugares.

Neste transitar por outras experiências, proporcionadas pela educação ambiental nas viagens turísticas, estaremos contribuindo para um outro olhar, isto é, construindo instrumentos para os viajantes reinventarem o observar: ao encarar aos outros, definir valores e tomarem atitudes para um melhor caminho em suas vidas.

Nesta outra viagem turística, também encontro a idéia de construir o conhecimento por meio da ação dialogada entre os seres humanos. Assim vislumbro uma possibilidade para efetivar a educação ambiental em espaços não-formais como, no caso, o turismo. A educação ambiental nas viagens turísticas é um instrumento que permite abrir espaços para a percepção e, ao perceber, criar condições para uma tomada de consciência, uma possibilidade de libertação do viajante das amarras que tendem a acorrentá-lo a um modelo de turismo passivo.

Diante do que foi possível verificar com esta pesquisa, uma outra viagem turística é executável, assim como o acesso a uma educação ambiental em outros espaços, além daqueles dos projetos ecológicos. Afirmo ser nas rugosidades do sistema que teremos um rico campo de atuação. Se navegar é preciso, reinventar nossas práticas é praticável, possível para que novas atitudes e valores do “ser”

representem o o máximo alcançável de congruência com o equilíbrio dinâmico das relações estabelecidas na nossa vida.

BIBLIOGRAFIA CITADA

ANDRADE, Carlos Drummond de. “A suposta Existência”, In, “A paixão medida”. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1980, p. 14 – 16.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda Andrade e MARTINS, Maria Helena Pires. “Filosofando: introdução à filosofia”. São Paulo: Moderna, 1986.

BACHELARD, Gaston. “A poética do Devaneio”. São Paulo: Martins Fontes, 3. ed. 2001.

_____ “A poética do Espaço”. São Paulo. Martins Fontes, 1998.

BARRETO, Margarita “Manual de iniciação ao estudo do turismo” 2. ed. Campinas: Papirus, 1997.

BARROS, Maria Isabel Amando. “*Outdoor Education*: uma alternativa para a educação ambiental através do turismo de aventura”; In, SERRANO, Célia (Org) “A educação pelas pedras: ecoturismo e educação ambiental”. São Paulo: Chronos, 2000.

BOFF, Leonardo. “Ecologia: grito da terra – patrimônio comum”. São Paulo: Nobel, 1992.

CABEZUDO, Alicia. “Cidade educadora uma proposta para governos locais” In: GADOTTI, Moacir et. al. (Org.) “Cidade Educadora: princípios e experiências”. São Paulo: Cortez. Instituto Paulo Freire; Buenos Aires: Ciudades Educadoras. América Latina, 2004.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. “O Turismo e a produção do não-lugar” In: YÀZIGI, Eduardo et. al. (Org.) “Turismo, espaço, paisagem e cultura”. São Paulo: HUCITEC, 1996.

CAVACO, Carminda. “Turismo rural e desenvolvimento local” In: RODRIGUES, Adyr Balestreri (Org.). ”Turismo e geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais”. São Paulo: HUCITEC, 1997.

DIAS, Genebaldo Freire. “Educação Ambiental – Princípios e Práticas”. 8. ed. São Paulo: GAIA, 2003.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant’Ana. “Ecologia humana e planejamento em áreas costeiras”. São Paulo: NUPAUB – USP, 1996.

FERRARA, Lucrécia D. “O turismo dos deslocamentos virtuais” In: YÀZIGI, Eduardo et. al. (Org.) “Turismo, espaço, paisagem e cultura”. São Paulo: HUCITEC, 1996.

FREIRE, Ricardo. “Viaje na Viagem: auto-ajuda para turistas”. São Paulo: Mandarin, 1998.

FREITAS, Henrique Mello de Rodrigues e JANISSEK, Raquel. “Análise léxica e análise de conteúdo: técnicas complementares, seqüenciais e recorrentes para a exploração de dados qualitativos”. Porto Alegre: Sphinx, Sagra, 2000.

FUJIMOTO, Nina Simone Vilaverde Moura SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. “Morfogênese do relevo do Estado do Rio Grande do Sul”; In: BASSO, Luis Alberto SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes VERDUM, Roberto. (Org) “Rio Grande do Sul: paisagens e territórios em transformação”. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004.

GALEANO, Eduardo. “O livro dos abraços”. Porto Alegre: L&PM, 2000.

GALIAZZI, Maria do Carmo. “Caminhos metodológicos de pesquisa construídos em mergulhos dialógicos”. Artigo apresentado I Simpósio Sul Brasileiro de Educação Ambiental – Erechim RS, 2002.

GASTAL, Susana. “Turismo e Cultura: por uma relação sem diletantismos”; In: GASTAL, Susana (org) et. al. “Turismo: 9 propostas para um saber-fazer” Famecos PUC/RS. Porto Alegre: Ed. dos Autores, 1998.

GUATTARI, Felix. “As três ecologias”. 6. ed. Campinas: Papirus, 1997.

GUTIÉRREZ, Francisco. “Ecopedagogia e cidadania planetária”. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

KRIPPENDORF, Jost. “Sociologia do Turismo: uma nova compreensão do lazer e das viagens”. 2. ed. São Paulo: Aleph. 2001.

LABATE, Beatriz Caiuby. “A experiência do viajante – turista na contemporaneidade”; In: SERRANO, Célia BRUHNS, Heloisa Turini e LUCHIARI, Maria Tereza D. P. (Org) “Olhares contemporâneos sobre o turismo”. 2. ed. Campinas: Papirus, 2000.

MENDONÇA, Rita. “Turismo ou meio ambiente: uma falsa oposição?”; In: LEMOS, Amália Inês (Org.) “Turismo, impactos socioambientais”. São Paulo: HUCITEC, 1996.

MININI, Medina Naná. “A formação dos professores em educação ambiental” In: Textos sobre capacitação em educação ambiental. Oficina Panorama da Educação Ambiental, MEC-SEF-DPEF – coordenação de educação ambiental, Brasília, 2000.

MOLON, Susana Inês. “Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky”, Petrópolis: Vozes, 2003.

GOODEY, Brian MURTA, Stela Maris. “Interpretação do patrimônio para visitantes: um quadro conceitual”; In: ALBANO, Celina MURTA, Stela Maris (org) “Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar”. Belo Horizonte: Ed. UFMG Território Brasilis, 2002.

OSTROWER, Fayga. “Criatividade e processos de criação” 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

REIGOTA, Marcos “O que é educação ambiental?”, São Paulo: Brasiliense, 1994.

RODRIGUES, Adyr Balastreri. “Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar”, São Paulo: HUCITEC, 1997.

RODRIGUES, Victor Hugo Guimarães. “Por uma filosofia do espanto imaginário: uma tentativa de reconstrução - através das imagens poéticas – da formação do filósofo - sonhador numa perspectiva bachelardiana”. São Paulo: USP, 1999. (Tese de Doutorado).

SANTOS, Boaventura de Sousa. “Um discurso sobre as ciências”. 8. ed. Porto/Portugal: Edições Afrontamento, 1996.

SANTOS, José Eduardo e SATO, Michele. “Universidade e Ambientalismo – encontros não são despedidas”; In: SANTOS, José Eduardo e SATO, Michele “A contribuição da educação ambiental à esperança de pandora”. São Carlos/SP: RiMa, 2001.

SILVA, Cassandra Ribeiro “Metodologia e organização de projeto de pesquisa: guia prático”. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2004.

SÜSKIND, Patrick. “O perfume história de um assassino”. Rio de Janeiro: Record, 1985.

TOZZONI-REIS, Maria Freitas de Campos. “Educação Ambiental: referências teóricas no ensino superior”, Interface: comunicação, saúde e educação. v.5, nº9, Botucatu /SP: Unesp, 2001.

TUAN, Yi-Fu. “Geografia humanística”. Transcrito dos Annals of the Association of American Geographers, 66: (2), junho 1976. Título do original: Humanistic Geography. Tradução de Maria Helena Queiroz, In: CHRISTOFOLETTI, Antonio. “Perspectivas da Geografia”. São Paulo: DIFEL, 1992.

UEDA, Vanda e BOTELHO, Daniel. “Pelotas Colonial: programa de turismo eorural” In: I Seminário de pesquisa em Turismo do Mercosul. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2003.

YÀZIGI, Eduardo. “Vandalismo, paisagem e turismo no Brasil” In: YÀZIGI, Eduardo. et. al. (Org.) “Turismo, espaço, paisagem e cultura”. São Paulo: HUCITEC, 1996.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BOTELHO, Daniel Moraes. “Turismo: uma reflexão, uma alternativa artesanal São José do Norte / RS”. Rio Grande: FURG. 1997 (Monografia)

CHAUÍ, Marilena. “Convite à filosofia”, São Paulo: Ática, 2000.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza. “Introdução à geografia do turismo”, São Paulo: Roca, 2001.

EMBRATUR “Manual operacional de turismo rural”. MICT, Brasília/DF, 1998.

FIALHO, Marcos Antonio Verardi e SCHNEIDER, Sergio. “Atividades não-agrícolas e turismo rural no Rio Grande do Sul”; In: RIEDL, Mário e ALMEIDA, Joaquim Anécio. “Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento”. Bauru/SP: EDUSC, 2000.

FONTES, Marco Aurélio Leite et. al. (Org) “Ecoturismo e Interpretações”. Textos acadêmicos. UFLA/FAEPE, 2003.

FREITAS, José Vicente e Galiazzi, Maria do Carmo (org.) “Metodologias Emergentes de Pesquisa em Educação Ambiental”. Ijuí. Ed. Unijuí, 2005.

GALEANO, Alex SILVA, Aldo Aloísio Dantas (Org) “Geografia: ciência do complexus: ensaios transdisciplinares”. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. (org.) “Identidades da educação ambiental brasileira”. Brasília. Ministério do Meio Ambiente, 2004.

MORIN, Edgar. “A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento”. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

PETROCCHI, Mário “Turismo Planejamento e Gestão”. São Paulo: Futura, 1998.

PIRES, Paulo dos Santos. “A paisagem rural como recurso turístico”; In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri. (Org.) “Turismo rural: práticas e perspectivas”, São Paulo: Contexto, 2001.

PORTUGUEZ, Anderson Pereira. “Consumo e espaço: turismo, lazer e outros temas”. São Paulo: Roca, 2001.

RODRIGUES, Ivone da Silva. “Avaliação da paisagem para fins de desenvolvimento turístico”; In: RIEDL, Mário e ALMEIDA, Joaquim Anécio “Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento”. Bauru/SP: EDUSC, 2000.

RUSCHMANN, Dóris. “O Planejamento do Turismo e a proteção ao meio ambiente”, São Paulo: Papirus. 1996.

SANTOS, Milton “A natureza do espaço: técnica e tempo razão e emoção”4. ed. São Paul: EDUSP, 2004.

BRHUNS, Heloisa Turini SERRANO, Célia (Org) “Viagens a Natureza: turismo, cultura e ambiente”. Campinas: Papirus, 1997.

SIGARDO, José Rafael “Espaço turístico e desenvolvimento no cone leste paulista”; In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri (Org.) “Turismo rural: práticas e perspectivas”, São Paulo: Contexto, 2001.

UEDA, Vanda, SOARES, Paulo Roberto e BOTELHO, Daniel “Nuevos escenarios y nuevos actores en el turismo: pensar y actuar desde una perspectiva sostenible” In: II Congresso Virtual de Turismo Cultural, Buenos Aires, Naya, 2003. Disponível em: http://www.naya.org.ar/turismo/congreso2003/ponencias/Vanda_Ueda.htm e www.naya.org.ar/turismo/congreso2003/autores.htm

UEDA, Vanda e VIGO, Maria Alda. “Recuperação do ambiente natural e urbano da Lagoa dos Patos em benefício do desenvolvimento da atividade turística em Pelotas/RS”; In: RODRIGUES, A. B. (org). Turismo e ambiente: reflexões e propostas. São Paulo: Hucitec, 1997.

VELASCO, Sírio Lopez. “Ética para o século XXI: rumo ao ecomunitarismo”. São Leopoldo/RS: Ed. Unisinos, 2003.

WEIL, Pierre. “Holística uma nova visão e abordagem do real”, São Paulo: Palas Athena, 1990.

XAVIER, Herbe “O campo da percepção geográfica para os estudos do turismo”. Revista eletrônica de turismo (RETUR). v.03 nº1 – Faculdade cinecista Presidente Kennedy, Belo Horizonte, 2004.

ZIMMERMANN, Adonis. “Turismo rural um modelo brasileiro”. Florianópolis: Ed. do Autor, 1996.

REGISTRO FOTOGRÁFICO DO ITINERÁRIO I



REGISTRO FOTOGRÁFICO DOS ITINERÁRIOS II E III

